



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

JULIANA DOS SANTOS LIMA

**FEIRANTES E NARRATIVAS DE IDENTIFICAÇÃO COM O LUGAR-FEIRA EM
DELMIRO GOUVEIA-AL: ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS E CULTURAIS DE
SOBREVIVÊNCIA**

Delmiro Gouveia – AL

2022

JULIANA DOS SANTOS LIMA

**FEIRANTES E NARRATIVAS DE IDENTIFICAÇÃO COM O LUGAR-FEIRA EM
DELMIRO GOUVEIA – AL: ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS E CULTURAIS DE
SOBREVIVÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC –
apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia
da Universidade Federal de Alagoas – UFAL,
Campus do Sertão, como requisito para obtenção do
título de Graduada em Geografia.

Orientador: Prof. Me. Kléber Costa da Silva

Delmiro Gouveia - AL

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

C331f Lima, Juliana dos Santos

Feirantes e narrativas de identificação com o Lugar-Feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência / Juliana dos Santos Lima. - 2022.

141 f. : il.

Orientação: Kléber Costa da Silva.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Lugar geográfico. 2. Lugar-Feira. 3. Feira livre. 4. Identidade e lugar. 5. Delmiro Gouveia – Alagoas. I. Silva, Kléber Costa da. II. Título.

CDU: 911.3

FOLHA DE AVALIAÇÃO

JULIANA DOS SANTOS LIMA

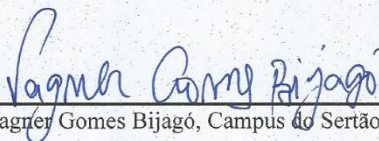
**FEIRANTES E NARRATIVAS DE IDENTIFICAÇÃO COM O LUGAR-FEIRA
EM DELMIRO GOUVEIA-AL: ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS E
CULTURAIS DE SOBREVIVÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação em Geografia –
Licenciatura – submetida ao corpo
docente da Universidade Federal de
Alagoas, Campus do Sertão, e
aprovada em 11 de outubro de 2022.

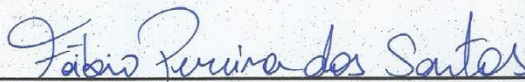
Banca Examinadora:



Prof. Me Kleber Costa da Silva, Universidade Federal de Alagoas (Orientador)



Prof. Me. Wagner Gomes Bijagó, Campus do Sertão, UFAL (Examinador Interno)



Prof. Esp. Fábio Pereira dos Santos (Examinador Externo)

Agradecimentos

Agradeço ao Deus transcendental que me sustenta, guia, ilumina e sempre mostra alternativas e possibilidades. Obrigada, Criador, pela força que tens me dado desde o ventre de minha mãe. Assim: *“Entrega teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele o fará”* (Salmos).

Agradeço a minha mãe, Adriana, por tudo, pela minha vida. Obrigada por entender as decisões que tenho tomado até então. Obrigada por ser tão presente e por me motivar tanto e em tudo que eu decida fazer. Agradeço também ao meu Pai, Celson, e aos meus irmãos Anderson e Alisson pelos laços de afetividade tão puros. Amo vocês infinitamente.

Agradeço a minha madrinha Célia e meu amigo Paulo Lima que me cederam abrigo durante mais de 4 anos de graduação. Sem vocês eu não teria nem ingressado no Curso, pois não teria condições de custear tantas despesas, não teria onde dormir, nem onde me aconchegar todos os dias da semana (às vezes até no sábado e domingo como se não bastasse). Muito obrigada, nunca poderei pagar o que fizeram e fazem por mim.

Agradeço aos meus amigos de sala: Cleber e Grazi, por estarem comigo sempre, desde o início do Curso. Vocês configuraram 100% da minha graduação. Obrigada por tudo, pela paciência e companheirismo que sempre tiveram junto a mim, obrigada pelos risos e pelo sofrimento compartilhado. Sou muito grata por vocês, meus “companheiros de luta” (como nos chamávamos entre si). A caminhada se tornou mais leve com vocês dois. Gratidão, do fundo do meu coração. Que possamos seguir juntos para além da Universidade. Amo vocês.

Agradeço imensamente aquela cuja amizade foi se configurando em meio a diversos significados, pequenos detalhes e demonstrações de afeto. Obrigada por ser quem você é – em matéria e essência – e obrigada por me aceitar como eu sou (em matéria e essência). Obrigada por acreditar tanto em mim e em tudo que ousar fazer. Nos damos bem porque existe respeito entre nós, sabemos das feridas que cada uma carrega no coração e das dificuldades (vivenciadas na Universidade e fora dela) que foram sendo amenizadas pelo elixir dos nossos laços tão singulares. Obrigada por ser uma luz na minha vida. Grata por tudo. Eu amo você, Alice Carla!

Agradeço a quem me ensinou a ser mais ativa ao invés de passiva. Obrigada por me transformar numa pessoa com “casca”, como você sempre me dizia. Obrigada por dividir sua vida comigo (acadêmica e particular), obrigada por me apoiar em tudo, absolutamente tudo, sem exceção. Obrigada por fazer questão de falar: *“tenho muito orgulho de você”* sempre que eu finalizava um trabalho ou vencida um desafio. Obrigada pela sinceridade. Pela amizade. A “caixeira viajante” conseguiu. Eu amo você, Michele!

Agradeço a quem já passou por muita coisa comigo. Definitivamente, você sofreu e me viu sofrer, sentiu e me viu sentir. Obrigada por me apoiar, por estar comigo em tantas ocasiões. Obrigada por me dar abrigo quando o ônibus não ia pra UFAL (lá vai eu pro Pariconha). Grata pelos conselhos que a gente trocava, embora não tivéssemos noção do que estávamos fazendo da vida. Obrigada por me tratar tão bem, por cuidar de mim, ser tão carinhosa e paciente. Eu amo você, Raquel!

Agradeço a quem soube perdoar as minhas falhas, faltas, ausências. A quem sempre teve paciência para esperar até que eu estivesse livre para que pudéssemos sair, assistir um filme ou ficar só olhando para cara uma da outra. Tive meu tempo tomado pelas necessidades do Curso e nem sempre dava a atenção que você merecia ter, fui ausente muitas vezes e momentos. Obrigada por sempre me entender (apesar das minhas faltas), me aconselhar, me ouvir e me amar sempre que juntas. Obrigada por demonstrar o seu amor por mim de todas as formas possíveis e demonstráveis no Universo. Obrigada por me fazer sentir importante e, sobretudo, forte. Obrigada por ter sido paciente, por caminhar e superar comigo cada fase que passei, principalmente nos últimos quatro anos (apesar dos meus defeitos, você sempre estava lá, você ficou comigo). Eu consegui, como você sempre me disse (você sempre sabe o que me dizer). Obrigada pelo infinito. Eu amo muito você, Sam!

Agradecimentos sejam dados com grande carinho aos amigos: Paulo Reis, Jana Paula, Kátia e Cleissiane por tudo que acrescentaram na minha vida! Grata pelas conversas sinceras que sempre tiveram comigo. Gratidão a minha companheira de sala, Daisy, pela disponibilidade, gentileza e paciência de sempre. Agradeço também ao meu amigo de sala, Anderson, que sempre foi parceiro e presente na minha vida. Vocês somaram.

Agradeço ao meu orientador Kléber Silva, que sempre teve paciência para sanar as minhas dúvidas quanto ao TCC e quanto as curiosidades da vida acadêmica. Obrigado pelas correções, pelos direcionamentos, pelas dicas e brincadeiras. O afloramento das minhas reflexões é fruto do seu trabalho e dedicação comigo, desde sempre. Não estou com tudo definido, mas sei ao menos por onde começar. Obrigado, você é um grandiosíssimo professor. E “*ramo, ramo*”. O TCC saiu.

Obrigada, UFAL Campus Sertão, por ofertar o Curso da minha vida, o meu amor, GEOGRAFIA! Todo mundo nasce para alguma coisa, e eu nasci para a Geografia. Por a vida não ser só flores, agradeço a mim por não ter desistido (*pausa para os aplausos*).

Para minha vó, que não está mais neste plano. Tenho certeza que seria a primeira a ler. Ela gostava muito de ler às tardes.

“Visível-vidente, tátil-tocante, sonoro-ouvinte/falante, meu corpo se vê vendo, se toca tocando, se escuta escutando e falando. Meu corpo não é uma coisa, não é máquina, não é feixe de ossos, músculos e sangue, não é uma rede de causa e efeitos, não é um receptáculo para uma alma ou para uma consciência: é meu modo fundamental de ser e de estar no mundo, de me relacionar com ele e de ele se relacionar comigo. Meu corpo é um sensível que sente e se sente, que sabe sentir e se sentindo. Meu corpo tem, como todos os entes, uma dimensão metafísica ou ontológica”.

Marilena Chauí (2009)

RESUMO

O conhecimento da identificação dos sujeitos com um Lugar geográfico pressupõe o conhecimento de algumas noções elementares. A necessidade de interpretação de fenômenos ligados aos processos de construção de significados do homem com o ambiente vivido exige a participação ativa e indispensável da Geografia, visto que seu principal objetivo enquanto Ciência diz respeito ao estudo da interação indissociável entre sociedade e natureza. Este trabalho tem como objetivo geral compreender como feirantes produzem narrativas ligadas a estratégias de sobrevivência e de participação sociais locais rumo à identificação com o lugar-feira na cidade de Delmiro Gouveia, Alagoas. Para a elaboração deste trabalho fizemos uso da pesquisa de campo para a obtenção de registros fotográficos. Junto a isso, aplicamos questionários e entrevistas buscando priorizar a metodologia qualitativa. Que se ressalte, também realizamos pesquisas bibliográficas que subsidiaram a elaboração e organização teórico-metodológica. Priorizamos a pesquisa qualitativa e de campo porque acreditamos que através de tais metodologias conseguimos alcançar um nível de detalhamento mais acentuado no que tange às informações coletadas. Além disso, consideramos que para que possamos entender algo ou alguma coisa é necessário, primeiramente, vivenciarmos, experimentarmos e observarmos para que posteriormente possamos traçar possíveis linhas e direcionamentos de interpretações acerca de determinados fenômenos. Para mais, foram organizados gráficos, tabelas e quadros com o objetivo de demonstrar alguns contextos vivenciados no Lugar-Feira. Entendemos que a feira é um universo extremamente rico e que não poderia ser apresentado *ipsis litteris* em sua forma, conteúdo e essência. Há neste trabalho um esforço na tentativa de interpretar e entender um pouco acerca dessa temática, visto as lacunas naturais de um trabalho de iniciação à pesquisa científica.

Palavras Chave: Feira livre. Lugar-Feira. Delmiro Gouveia. Interpretação.

ABSTRACT

The knowledge of the identification of subjects with a geographical Place presupposes the knowledge of some elementary notions. The need to interpret phenomena linked to the processes of construction of meaning of man with his lived environment requires the active and indispensable participation of Geography, since its main objective as a science concerns the study of the inseparable interaction between society and nature. The general objective of this work is to understand how market vendors produce narratives linked to local strategies of survival and social participation towards the identification with the marketplace in the city of Delmiro Gouveia, Alagoas. In order to elaborate this work we used field research to obtain photographic records. Together with this, we applied questionnaires and interviews seeking to prioritize the qualitative methodology. We also carried out bibliographic research that subsidized the theoretical and methodological elaboration and organization. We prioritized qualitative and field research because we believe that through such methodologies we were able to reach a higher level of detailing regarding the information collected. Besides, we believe that in order to understand something it is necessary to first experience, experiment, and observe so that we can later draw possible lines and interpretations about certain phenomena. Furthermore, graphs, tables, and charts were organized with the objective of demonstrating some of the contexts experienced at the Lugar-Feira. It should be emphasized that we understand that the fair is an extremely rich universe and that it could not be presented *ipsis litteris* in its form, content, and essence. This work is an effort in an attempt to interpret and understand a little about this theme, given the natural gaps in a work of initiation to scientific research.

Key word: Free Fair. Place-Fair. Delmiro Gouveia. Interpretation

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Diagrama 1 – Definição da noção de Lugar-Feira.....	46
Figura 1 – Mapa de Localização do Município de Delmiro Gouveia, Alagoas.....	54
Figura 2 – Núcleo Fabril da Pedra, 1920.....	56
Figura 3 – Fábrica de Linhas da Pedra da Companhia Agro Fabril Mercantil.....	57
Figura 4 – Antiga Feira-livre de Delmiro Gouveia – AL, 1948, na Rua Progresso.....	58
Figura 5 – Feira Livre no Bairro Eldorado, 1992, com o Mercado Público ao fundo.....	60
Figura 6 – Mapa de Localização da Feira, Bairro Eldorado, 2022.....	61
Figura 7 - Desapropriação da feira livre e o novo projeto de modernização em andamento.....	83
Figura 8 – Feira livre na avenida Juscelino Kubistchek, 2022.....	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Atores e atuações sociais desenvolvidas no Lugar-Feira em Delmiro Gouveia.....	64
Quadro 2 – Quantitativo de feirantes participantes da pesquisa através da entrevista.....	68
Quadro 3 – Quantitativo de feirantes participantes da pesquisa através do questionário.....	69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – A feira de Delmiro enquanto Lugar.....	70
Gráfico 2 – Vínculos dos feirantes com a feira livre.....	72
Gráfico 3 – Nível de escolaridade dos feirantes de Delmiro Gouveia.....	73
Gráfico 4 – Características que mais chamam a atenção dos feirantes.....	75
Gráfico 5 – A feira livre de Delmiro Gouveia como principal estratégia de sobrevivência.....	79
Gráfico 6 – Fatores que contribuíram para a escolha da profissão de feirante.....	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CHESF	Companhia Hidrelétrica do São Francisco
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS	21
1.1. O CONCEITO DE LUGAR NA GEOGRAFIA	21
1.2. IDENTIDADE E LUGAR.....	28
1.3. FEIRAS POPULARES E MERCADOS REGIONAIS	34
1.4. ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS E CULTURAIS DE SOBREVIVÊNCIA	41
1.5. A DEFINIÇÃO DA NOÇÃO DE LUGAR-FEIRA.....	47
CAPÍTULO 2 – O LUGAR-FEIRA DE DELMIRO GOUVEIA	56
2.1. A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO LUGAR-FEIRA EM DELMIRO GOUVEIA.....	56
2.2. ATORES E ATUAÇÕES SOCIAIS NO LUGAR-FEIRA DELMIRENSE	64
CAPÍTULO 3 – NARRATIVAS DE FEIRANTES ACERCA DA IDENTIFICAÇÃO COM O LUGAR-FEIRA LIGADAS AS ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS E CULTURAIS DE SOBREVIVÊNCIA	70
3.1 – ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS E CULTURAIS DE SOBREVIVÊNCIA NO LUGAR-FEIRA DE DELMIRO GOUVEIA.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	90

INTRODUÇÃO

O conhecimento da identificação dos sujeitos com um lugar geográfico pressupõe o acesso a algumas noções elementares. A necessidade de interpretação de fenômenos ligados ao processo de construção de significados dos sujeitos em relação ao ambiente, exige a participação direta e indispensável da Geografia. Esta, enquanto Ciência, tem como foco de estudos a interação indissociável entre sociedade e natureza.

Assim, com base em tal menção, propomos como problema para este trabalho o seguinte: como são apresentadas as narrativas de identificação com o Lugar-Feira em Delmiro Gouveia pelos feirantes e ligadas às estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência?

O primeiro contato com o tema “Feira Livre” surgiu através da apresentação de um artigo científico na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Sertão, nos primeiros períodos da graduação em Geografia. Comecei a ter interesse por questões voltadas à Identidade Territorial, a vínculos com o ambiente e a querer compreender como as pessoas se sentem ligadas com o local em que vivem. No caso específico do artigo que foi apresentado, o foco era compreender como os feirantes se sentiam ligados com o território da feira. Foi nessa apresentação que recebi sugestões que me ajudaram a lapidar meu foco de investigações, dando origem ao que hoje é o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Em uma das sugestões dada por um avaliador do evento, ouvi que “para estudar identidade, apego e vínculos, seria mais interessante trabalhar com a categoria de Lugar e não com a categoria de Território”.

A partir disso, aceitei a sugestão e modifiquei a categoria de análise de Território pela categoria de Lugar. Desde então, tenho me dedicado aos estudos que se enquadram nessa perspectiva simbólica. Que se ressalte, seria satisfatório estudar qualquer recorte geográfico, desde que estivesse trabalhando com as noções de Identidade, Lugar, Vínculos e Significados. Todavia, foi na feira livre de Delmiro Gouveia que visualizei de modo mais claro o cenário mais cativante a esta proposta de reflexão.

Este trabalho, como já mencionado, trata da feira livre e tem como objetivo geral compreender como feirantes produzem narrativas ligadas a estratégias de sobrevivência e de participação sociais locais rumo à identificação com o “lugar-feira” na cidade de Delmiro Gouveia, Alagoas.

Como objetivos específicos, propomos estudar aportes teórico-metodológicos que subsidiam o entendimento das noções de Lugar; Identidade e Identificação; Feiras e Mercados

Regionais; Estratégias Sociais de Sobrevivência e de Participação locais. Além disso, propomos investigar a constituição histórica do Lugar-Feira na cidade de Delmiro Gouveia; identificar e mapear os atores sociais envolvidos, sobretudo com foco nos feirantes que atuam no cotidiano do Lugar-Feira na cidade. Por fim, sugerimos também identificar e mapear, através do registro de narrativas, as estratégias sociais de sobrevivência e de participação locais e construir interpretações de narrativas sugeridas sobre como os atores sociais ligados à feira de Delmiro Gouveia se vinculam ao Lugar-Feira.

Enquanto recorte espacial, temos que a área de estudo está localizada na Cidade de Delmiro Gouveia, Alagoas, Região Nordeste do Brasil. O município supracitado faz parte da Mesorregião do Sertão Alagoano, Microrregião do Sertão do São Francisco e se localiza na latitude 9,38° Sul e longitude 37,99° Oeste. Importante destacar que o município de Delmiro Gouveia faz divisa com três estados, a saber: Bahia, Sergipe e Pernambuco.

Importante situar o leitor que, embora o cotidiano da feira-livre seja um “ponto fora da curva” das minhas vivências, senti a necessidade em trabalhar tal tema por entender que a feira, para além de um ponto comercial de trocas de mercadorias, é um lugar de vivências e de experiências geográficas, principalmente. Todavia, ao longo deste trabalho, veremos também que a feira se apresenta enquanto um importantíssimo lugar de trabalho e de estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência, com ênfase para aqueles que vivem em situação de informalidade. Sobretudo, a feira popular faz parte da cultura nordestina, dos sujeitos do “interior”, do cotidiano sertanejo.

A escolha em estudar a feira de Delmiro Gouveia, suscitou, dentre outras motivações, olhar para a função que o município e a cidade exercem na região geográfica imediata do Alto Sertão Alagoano, seja na oferta de bens e serviços, seja na questão de desenvolvimento regional. Delmiro Gouveia aparece em alguns pontos elencados pelo IBGE, principalmente no que diz respeito à economia, se comparada a outras cidades do Alto Sertão como, por exemplo, Água Branca, Pariconha, Inhapi, Mata Grande, Canapi e Olho d’água do Casado. Além disso, a ausência de trabalhos desenvolvidos numa perspectiva de análise mais voltada à interpretação de narrativas, estudos sobre Lugar e método fenomenológico, incentivou a produção deste trabalho.

Tivemos como sentido teórico-metodológico a fenomenologia, como já mencionado. Nas palavras de Graças (2000, p.28) tal método “propõe-se a investigar de forma direta as vivências humanas e compreendê-las, sem se prender a explicações causais ou a generalizações”. Para

mais, a autora acrescenta que o método fenomenológico abdica, quanto possível, de pressupostos, hipóteses ou teorias explicativas, para “ir-à-coisa-mesma”. Nesse sentido, para a fenomenologia é pertinente ir de encontro com as vivências e experiências dos indivíduos, evitando considerar como único e verdadeiro aquilo que se acha conhecer ou saber sobre determinado fenômeno.

Para a elaboração deste trabalho, recorreremos ao uso da pesquisa de campo para a obtenção de registros fotográficos. Junto a isso, aplicamos questionários e entrevistas buscando priorizar a metodologia qualitativa. Que se ressalte, também realizamos pesquisas bibliográficas que subsidiaram a elaboração e organização teórico-metodológica. Priorizamos a pesquisa qualitativa e de campo, porque acreditamos que através de tais metodologias conseguimos alcançar um nível de detalhamento riquíssimo no que se refere às informações coletadas. Além disso, consideramos que, para que possamos entender algo ou alguma coisa, é necessário primeiramente vivenciarmos, experimentarmos e observarmos para que depois disso possamos traçar possíveis linhas e direcionamentos de interpretações acerca de determinados fenômenos.

Feito tais esclarecimentos, é importante mencionar que o trabalho está desenhado em três capítulos, assumindo, portanto, a seguinte forma:

No primeiro capítulo apresentamos discussões acerca da categoria Lugar e tivemos como base teórica autores como: Yu-fu Tuan (2011), (2014) e (2018) que traz uma análise sobre a concepção de Lugar, que foi muito pertinente para a organização deste trabalho. Para tanto, o autor valoriza de modo particular os aspectos simbólicos do homem com a natureza e também dá ênfase à noção de Lugar enquanto algo que é construído, conhecido, vivido e experimentado. Trabalhamos também com os textos de Werther Holzer (1999) e (2003), que vai apresentar como a categoria de Lugar foi debatida no cerne de alguns paradigmas da Geografia.

Também apresentamos a noção de Identidade e para isso tivemos o suporte de autores fundamentais como: Castells (2018) que explica que a identidade é construída ao longo das vivências e atributos culturais. Contamos também com os escritos de Stuart Hall (2006) que vai propor os três tipos de identidade, a saber: a identidade do sujeito iluminista, sociológico e pós-moderno. Tivemos ainda a contribuição por parte dos escritos de Zigmunt Bauman (2005), que sugere que a identidade não é uma rocha, nem permanece intacta para toda vida, ela é passível de modificações. Por fim, nos valemos de Anthony Giddens (2003) que explica que a identidade é a capacidade de manter uma narrativa individual, apesar de tantas outras narrativas coletivas. Ou seja, mesmo em face de vivências e experiências compartilhadas há de existir algo pessoal, um fio único e singular. Esse fio único, singular e individual seria a identidade.

No que se refere às discussões voltadas a feiras populares e mercados regionais, tivemos como autores principais: Tavares (2017) que vai propor uma noção da feira enquanto Lugar de manifestações culturais, presença de identidades e valores. Recorremos também aos estudos realizados por Sá (2019), que explica que a feira é lócus de atividades econômicas e culturais, mas que também é Lugar de inclusão para sujeitos em situação de desemprego.

No que diz respeito às noções de estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência, recorremos ao estudo de Araújo (2011) que vai apresentar a feira enquanto uma importante estratégia de sobrevivência principalmente para os sujeitos que estão inseridos em um contexto de emprego informal.

Por fim, trabalhamos a noção de Lugar-Feira que, por ser resultado de exercícios de reflexão, não teve um único autor como base, mas vários autores que foram lidos ao longo da construção desta investigação. Entretanto, podemos destacar como elementares para a proposta dessa reflexão, autores como Yu-Fu Tuan (2011), (2014) e (2018); Tavares (2017); Araújo (2011); Holzer (1999), (2003) e Giddens (2003).

No segundo capítulo, demos ênfase às discussões voltadas à constituição histórica do Lugar-Feira em Delmiro Gouveia, onde buscamos apresentar o percurso histórico do surgimento do Lugar-Feira desde a chegada do Industrial Delmiro Gouveia até a atualidade. Para isso, tivemos como base Nascimento (2014), principalmente para o levantamento de registros fotográficos da antiga feira livre. Recorremos aos estudos de Santos (2018) e Souza (2017), que traçaram um panorama histórico dos processos de transferência da feira até o local onde ela está inserida atualmente. Importante citar a relevância dos escritos de Telma Correia (2007) que vai explicar de modo bastante aprofundado como se deu o surgimento da feira no município de Delmiro Gouveia a partir do homem Delmiro e da sua chegada no Sertão Alagoano.

Além disso, propomos a discussão acerca do que são atores sociais e quais são os atores que fazem parte do Lugar-Feira em Delmiro, e para isso tivemos o suporte de Gamalho (2016) e Gehlen et Mocelin (2018), principalmente.

Para o terceiro capítulo, reservamos as interpretações acerca das narrativas dos feirantes e da identificação com o Lugar-Feira em Delmiro Gouveia ligada as estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência. Neste capítulo, apresentamos algumas interpretações de narrativas junto com gráficos e ilustrações.

Que este Trabalho de Conclusão de Curso, fruto de iniciação à pesquisa científica, possa colaborar com as reflexões acerca das feiras populares que são Lugares singulares – em matéria e essência. Que as discussões aqui propostas possam servir de subsidio para estudantes e pesquisadores que se interessarem pela temática. Este trabalho, sobretudo, serviu a mim, pesquisadora e estudante de Geografia.

CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS

Pretendemos apresentar neste capítulo determinadas concepções acerca de Lugar, Identidade e Lugar, Feiras populares e Mercados regionais, Estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência e a definição da noção de Lugar-Feira.

Tais concepções sugerem um trajeto em direção à construção de uma reflexão geral pretendida neste trabalho. Para isso, considera-se fundamental construir aportes com base na afirmação de concepções e de sua relação com a proposta de interpretação empírica.

1.1. O CONCEITO DE LUGAR NA GEOGRAFIA

Lugar se refere à uma categoria de análise específica da Geografia. Outros sujeitos, entretanto, poderiam normalmente definir lugar como sendo, por exemplo, “a casa onde se vive”, “o apartamento em que se habita”, “a Universidade”, a “escola”, a “praça” etc. Verificamos, de início, que os conceitos estão naturalmente sujeitos a definições diversas, pois eles são reflexo de interpretações, vivências e contextos parciais ou totalmente distintos.

Na Geografia, o conceito de Lugar tem se ligado basicamente a dados contextos históricos. Leite (1998), por exemplo, reforça que Lugar foi e tem sido alvo de várias definições ao longo do tempo entre os mais variados campos do conhecimento, inclusive, na própria Geografia. Segundo ela, uma das mais antigas definições foi apresentada por Aristóteles na sua obra intitulada “*Física*”. Nesse contexto da obra de Aristóteles, Lugar fazia referência ao limite (medida) que determinado corpo poderia ocupar no espaço.

Dando continuidade às discussões acerca de Lugar, Holzer (2003, p.113) explica que

Lugar, conceito espacial que durante longo tempo foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado sítio. Devido a esta definição foi relegado a um plano secundário em relação a outros conceitos espaciais como paisagem, espaço e território. Hoje, no entanto, "lugar" é considerado conceito fundamental no estudo da geografia (2003, p.113).

A partir das contribuições de Holzer (2003) podemos verificar que o conceito de Lugar permaneceu em segundo plano por algum tempo. Com base no exposto, podemos observar que inicialmente a concepção de Lugar esteve diretamente ligada à ideia de localidade. Essa característica fez com que tal categoria fosse entendida como um local qualquer, um recorte geográfico aleatório no globo terrestre. Além disso, o imediatismo na associação entre lugar e

localidade fez com que as significações, as vivências, a afetividade e outros valores simbólicos nada tivessem a ver com o conceito. Lugar, seria, portanto, um recorte espacial sem significados.

Seguindo essa lógica, verificamos novamente em Holzer (2003, p. 63) que atualmente o conceito de lugar surge como um conceito-chave para o estudo da Geografia. Todavia, é importante ressaltar que Lugar só tende a ganhar notoriedade a partir da década de 1980. Dessa maneira, o autor complementa que “desde a implantação da geografia como disciplina acadêmica – a partir de uma ideia positivista da ciência – o lugar foi eventualmente estudado pelos geógrafos, mas sempre em um plano secundário” (HOLZER, 2003, p.63).

Que se ressalte, um caro exemplo dessa filiação é trazido por Moraes (1981, p. 04), quando explica que um primeiro ingrediente dessa ligação pode ser verificado na característica reducionista do mundo dos sentidos e, conseqüentemente, na restrição de todo trabalho científico ao domínio das aparências, ao que é palpável, tangível e passível de descrição. Desse modo, a Geografia Clássica esteve limitada ou fortemente ligada à descrição e ao ato de circunscrição da paisagem. A exemplo, Wizniewsky (2018, p. 15) reforça que, “...a Geografia, naquele momento, não tinha o intuito de ir além em suas abordagens, que eram meramente descritivas”.

Com o declínio da Geografia Clássica há o surgimento de uma nova Geografia, a Quantitativa. Para esta, é a organização espacial que passa a ter maior notoriedade no debate acadêmico e científico. Nesse contexto, Moraes (1981) sugere que o intuito geral da Geografia Quantitativa era o de uma renovação metodológica. Assim, ela objetivava novas técnicas e uma nova linguagem, mas não quaisquer técnicas e linguagens, mas aquelas capazes de responder efetivamente as novas tarefas postas pelo planejamento territorial.

A partir dos esclarecimentos trazidos por Moraes (1981), entendemos que para essa Geografia o conceito de lugar também esteve nitidamente distante do foco de análise. Estudar e refletir acerca de tal categoria não era viável para o contexto histórico de um Pós-Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, Lugar entendido até então como localidade, não aguçava a curiosidade dos estudiosos, pois não trazia respostas suficientemente plenas e convincentes para a resolução dos problemas daquele recorte temporal, especificamente.

À medida que a Geografia Quantitativa deixa de fornecer respostas equivalentes aos questionamentos de cunho social (psicológicos, afetivos) e também científicos, mais uma renovação começa a ganhar forma. Diferentemente das transformações anteriores, esta veio

para modificar os modos de se produzir conhecimento geográfico. A esta nova Geografia dá-se o nome de Movimento de Renovação da Geografia ou Geografia Radical.

Que se ressalte, essa nova “roupagem” modificou os modos de se pensar e fazer Geografia. Para mais, possibilitou a valorização do Lugar junto aos seus aspectos simbólicos. Entendemos que ela não se restringiu somente à um marco histórico na evolução do pensamento geográfico, mas surgiu enquanto nova base de referência teórica, metodológica e conceitual para a Geografia em sua totalidade.

Nesse sentido, consideramos importante destacar que essa renovação simbolizou uma separação entre o pensamento geográfico clássico e o moderno. Representou um recorte histórico-temporal entre o que se pensava e entre o que se pensa atualmente na Geografia.

Seguindo, retornamos novamente aos escritos de Wizniewsky (2018) para explicar que

...esta corrente do movimento de renovação da geografia questionou os procedimentos metodológicos e conceituais da Geografia Clássica ou Tradicional, além de criticar duramente a Geografia Teorética ou Quantitativa, pela sua superficialidade na busca de explicações dos fenômenos e da realidade. Isso ocorria pelo protagonismo das técnicas quantitativas ante a busca para as causas dos complexos problemas do mundo contemporâneo (Wizniewsky et al. 2018, p.22).

Nessa perspectiva, temos em Wizniewsky (2018) uma contribuição extremante relevante acerca da importância que o Movimento de Renovação da Geografia representou. É possível perceber que ela simbolizou uma ruptura conceitual e também metodológica à medida que, 1) passa a se distanciar da objetividade e da descrição, e 2) começa a dar ênfase às relações entre o sujeito-objeto, à medida que 3) caminha para a valorização do pensamento crítico e reflexivo do sujeito frente às indagações de caráter materiais e emocionais.

Ferreira et Simões (1986) assim como Wizniewsky (2018) trazem de modo singular uma breve colocação acerca desse mesmíssimo contexto dizendo que

O neopositivismo não lhes consegue fornecer os mecanismos mais convenientes para esta nova compreensão. Novas correntes filosóficas florescem no seu seio, como a fenomenologia e o existencialismo. É necessário introduzir na análise social uma nova dimensão psicológica e valorizar a experiência pessoal. Surgem os movimentos críticos ou radicais em todas as ciências sociais. Também a geografia vê surgir estes movimentos, que recuperam, em parte, a herança historicista da geografia (FERREIRA et SIMÕES, 1986, p. 92).

A partir da reflexão trazida por Ferreira et Simões (1986) é possível observar que após o contínuo enfraquecimento vivenciado pelo método positivista e neopositivista temos, nesse

contexto, a gênese de correntes filosóficas como a fenomenologia¹ e o existencialismo², por exemplo. Nesse sentido, eclodem filosofias que se interessam pelos aspectos simbólicos que o homem produz, interpreta e internaliza junto as suas experiências, sejam elas pessoais ou coletivas. Essas novas correntes passam a valorizar, contemplar e considerar a relação entre homem-sociedade e homem-ambiente enquanto matrizes indissociáveis.

Similar as concepções de Ferreira et Simões, Wizniewsky (2018) nos diz que agora o geógrafo crítico passa a ter o compromisso social de expor as suas ideias – os geógrafos passam a ter liberdade de expressão – e procuraram se posicionar acerca dos temas abordados. Ainda segundo ele, o papel desses novos geógrafos seria o de contribuir para a solução dos problemas e beneficiar a sociedade através de estudos capazes de fornecer respostas equivalentes aos novos questionamentos resultantes da transformação do espaço.

Diante do exposto, podemos perceber que essa Nova Geografia sinalizou transformações pontuais. Tais transformações puderam ser manifestadas, por exemplo, através de novos debates conceituais e metodológicos. Uma cara amostra acerca dessas novas discussões, é o próprio debate referente ao conceito de Lugar. Podemos dizer que é a partir dessa Geografia que Lugar, enfim, passa a ter notoriedade e interesse de estudo por parte dos pesquisadores e teóricos.

Dando continuidade, reforçamos a reflexão anterior tendo Ferreira et Simões (1986) como base. Para eles, à medida que “...as descobertas da subjectividade e da dimensão pessoal no campo da geografia vão-lhe dar uma nova dimensão pessoal, que surge mesmo dentro do movimento da nova geografia” (FERREIRA et SIMÕES, 1986, p. 94-95). Sendo assim, entendemos que em consequência dessa nova dimensão, Lugar deixa de ser meramente associado ao sentido de localidade. À vista disso, Lugar passa a ser compreendido junto à ideia de apego, experiências e vivências no ambiente.

¹ O termo “fenomenologia” é uma combinação das palavras gregas *phainomenon* e *logos*. Significa a atividade de dar conta, fornecendo um *logos*, de vários fenômenos, dos vários modos em que as coisas podem aparecer. Por fenômenos (*phenomena*) nós queremos dizer, por exemplo, retratos em vez de simples objetos, eventos lembrados em vez de antecipados, objetos imaginados em vez de percebidos[...] (SOKOLOWSKI, 2014, p.22)

² No Existencialismo, “a trajetória humana é considerada como complexa e em movimento, embora possa se deixar capturar pelas armadilhas do cotidiano. A rotina de uma vida costumeira impede que o homem enxergue a vida transcorrendo em toda a sua dinamicidade, inclusive esgotando-se” (LISBOA, 2016, p. 264).

Um aspecto importante a ser destacado é que Lugar passa a receber ainda mais ênfase quando abordado na perspectiva da Geografia Humanística³. Pois, segundo Leite (1998):

No campo da Geografia Humanística este conceito surge no âmbito da sua consolidação no início da década de 70. Sua linha de pensamento caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente (LEITE, 1998, p. 9).

Essa nova dimensão simbólica, construída a partir do movimento de renovação da Geografia, possibilita a valorização de aspectos antes não considerados. Logo, as narrativas, as vivências, as experiências individuais e coletivas, as relações de mútua troca entre homem e ambiente se tornam temas relevantes. Mais tarde, esses mesmos temas passam a ser indissociáveis na noção de Lugar na Corrente Humanista.

As reflexões acerca das concepções mais atuais sobre Lugar na Geografia são apresentadas no seio da Geografia Humanista. Suess et Ribeiro (2017) a exemplo, citam que nessa Geografia o lugar busca modificar os padrões epistemológicos adotados anteriormente e também demonstrar a relevância da fenomenologia que é um método que não desagrega os homens das suas emoções, das suas experiências vividas.

Na mesma perspectiva de Suess e Ribeiro (2017), Roberto Lobato Corrêa (2000) explica que a Geografia Humanista calcada nas filosofias do significado, com ênfase na fenomenologia e existencialismo, simboliza e efetiva a crítica e rompimento com o trabalho de cunho lógico-positivista.

Podemos identificar com base no que foi exposto até então, que a partir da união entre Geografia Humanista e Fenomenologia o conceito de Lugar deixou de ser abordado em uma perspectiva reducionista. Nessa nova fase da Geografia, dá-se ênfase às questões mais simbólicas, frutos da experiência e da vivência humana.

Novamente em Suess et Ribeiro (2017), somos convidados a compreender o lugar, na Geografia, como um reflexo da fenomenologia, pois é ele o principal conceito geográfico que parte do vivido das pessoas e extrai o significado real das coisas antes mesmo de qualquer formulação teórica. Ainda segundo os autores, Lugar é um conceito que não reflete apenas o mundo concreto assim como não se resume somente ao mundo objetivo, pois o conceito é o resultado da fusão de ambas dimensões.

³ A Geografia Humanista surgiu no contexto da Geografia Radical. Seu principal objetivo concerne, segundo Rocha (2007), em valorizar as experiências, as vivenciais, os sentimentos, a intuição, a intersubjetividade e a compreensão das pessoas sobre o meio ambiente que habitam, buscando compreender e valorizar esses aspectos.

Tais reflexões nos ajudam a entender de modo mais objetivo que lugar não diz respeito apenas a uma dimensão (ou um ou outro) somente simbólico ou somente material. O lugar é, nesse sentido, a junção de características materiais (solo, natureza, lar) e imateriais (afetividade, apego, identificação, significados).

Sobre Lugar, Tuan diz que

O lugar é um centro de significado construído pela experiência. É conhecido não apenas através dos olhos e da mente, mas também através dos modos de experiência mais passivos e diretos, os quais resistem à objetificação. Conhecer o lugar plenamente significa tanto estendê-lo de um modo abstrato, quanto conhecê-lo como uma pessoa conhece outra (YU-FU TUAN, 2018, p. 6).

Em vista do que foi apresentado por Tuan, podemos verificar que a noção de Lugar está diretamente ligada à um forte teor simbólico. Desse modo, Lugar é traduzido enquanto o resultado de diferentes ações, interpretações e vivências de diferentes sujeitos que habitam determinado ambiente.

Ainda conforme Tuan, percebemos que conhecer o lugar requer abstrações, ou seja, para que possamos compreendê-lo precisamos ir além do plano físico, descritível e observável. Quando passamos a conhecer uma pessoa devemos levar em consideração todas as suas faces – intensidade, características físicas e afetivas – devemos interpretá-las, conhecê-las. Tais comportamentos são ingredientes extremamente necessários na relação com o Lugar, também.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Moreira et Hespanhol (2017) esclarecem que compreender o lugar é considerá-lo não como sendo uma totalidade formada por objetos sem sentido, ou aleatórios. Pensar o lugar é considerá-lo como sendo um tecido, um sistema de relações que envolve o subjetivo-objetivo, a aparência-essência, mediato-imediato, real e simbólico.

Similar à ideia de Moreira e Hespanhol, temos em Staniski et al (2014) a concepção do Lugar enquanto um ambiente em que se encontram inseridas as várias referências pessoais e os complexos de significações que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico. Para os autores, o conceito de lugar assume um caráter subjetivo à medida que cada sujeito incrementa um tipo de experiência pessoal no espaço, tornando-o um lugar.

Outrossim, ainda no que se refere à noção de Lugar, Castello (2005) enfatiza que de acordo com os estímulos aos quais estamos sujeitos – desde as nossas inter-relações ao campo das experimentações – Lugar pode se apresentar das seguintes formas:

Lugares de aura, cuja significação está intimamente ligada aos aspectos tangíveis do ambiente propriamente dito, ou seja, a sua espacialidade. Lugares da memória, cuja significação está intimamente ligada a dimensão temporal. Lugares da pluralidade, cuja significação está intimamente ligada as relações interpessoais no ambiente (CASTELLO, 2005, p. 21).

A partir das contribuições de Castello (2005), podemos verificar que Lugar supera o sentido locacional. Sua significação está íntima e inerentemente relacionada à união entre o material e o material. Por isso, entendemos que tal noção diz respeito às relações interpessoais vivenciadas no espaço, que uma vez ressignificado, deixa de ser espaço e passa a ser Lugar.

Similar à concepção de Castello (2005) mencionada anteriormente, Yu-fu Tuan explica noutras palavras que “...o espaço é abstrato. Carece de conteúdo; é amplo, aberto e vazio, convidando a imaginação a preenchê-lo com substância e ilusão; é possibilidade e um aceno para o futuro. O lugar, ao contrário, é o passado e o presente, estabilidade e realização” (YU-FU TUAN, 2018, p.14). Em Tuan, é possível observarmos que Lugar necessita de um sentido, de algo que o singularize. Diferentemente do espaço, ele requer vivência (passado, presente e futuro). Lugar é ação. É a manifestação das experiências no ambiente em que se vive.

A partir das contribuições de Tuan, é interessante pensarmos acerca do Lugar enquanto ambiente que reflete as narrativas daqueles que o modificaram, seja simbólica ou materialmente. Lugar, nesse contexto, apresenta certas doses de objetividade e subjetividade (materialidade e imaterialidade) mas, acima de tudo, traduz a união entre corpo, mente e ambiente.

A fim de reforçar a consideração anterior no que diz respeito ao Lugar, recorremos por ora a Marcelo Lopes de Souza (2013). Para ele

...no conceito de lugar, não é a dimensão do poder que está em primeiro plano ou é aquela mais imediatamente perceptível, diferentes do que se passa com o conceito de território; mas sim a dimensão cultural-simbólica e, a partir daí, as questões envolvendo as identidades, a intersubjetividade e a trocas simbólicas, por trás da construção de imagens e sentidos dos lugares enquanto espacialidades vividas e percebidas, dotadas de significados [...] (SOUZA, 2013, p.115).

Desse modo, Souza (2013) não só enfatiza que há nesse contexto uma proporcionalidade entre Lugar e dimensão simbólica, como traz à baila a ligação entre Lugar e Identidade. Ou seja, é no lugar que as identidades se desenvolvem de modo mais efetivo, pois é nele que se agregam e se firmam as realidades de vida, onde se enraízam as vivenciais e experiências pessoais e também coletivas. “Lugar é uma parada ou pausa no movimento – a pausa que permite a localização para tornar o lugar um centro de significados que organiza o espaço do entorno” (TUAN, 2011, p.12). Assim, a discussão proposta neste trabalho é reflexo da noção

de Lugar enquanto resultado da relação entre homem e natureza, entre o real e o simbólico, entre a materialidade e imaterialidade.

Em razão do que foi apresentado, consideramos que Lugar e Identidade estão ligados como concepções que indicam apropriação, significação, trocas simbólicas. Tais exposições, sinalizam e caminham para uma subestrutura, a de Identificação com o Lugar. Sendo assim, sugerimos um tratamento específico com reflexões e aprofundamentos mais aguçados acerca da concepção de Identidade e Lugar no subcapítulo seguinte.

1.2. IDENTIDADE E LUGAR

Stuart Hall (2006) em sua obra a “*Identidade Cultural na Pós modernidade*”, distingue três concepções distintas de identidade, a saber: identidade do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. Para tanto, o autor explica que

O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ela se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo (...). A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para os sujeitos os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos e que ele/ela habitava. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditória ou não-resolvidas. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente [...] (HALL, 2006, p.11-12).

A partir do exposto, verificamos que a identidade apresenta particularidades que podem ser entendidas sob três óticas, a iluminista, sociológica e pós-moderna. Cada estrutura representa para o sujeito, um modo de ser e de estar que o caracteriza como sendo tal qual ele é. Nesse sentido, a identidade do sujeito do ponto de vista do iluminismo, diz respeito à interioridade do ser, a cristalização de uma essência imutável, de uma identidade fixa e herdada desde sua gênese.

Por outro lado, na perspectiva sociológica a identidade seria tal como uma teia de sociabilidade, logo, o sujeito é comparado a um papel em branco cuja identidade passará a ser moldada a partir das suas relações de vida, seu trabalho e convivência com seus pares, por exemplo.

De outra parte, a identidade em um viés pós-moderno transcende a própria ideia de identidade, ou seja, a concepção de um centro e essência interior é desfeita e dá-se vez a celebração da efemeridade, da liquidez, da brevidade. Nesse caso, há o culto à várias identidades que se adaptam conforme o momento vivido pelos sujeitos.

Dando continuidade as discussões, Castells (2018, p. 54) explica que a identidade é um processo de construção de significados com base em inúmeros atributos culturais a quais estamos expostos. Tais atributos representam ora soma, ora recusa. Ou seja, estaríamos inseridos em um constante processo de renovação e ressignificação que iria se configurando em consonância com a vivência de cada indivíduo.

Sendo assim, percebemos com base no apresentado que, Castells (2018) se aproxima da concepção de identidade em um viés sociológico proposto por Hall (2006). Isso se dá à medida que o primeiro também correlaciona a formação da identidade com os atributos culturais, com as relações de poder, símbolos e contextos sociais nos quais o sujeito pode estar devidamente inserido.

Continuando, Castells (2018) reforça a premissa de que a identidade não é algo fixo, mas passível de transformações, acréscimos, perdas, trocas, prevalências e ausências. “A identidade não tem a solidez de uma rocha” (BAUMAN, 2005, p.16) nem dura para sempre com a mesma intensidade, ela é passível de transformações conforme o rumo que decidimos traçar. Dessa maneira, muito se deve aos rumos que o próprio indivíduo elege como favorável.

De acordo com Bauman (2005) “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005, p.19). Verificamos em Bauman, que algumas das identidades que pairam no ar possivelmente são de fato, nossas. Entretanto, algumas não. Nesse ínterim, o autor sinaliza que, é importante ter cautela quanto a análise do que sou eu e de quem é o outro. Não seria promissor, nesse sentido, eleger como nossa uma pseudo-identidade fruto de outros contextos e experiências de vida de terceiros.

Ainda no que se refere ao debate acerca da noção de identidade, Giddens (2002) menciona que

A identidade de uma pessoa não se encontra no comportamento nem — por mais importante que seja — nas reações dos outros, mas na capacidade *de manter em andamento uma narrativa particular*. A biografia do indivíduo, para que ele mantenha uma interação regular com os outros no cotidiano, não pode ser inteiramente fictícia. Deve integrar continuamente eventos que ocorrem no mundo exterior, e classificá-los

na "estória" em andamento sobre o eu. Como diz Charles Taylor, "A fim de ter um sentido de quem somos, precisamos ter uma noção de como nos transformamos e para onde vamos (...)" (GIDDENS, 2002, p. 55-56).

Nesse contexto, a identidade para Giddens (2002), não pode ser entendida tão somente como resultado de relações vividas e construídas em consonância com terceiros, como Castells (2018) citou outrora. A identidade, nesse sentido, consistiria em manter de algum modo uma referência particular. Ou seja, um fio condutor, uma narrativa individual que por mais que sofra múltiplas interações, ainda assim, se sobrepõe sobre as que vierem posteriormente. Essa particularidade, essa singularidade, esse traço individual presente e reinante em meio as inter-relações cotidianas seria a própria identidade.

Percebemos diante do que foi apresentado que, diferentemente de Castells (2018), Anthony Giddens (2002) entende que a identidade não se encontra no comportamento nem tampouco se resume as interações com outros sujeitos, embora isso seja um aspecto extremamente caro no processo de identificação. A identidade seria, portanto, a capacidade de manter uma referência particular e individual frente às distintas dinâmicas vivenciadas com seus pares.

Stuart Hall (2006), Manuel Castells (2018), Bauman (2005) e Anthony Giddens (2002) destacam alguns aspectos relevantes no que tange à concepção de identidade. Podemos perceber que cada autor destaca as suas particularidades.

Castells (2018), por exemplo, afirma que a identidade está em constante processo de metamorfose, ou seja, é construída cotidianamente e é decorrente do convívio social. Já Giddens (2002) contrapõe tal ideia ao citar que esse aspecto é importante, todavia, não é determinante e deve ser considerado apenas como um meio para e não o próprio fim, pois a identidade é o próprio fim. Para Giddens, a identidade é tida como uma particularidade à salvo das multiplicidades da convivência social. No que diz respeito à Bauman (2005) podemos dizer que há uma certa similaridade entre seus escritos e os escritos de Castells (2018), visto que ambos entendem que a identidade é constituída no transformar, no conviver, nas decisões, nas relações e nos caminhos que o sujeito decide vivenciar.

A noção de Identidade de Lugar, por sua vez, também conta com singularidades distintas. A exemplo, Mourão et Cavalcante (2011) explicam que a Identidade de Lugar atua como uma subestrutura capaz de conter em seu interior um nível mais aguçado de autoconhecimento pessoal à medida que caminha para a proteção e enraizamento de vivências, memórias, narrativas e momentos.

Sendo assim, para os autores a identidade de lugar é tida como uma extensão dos acontecimentos simbólicos internalizados pelo sujeito, ou ainda, a extensão da identidade particular de cada um. Para tanto, os autores complementam que “a identidade de lugar tem como função principal a criação e expansão de um cenário interno que sirva de sustento e proteção à autoidentidade” (MOURÃO et CAVALCANTE, 2011, p. 210).

Similar a concepção anterior, Proshansky et al. (1983 apud Ponte et al, 2009, p. 351) entendem a Identidade de Lugar como uma:

...subestrutura da identidade pessoal constituída por cognições sobre o mundo físico em que a individualidade habita. Tais cognições representam memórias, ideias, valores, sentimentos, atitudes, significados e concepções de comportamento e experiência, os quais estão relacionados com a variedade e complexidade dos lugares físicos que definem a existência cotidiana de cada ser humano”. (PROSHANSKY et al, 1983 apud PONTE et al, 2009, p.351).

Seguindo essa lógica, a identidade de lugar se apresenta tal qual uma ramificação, uma extensão, ou até mesmo uma subestrutura da identidade pessoal, como os próprios autores destacam. Portanto, assim como o Lugar é diretamente proporcional aos símbolos, significações e vivências, a identidade de lugar é também diretamente proporcional aos sentimentos, aos valores, as experiências e as memórias.

Como visto, Mourão et Cavalcante (2011) assim como Proshansky et al (1923) entendem a Identidade de Lugar enquanto um alongamento da identidade pessoal do sujeito. Em ambas as concepções se nota um rigor recorrente aos significados e a proteção da autoidentidade. Ou seja, o lugar aparece como sendo um invólucro de manutenção e não violação das memórias e da individualidade do sujeito. Lugar e identidade, portanto, estão ligados do ponto de vista de reconhecimento e referência, obviamente, mas também estão ligados do ponto de vista da experiência e da vivência.

Nesse contexto, reafirmamos a partir do exposto que a identidade de lugar é a extensão da identidade pessoal, mas é também como o sujeito se reconhece no ambiente vivido. Ou seja, o sujeito é o que o lugar é. Desse modo, se o sujeito é o que o lugar é ele provavelmente estabelece parâmetros basilares que são necessários à configuração simbólica e estética do lugar. Assim sendo, “se a questão da identidade diz sobre a correspondência entre a maneira como eu me vejo e como o outro me vê, ela não é uma construção puramente individual, mas também coletiva e situada – no espaço e no tempo” (OLEKSZECHEN, 2016, p. 47).

A identidade de lugar, nesse ínterim, é moldada a partir da identificação, aproximação, vivência, convivência, interpretação e julgamento. No que tange a tal concepção, Olekszechen

(2011, p. 48) afirma que a “identidade de lugar é, portanto, um emaranhado de memórias, conceitos, interpretações e sentimentos a respeito do ambiente físico”.

Segundo o autor, diante de tais parâmetros, ela pode oscilar com o desenrolar das relações da pessoa com o ambiente, o que justifica o não entendimento da identidade como um todo integrado e coerente. Ou seja, a identidade não seria, sob tal perspectiva, uma totalidade extremamente coesa, integralizada e cristalizada, pois existem cognições distintas e específicas que atuam conforme as vivências de cada sujeito. Desse modo, entendemos que ninguém interpreta um mesmo objeto da mesma forma. Nem uma paisagem. Nem uma situação.

Seguindo, Arcaro et Gonçalves (2012, p. 40) citam que “a formação da identidade de lugar é decorrente da apropriação do espaço. Essa, por sua vez, é compreendida como o sentimento de possuir e gestionar um espaço por uso habitual ou por identificação”. A saber, é importante destacar, que a noção de ‘apropriação’ do espaço está direta e proporcionalmente ligada ao sentido de afetividade, de identificação, cuidado, respeito, vivências e diversas significações intermediadas no espaço.

Sobre isso, Vieira (2020, p. 84) diz que a apropriação do espaço é o resultado esperado pela prática dos inventários participativos. Nessa perspectiva, segundo a autora, toda a interpretação do lugar, os símbolos, os sentimentos, as inquietações, o resgate do passado e a sua atualidade é colocada em pauta de modo a gerar significados para além do percebido. Portanto, ressaltamos que a apropriação não se refere necessariamente à ideia de posse ou propriedade, mas a concepção de um elo simbólico com o local. Em vista disso, Arcaro et Gonçalves (2012, p. 40) concluem que “cada sujeito se apropria de um lugar de forma diferenciada, dependendo, portanto, de modelos culturais, sociais, estilo de vida”.

Pudemos observar a partir das considerações de Arcaro et Gonçalves (2012), que a apropriação é um elemento bastante caro para a construção da identidade de lugar. Para os autores, ela se apresenta como um primeiro vínculo do sujeito com o ambiente, pois é a partir desse processo que o lugar provavelmente passará a ser moldado. Desse modo, com base no que foi apresentado, percebemos que a apropriação do espaço é a ação que possibilita ao sujeito a construção simbólica-subjetiva do lugar. Inicialmente, o sujeito se apropria e, posteriormente, atribui significados.

Semelhante a concepção de Arcaro et Gonçalves (2012), Mourão et Cavalcante (2005) explicam que através da apropriação o sujeito sente que de algum modo está ligado afetivamente com o lugar, e que ele lhe pertence mesmo que não exerça poder legal sobre tal.

Dessa maneira, reafirmamos mais uma vez, que a apropriação não se resume à edificação de uma moradia, mas ao ato simbólico de conexão, enlace com o ambiente. Assim, Mourão et Cavalcante (2005, p. 145) completam que “esse processo de pertencimento e apropriação associado a um lugar é formador da identidade dos sujeitos, tanto quanto das suas relações familiares e sociais”.

Seguindo essa linha de pensamento, assim como o fator ‘apropriação’ é extremamente importante para a formação da identidade de lugar, o aspecto temporal é também um valioso exemplo a ser enfatizado. Desse modo, Sasaki (2010) aponta que a identidade de lugar é configurada através de uma combinação de observação e contato com o lugar que representa um centro de significados. Ou seja, para a autora há uma relação entre o lugar, tempo e a construção da identidade de lugar, haja vista que o senso de lugar dificilmente é formado no simples fato de se passar por ele uma só vez.

Acerca do mencionado, Tuan (2011) também vai mencionar que “... geralmente [...] quanto mais tempo permanecemos em uma localidade melhor a conhecemos e mais profundamente significativa se tornará para nós, ainda que seja apenas uma verdade grosseira”. (TUAN, 2011, p. 14). Um valioso exemplo acerca dessa afirmativa pode ser demonstrado a partir do estudo realizado por Lima et Silva (2020, p. 73), onde foi verificado que embora o ‘tempo’ não seja necessariamente um fator único no que tange à construção do sentido de lugar e, portanto, da identidade de lugar, ele corrobora significativamente na resistência de impressões, valores e afirmativas de apego ao lugar.

Tomando como base Tuan (2011) e Lima et Silva (2020), entendemos que embora o aspecto temporal não seja decisivo e pontual na configuração da identidade de lugar, ele contribui de maneira interessante para o fortalecimento vivências, experiências, julgamentos, opiniões e acontecimentos que provavelmente levarão o sujeito a se sentir identificado com o lugar habitado. Ou seja, com o passar dos anos a tendência é que os vínculos de afetividade se tornem mais intensos e resistentes.

A relação entre lugar e identidade de lugar pode ser muito bem representada novamente em Mourão et Cavalcante (2011, p. 146), quando citam que “os vínculos emocionais com o entorno são igualmente importantes na formação da identidade de lugar”. Ou seja, quanto maior for o nível de bem-estar do sujeito, maiores serão as chances de identificação com o lugar. À medida que as necessidades são sanadas e correspondidas, mais forte tende a ser o vínculo e o apego para com o ambiente vivido. Assim, sob tais parâmetros, o Lugar se apresenta tal qual um receptáculo extremamente eficiente para a auto proteção da identidade pessoal do sujeito.

Em razão do exposto, percebemos que a discussão acerca da Identidade e Lugar traz em face recorrentes reflexões no que tange às relações, vivências, experimentações com o ambiente físico e a construção de significados. As feiras livres e os mercados regionais por serem ambientes de constante sociabilidade e convivência também representam lugares caros à apreciação dos significados e configuração da identidade. Sendo assim, sugerimos uma reflexão mais específica no próximo subcapítulo acerca de tais concepções.

1.3. FEIRAS POPULARES E MERCADOS REGIONAIS

Em face do exposto até então, é válido tecer algumas considerações acerca das feiras e mercados regionais que também são elementos importantes do ponto de vista de vínculos com o ambiente. Tais reflexões são extremamente relevantes ao entendimento e aprofundamento das concepções de lugar e identidade já tratadas em outro momento, visto que ambas dizem respeito a noções que sinalizam trocas e relações interpessoais.

Nesse contexto, de modo bastante objetivo, Gonçalves (2016, p. 37) explica que “a feira, como uma conformação de comércio, tem origem na idade média, especificamente, no período do renascimento do comércio, com o aumento do crescimento de mercadorias entre as cidades e o campo”. Podemos observar com base no autor, que as trocas dos excedentes com diferentes grupos estrangeiros sinalizaram contribuir para a transformação de produtos em mercadorias, haja vista que antes eram apenas trocadas entre comunidades individuais. Sobre isso, o mesmo autor ressalta que tal acontecimento concorreu para a dissolução das comunidades em grupos familiares, os chefes de famílias eram, quase sempre, responsáveis pelas trocas. “Eram, sobretudo, camponeses que trabalhavam a terra, com a ajuda da família, suprindo suas necessidades e trocando o excedente de sua produção” (GONÇALVES, 2016, p. 39).

Somado a isso, Sousa (2004) enfatiza que com as sobras de uns e as faltas de outros passa a existir a necessidade de intercâmbio de mercadorias a princípio intergrupos sem a exigência de um lugar específico, onde a busca de se conseguir as mercadorias que necessitavam era mais intensa. A noção de Feira propriamente dita, como a conhecemos hodiernamente, ainda se encontrava um tanto deformada.

Posteriormente, é que o autor salienta que a existência das feiras foi uma solicitação natural de um ambiente que congregasse todos os produtos que se estivessem disponíveis para outrem. Neste contexto, “seria importante que se trocassem seus excessos em busca de outros

produtos que não se houve condições de produzir. Com isto, verifica-se a importância das feiras para os tempos modernos” (SOUSA, 2004, p. 194).

Sob tal ótica, segundo Sousa (2004), o surgimento das feiras ocorreu em virtude da produção de excedentes entre os produtores, ocasionando, conseqüentemente, a necessidade da troca de produtos. Ainda conforme Sousa (2004, p. 113-114), “foi dessa maneira que viveu o comércio da Idade Média. Buscava-se o produto em lugares distantes [sic] para nas feiras livres serem negociados.

Na mesma perspectiva de Gonçalves (2016) e Sousa (2004), Machado (2014) cita que para facilitar essas trocas era preciso um local determinado. Assim sendo, o surgimento da feira como um espaço de trocas, no qual se poderia juntar todos os produtos – de propriedades diferentes – e aqueles que desejassem adquiri-los, ocorreu quase que de forma natural.

Seguindo essa lógica, Machado (2014) complementa que:

Com a expansão marítima e comercial da Europa, a abertura para o Oriente permitiu que os produtos fossem distribuídos via mar mediterrâneo com altos lucros, com destaque para a cidade de Veneza, Gênova e Pisa. Nas rotas medievais, em seus principais cruzamentos, como forma de trocar e vender, organizavam-se grandes feiras. Dessas feiras, destacam-se a da região de Champagne, França; Flandres na Bélgica; Holanda e Frankfurt, na atual Alemanha. Onde as feiras eram realizadas, surgiram os burgos, embriões da cidade (MACHADO, 2014, p. 125).

Em face das contribuições apresentadas por Machado (2014), Gonçalves (2016) e Sousa (2004), podemos compreender que o surgimento da feira esteve fortemente ligado ao ato das trocas de excedentes. Que se ressalte, o fator ‘excedente’ é extremamente caro à formação das feiras livres, visto que é a partir dele que surge e urge a necessidade da fixação de um local específico e, portanto, fundamental à venda dos variados produtos disponíveis para tal comercialização.

A partir da determinação de um ponto específico para o encontro, venda e troca, a feira passa a ocupar locais estratégicos. Tal característica pode ser evidenciada a partir da realização das mesmas em locais que sinalizavam ter um considerável fluxo de pessoas.

Um caro exemplo, pois, é trazido por Machado (2014) ao citar que era justo nas rotas medievais e nos principais cruzamentos fronteiriços que as feiras eram organizadas. Esse mesmo aspecto também é destacado por Gonçalves (2016, p. 49), para ele:

...algumas delas e/ou empreendimentos que incorporaram vários elementos característicos das feiras tradicionais, se estabeleceram justamente às margens de rodovias, sejam elas intermunicipais, interestaduais e até inter-regionais, conformando verdadeiros caminhos comerciais para sacoleiros e revendedores de confecção (GONÇALVES, 2016, p. 49).

Santos et al (2014, p. 125) explicam que, “não existem documentos históricos indicando quando foi criada a primeira feira no Brasil; estas só se tornaram expressivas com o crescimento demográfico e com a diversidade econômica da colônia”. De todo modo, Gonçalves (2016) explica que as feiras tiveram grande importância na economia, sociedade e cultura do Nordeste brasileiro desde o período da colonização.

Assim, para o autor, essa relevância pôde ser expressa através da incorporação de produtos advindos da agricultura, do artesanato e, posteriormente, da indústria. O mesmo autor complementa, que além de tais atributos, a feira contribuiu também “para a formação de vários núcleos de povoamento que se tornaram importantes centros urbanos. Marcantes na paisagem das cidades nordestinas, a feiras fazem parte também da nossa formação cultural” (GONÇALVES, 2016, p. 79).

Conforme Gonçalves (2016), Tavares (2017) também salienta como aspecto importante ao desenvolvimento da feira no Nordeste, a mobilidade espacial de pessoas e mercadorias no interior da região.

De acordo com o Tavares (2017), a ampliação dos caminhos e estradas que interligavam a região, motivada por uma influência direta de uma expansão da pecuária na área, contribuíram consideravelmente na ampliação dos fluxos intrarregionais de mercadorias que, por vezes, chegavam aos povoados e comunidades. Tais contextos, possibilitaram, nesse sentido, um estímulo ao comércio e as feiras livres da região (TAVARES, 2017).

Diante do exposto por Gonçalves (2016), podemos notar que a feira popular proporcionou, inicialmente, a formação de áreas de povoamento. A feira, nesse sentido, passou a desempenhar uma função de centralidade⁴, exercendo níveis de influência sobre as áreas de entorno. Tavares (2017), por sua vez, sinaliza concordar acerca daquilo que outrora havia sido tratado por Gonçalves (2016) ao afirmar que essa inter-relação entre os sujeitos e os fluxos de mercadorias vindas de diferentes lugares da região possibilitou a ampliação e estímulo das feiras populares. Essa ampliação se deu, principalmente, em decorrência do aumento no número de vias que davam acesso à feira.

De maneira geral, Santos et al (2014) cita que:

⁴ Christaller, citado por (BREITBACH, 1986, p. 27), diz que a noção de centralidade está intimamente ligada à função da cidade, que é a de se constituir no centro de uma região. Entretanto, o que caracteriza a centralidade não é unicamente uma posição geométrica no centro de um círculo, mas sim um conjunto de funções centrais, definidas num sentido mais abstrato. Trata-se da oferta de bens e serviços que tem necessidade de se localizar centralmente, como comércio, serviços bancários, administrações públicas, serviços culturais e religioso, etc. A dispersão das atividades e da população é, por seu turno, uma característica de entorno, basicamente agrícola, do lugar central.

...as feiras livres são parte do processo de existência das pequenas cidades, sobretudo no Nordeste brasileiro, em que é demasiadamente grande o número daquelas cidades que surgiram a partir de uma feira livre. Nessa região, essas atividades econômicas, socioculturais e espaciais se tornaram berçários de relações materiais e imateriais, cujo reflexo é a materialização de tradições e costumes, fato que se constitui em importantes funções de relações diversas estabelecidas entre os sujeitos frequentadores de interesses diversos, no processo de busca de suas satisfações e necessidades. E nesse processo, fica evidente que o modo de vida camponês perpassa o seu espaço de acontecimentos e se materializa na cidade (na feira livre) sem perder sua identidade cultural, política e socioespacial (SANTOS et al, 2014, p. 61).

Diante disso, notamos que as feiras desempenharam um papel extremamente relevante do ponto de vista de formação de pequenos núcleos urbanos, com ênfase, para Região Nordeste do País. Todavia, é interessante ressaltar, que Santos et al (2014) destacam também aspectos ímpares da feira popular, ou seja, ressaltam que a mesma não se detém ao caráter econômico. Para mais, evidenciam também as singularidades da cultura, da imaterialidade, da subjetividade e das relações interpessoais vivenciadas neste ambiente.

Em face do mencionado por Santos et al (2014), cabe salientar dois horizontes caros e extremamente necessários à reflexão proposta neste trabalho.

Primeiramente, a noção de Feira enquanto um importante local de comercialização de mercadorias. Ou seja, feira enquanto lócus extremamente importante do ponto de vista de organização territorial, com ênfase, para as pequenas cidades do interior do Nordeste. Visto que é a partir da centralidade e influência exercida sobre as áreas de entorno da feira que pequenos centros urbanos passam a ser configurados.

Desse modo, em um primeiro horizonte de análise, compreendemos a feira como “um espaço de comercialização antigo e popular, que permanece atuante na economia de diversos municípios brasileiros no período atual, exercendo significativa importância na vida urbana e regional” (TAVARES, 2017, p. 24-25)”.

Posterior e, igualmente importante, a noção de feira popular para além de uma atividade econômica. Ou seja, feira enquanto Lugar de firmação e reafirmação de identidades, de tradições, de apego, modos de ser, de expressão cultural, de símbolos, significados, significações, narrativas e saberes diversos. Para tanto, recorremos à Tavares (2017) para reforçar a ideia de que também

Entendemos a feira livre como um lugar de manifestações culturais, ocasiões em que se percebe um rico fluxo de identidades e valores. Nela podemos evidenciar uma sociabilidade entre seus frequentadores. Com isso buscamos ressaltar que a feira não é apenas um espaço econômico, mas também um local de produção cultural. Não é apenas um espaço de dinamização de consumo, é também um espaço de socialização dos indivíduos. Características culturais estão presentes nas feiras livres desde os primórdios, nas quais as relações comerciais se davam através dos excedentes,

também serviam como uma forma de integração e aproximação de culturas e costumes entre diferentes povos e comunidades (TAVARES, 2017, p. 31).

Portanto, a concepção de Feira Popular neste trabalho, não se limitará à delimitação de uma área geográfica importante ao comércio de mercadorias, embora tal fator seja considerado relevante e importante à noção de feira. Sugerimos, nesse sentido, dois planos que não se isolam, mas que mantêm as suas particularidades dentro da proposta de análise.

Assim, pretendemos compreender a feira considerando também os seus ingredientes simbólicos, afetivos, intangíveis e imateriais, dando ênfase aos elementos que atuam diretamente nas memórias dos sujeitos que fazem parte da mesma. Logo, a feira “como um espaço repleto de simbolismos” (TAVARES, 2017, p. 24-25).

Esses dois horizontes são centrais às reflexões propostas neste trabalho. Entendemos que ambos desempenharam e desempenham relevantes papéis no desenvolvimento e fomento da economia regional, bem como na configuração da identidade de lugar e da reafirmação dos saberes e culturas locais.

Seguindo essa linha de reflexão, Pereira (2017) explica que a feira sinaliza ser um lugar de preservação das relações socioculturais, dos aspectos peculiares ao ambiente rural, da autonomia da agricultora e do agricultor. Para o autor, a feira contribui no fortalecimento dos laços, na construção e disseminação dos saberes locais. Isso pode ser demonstrado, dentre outras possibilidades, a partir da gestão autônoma que os feirantes dispõem na movimentação e fomentação da economia local a partir das suas respectivas atuações. Além disso, devemos considerar os “aspectos socioculturais, nas relações de pertencimento estabelecidas neste espaço” (PEREIRA, 2017, p. 68).

Podemos observar, tendo como base Pereira (2017) e Tavares (2017) que a feira não é simplesmente um ambiente propício à troca de excedentes, assim como não é tão somente um ambiente propício à subjetividade. Há, nessa perspectiva, uma correlação, uma proporcionalidade.

Sobre isso, Gonçalves (2016, p. 75) ressalta, por exemplo, que “em muitos casos a dinâmica da cidade e da feira fundem-se dada a importância dessa modalidade de comércio na constituição do lugar e das práticas espaciais cotidianas”. Da mesma forma, Araújo (2011) complementa que historicamente as feiras adquiriram expressiva relevância no ambiente citadino, transcendendo o papel comercial. Assim, para Araújo (2011), as feiras se apresentaram e se apresentam como um entreposto, um núcleo de várias sociabilidades, culturas e aprendizados.

Em face do que foi apresentado por Santos et al (2014), Tavares (2017), Pereira (2017), Gonçalves (2016) e Araújo (2011) ressaltamos mais uma vez, a noção de feira popular como um importante mercado regional que exerce notória relevância econômica aos pequenos núcleos urbanos e, portanto, ao desenvolvimento regional.

Tal relevância é evidenciada por (GONÇALVES, 2016), quando explica que historicamente a feira desempenha um papel significativo na vida de relações de pequenas e médias cidades interioranas, haja vista que estabelece um elo direto entre o rural e o urbano.

De outra parte, a feira também indica ser lugar de autonomia para os agricultores feirantes e lugar de práticas sociais, apropriação e interrelações diversas. Entendemos que é neste ambiente que os agricultores feirantes dispõem de uma atuação mais independente e direta na comercialização, estes, que por sua vez, desenvolvem relações interpessoais com outros atores que também fazem parte desse cotidiano de trocas sociais.

Continuando, já que mencionamos discussões acerca de mercados regionais, é importante nesse contexto explicar o que é um mercado regional. De modo bastante oportuno, Forman (1979, p. 114) explica que um mercado

...é um escoadouro diário e permanente de bens e serviços. Um grande número de vendedores se reúne num lugar determinado a fim de suprir um grupo predominantemente urbano de consumidores. Em alguns centros urbanos maiores, o mercado permanente estabeleceu-se no local onde se realizavam anteriormente as feiras. Em alguns dias da semana, o mercado aumenta consideravelmente de tamanho com a adição de pequenas barracas nas ruas adjacentes. Em português, também se costuma chamar este mercado de feira, e os dias de mercado são os dias de feira (FORMAN, 1979, p. 114).

Com base em Forman (1979), observamos que o mercado é um canal diário e fixo de bens e serviços que tem como objetivo atender determinados consumidores. Inclusive, é salientado pelo autor, que mercado e feira são tidos quase que como sinônimos, embora não sejam, necessariamente, a mesma coisa. Nessa perspectiva, a feira é um dos tipos de mercado, cuja função consiste em “movimentar mercadorias” (FORMAN, 1979, p. 114).

A concepção de Mercado, nesse contexto, consiste na materialização de uma área geográfica específica para a oferta de mercadorias cujo objetivo é suprir as necessidades dos consumidores que frequentam determinado mercado. Forman (1979, p. 116) ainda complementa que “cada feira é um mercado cíclico que se reúne uma vez por semana, sendo que o dia depende muito da atividade econômica da área que a feira abastece”.

Com base no exposto, a feira está contida em uma esfera maior que é justamente a área de mercado regional. Esse mercado é fomentado por atividades e estratégias que visam, por

exemplo, o desenvolvimento regional através de atividades comerciais de trocas socioeconômicas e sociais.

De outro modo, Araújo (2011, p. 71) completa que “feiras e mercados são ainda, em certos casos, os únicos pontos de ligação entre a economia camponesa e o sistema econômico nacional [...]”. Nesse sentido, tanto as feiras quanto outros mercados regionais representam um elo entre características citadinas e rurais, pois é justo nesses lugares que acontecem as trocas sociais e socioeconômicas. Dessa maneira, feiras e mercados estabelecem vínculos entre o campo e a cidade.

Similar à concepção anterior, Polanyi (2000, p. 76) explica que “um mercado é um local de encontro para a finalidade da permuta ou da compra e venda. Diante do exposto por Polanyi (2000) a feira é, nesse contexto, um modo de operar o mercado regional à medida que permite e possibilita a atividade de troca e venda, bem como trocas socioeconômicas que não se resumem, necessariamente, ao caráter econômico de mercado.

Tais considerações podem ser reforçadas em Silva et al (2013, p. 1592) ao explicarem que “...da economia à cultura, a feira possui uma infinidade de perspectivas e finalidades a depender de quem a faz e de quem a consome”. Para os autores, “a feira se faz no cotidiano e é parte do mesmo, influenciando no fazer social daqueles que a vivenciam” (SILVA et al, 2012, p. 1592).

Em face do apresentado e tendo a feira livre como uma área de mercado regional, recorremos aos escritos de Tavares (2017, p. 25) ao citar que “o setor comercial possui grande influência na área econômica das pequenas e grandes cidades brasileiras, movimentando sempre uma parte considerável das atividades produtivas⁵ destas”.

Ainda segundo o autor, o comércio das feiras é um dos principais elementos centralizadores de uma cidade. Para ele, a dinâmica e intensidade da feira influenciam no crescimento e desenvolvimento da mesma, contribuindo, por conseguinte, para o surgimento de novos serviços dentro deste mesmo espaço, tornando-a uma referência para outras localidades circunvizinhas.

⁵ ...como espaços de intensa interação humana, as feiras, desde a antiguidade, têm desempenhado papel fundamental como canais de comercialização agrícolas e artesanais, constituindo-se em importantes arranjos socioprodutivos que absorvem mão de obra com diferentes níveis de qualificação. São atividades que, para alguns, representam opções mais importantes que aquelas oferecidas pelo mercado, possibilitando bons níveis de renda e autonomia para condução das próprias vidas em condições mais atrativas que aquelas impostas para condicionamento por tradicionais postos de trabalho [...] (GRIMM; SAMPAIO; PROCOPICK, 2018, p. 36)

Com base no exposto por Tavares (2017), podemos notar que a centralidade que a feira exerce não se reduz meramente ao aspecto de localização geográfica, embora seja um fator caro à noção de centralidade. Entretanto, tal concepção é insuficiente para especificar, por exemplo, as dinâmicas e influências mais abstratas e, portanto, subjetivas, como é destacado por Christaller.

Sendo assim, a centralidade da feira não se restringe à um recorte espacial de uma área central, somente. Mas, também diz respeito às interrelações existentes entre os sujeitos que se deslocam para este lugar em busca de satisfazer as suas necessidades, sejam elas diretas e, portanto, objetivas (compra e venda), sejam indiretas, logo, subjetivas (vivências, trocas simbólicas).

Noutras palavras, Pereira (2017) destaca que as feiras livres são um relevante espaço de comercialização dos produtos da agricultura familiar. Para além disso, a feira é “um espaço de socialização, identidade regional e cultural [...]” (PEREIRA, 2017, p. 68). O autor enfatiza ainda, que nela há movimentação de produtos e pessoas, mas também há trocas de informações e vivências culturais numa dinâmica muito peculiar que, por conseguinte, se misturam com a paisagem local.

Conforme Pereira (2017) e tendo como base a noção de mercado enquanto um ambiente de trocas socioeconômicas e sociais, verificamos que a feira popular é um modelo de mercado regional que transcende a concepção de um setor comercial. Portanto, passa a ser compreendida também como um espaço de identidade regional e cultural.

Em decorrência do exposto, notamos que o debate acerca de feiras populares e mercados regionais suscita reflexões pontuais frente às dinâmicas econômicas locais e regionais, as inter-relações sociais, socioeconômicas e identitárias. Tais noções estão ligadas, não por acaso, a considerações acerca das estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência, que, por sua vez, sinalizam ser atividades valiosas à apreciação e entendimento dessas dinâmicas iniciais salientadas. Nessa perspectiva, propomos uma reflexão mais aguçada sobre Estratégias Socioeconômicas e Culturais de Sobrevivência no subcapítulo seguinte.

1.4. ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS E CULTURAIS DE SOBREVIVÊNCIA

Lugar e Identidade são noções que suscitam valiosas reflexões ao entendimento de feiras e mercados regionais. A feira, neste trabalho, transcende a concepção de um espaço comercial. Nessa perspectiva, entende-se a feira como lócus pertinente à configuração da identidade e propício às estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência de feirantes.

Algumas considerações acerca de Lugar, Identidade, Feiras e Mercados Regionais já foram contempladas nos tópicos anteriores. Propõe-se, neste, algumas reflexões com vista à feira segundo uma estratégia socioeconômica e cultural de sobrevivência importante ao desenvolvimento do mercado⁶ local e regional.

Inicialmente, Araújo (2011) explica que as feiras além de serem espaços de sociabilidades, são lugares de trabalho. Lugares que acabam recepcionando aqueles que se encontram inseridos em um contexto de desemprego formal. A autora complementa que “as feiras [...] se constituem em lugares de sobrevivência para esses feirantes, geradores de rendas, rendas que são as principais para a manutenção das suas vidas e daqueles que deles dependem” (ARAÚJO, 2011, p. 131).

Em vista do apresentado, observamos que a feira se manifesta enquanto um lugar importante para a manutenção da vida, bem como lugar de sobrevivência individual e coletiva. Além de ser um ambiente caro à sociabilidade, a feira é também relevante do ponto de vista de persistência e resistência frente ao desemprego e falta de oportunidade no contexto dos empregos formais.

A propósito, a mesma autora explica que atualmente as feiras ainda se apresentam como um modelo comercial capaz de possibilitar, fomentar e promover desenvolvimento econômico (ARAÚJO, 2011). Nesse sentido, embora surgido já na Idade Média, a feira popular ainda se manifesta como um modelo de mercado, ou melhor, uma estratégia de sobrevivência relevante principalmente para esses que se encontram em situação de informalidade.

Acerca do quesito informalidade, Souza et Romancini (2005) destacam que

A economia informal é um segmento econômico que surge dentro do excludente desenvolvimento brasileiro. Considerando-se o avanço, decorrente do modelo econômico, ele age modificando as condições sociais da produção, impondo às pessoas que estão inseridas nesse processo determinações que implicam o aperfeiçoamento da mão de obra. Entretanto, aqueles que não conseguem aperfeiçoar-se vão ter que sobreviver de uma atividade econômica que crie renda, sem geral emprego formal (SOUZA et ROMANCINI, 2005, p. 15256).

⁶ ...o mercado pode ser entendido como resultado permanente da construção e reconstrução de forma coletiva e reconstrução de forma coletiva e supõe negociação, interações e aprendizados [...] é uma construção social resultante da aprendizagem coletiva envolvendo uma rede de atores em que o universo de trocas e negociações é repleta de ideias vontades e saberes (VASQUES, 2016, p. 27-28).

Sendo assim, notamos que os sujeitos em situação de trabalho informal buscam alternativas que possibilitem, em primeira instância, a vida, a sobrevivência e a permanência. Diante do segmento econômico brasileiro excludente, a feira é uma atividade característica do mercado informal que proporciona a adaptação mínima frente às modificações e determinações da economia brasileira e, por conseguinte, do modelo econômico vigente.

Conforme a menção anterior, entendemos que de fato a feira é um tipo de mercado regional que sinaliza fomentar as necessidades econômicas daqueles que, em sua maioria, ainda não se adaptaram as exigências da mão de obra especializada e ao inevitável avanço tecnológico. Que se ressalte, Sá (2019) explica que, de modo geral, os feirantes não são trabalhadores necessariamente qualificados, assim como, não têm formação escolar completa. Para o autor a “escolaridade não é condição para se dar bem na feira” (SÁ, 2019, p. 57).

Com base no demonstrado, verificamos que há uma sinalização de que aqueles sujeitos que não tiveram a oportunidade do mercado formal buscam alternativas para sobreviver elaborando e produzindo atividades que propiciem retorno financeiro, mesmo que estejam inseridos em um contexto de informalidade. A feira, por exemplo, é uma demonstração dessa atividade com vista ao retorno financeiro.

Na mesma linha de raciocínio que Sá, Araújo (2011) ressalta que as feiras se constituem como lugares de luta por sobrevivência, não somente do ponto de vista do individualismo, mas na perspectiva de sobrevivência do núcleo familiar. Para a autora, o interesse do trabalho na feira suscita muitas das vezes da oportunidade de ter e manter uma atividade que gere renda e que, além disso, constitua um local próprio de trabalho.

Desse modo, conforme a menção anterior, a feira se encontra num contexto de informalidade, ou melhor, em uma condição de emprego informal. A feira popular, em alguns casos, se apresenta consoante uma estratégia de subsistência e de sustento para aqueles que, por vezes, sinalizam ter uma baixa formação profissional e que entendem a feira como uma atividade quase que imediata de geração de renda, a propósito.

Concordamos com Araújo (2011) ao citar que o interesse na feira suscita também da ideia de constituição de um lugar próprio de trabalho. Nesse sentido, a relevância da feira não é motivada apenas pela constante de sobrevivência e subsistência, mas também pela necessidade de autonomia e também devido ao fato deles poderem trabalhar em um negócio próprio.

Noutras palavras, mas seguindo a mesma reflexão acerca da feira consoante estratégia de sobrevivência, Sá (2019) explica que ela recebe inúmeras pessoas que mergulhadas no desemprego veem nela uma oportunidade acessível, uma atividade econômica de subsistência.

Com base no exposto, a feira popular se apresenta como uma importante estratégia de sobrevivência socioeconômica, mas ela não se resume meramente a tal aspecto, como visto anteriormente, noutras considerações. A feira é um universo que transcende as mais variadas interposições materiais, não se justifica apenas no plano econômico, assim como não diz respeito somente ao nível simbólico. Antes de tudo, a feira é a união indissociável de ambos os horizontes; econômico, simbólico e cultural e, por que não, simbólico-cultural.

A propósito, similar à consideração anterior, Vasques (2016) comenta que

Os conjuntos de valores remetidos à feira-livre e seus agentes é repleto de saberes pertinentes à cultura local. Mistura-se, neste caso, economia e cultura, é uma economia repleta de conhecimentos, de trocas, de costumes vivenciados na negociação face a face, em que a comunidade pode negociar e valorizar o próprio ambiente de produção de alimentos que está inserida (VASQUES, 2016, p. 28).

Defronte o que foi apresentado por Vasques (2016), fortalecemos a concepção da feira segundo um Lugar que agrega em seu núcleo, a economia e o desenvolvimento local a partir da participação dos atores sociais que fazem a feira. Mas, que também oportuniza as trocas de costumes, tradições, saberes e culturas locais.

Nesse contexto, os diferentes horizontes da feira fundem-se de modo a formar uma totalidade que não se resume a um único plano de constituição, mas fundamentalmente, ao resultado das sociabilidades e inter-relações nas suas mais variadas manifestações.

Dando continuidade às discussões, Vasques (2016) cita que as relações sociais não permanecem em estado de cristalização, ou seja, não são estáticas. Para ele, tais relações são configuradas de maneira híbrida, na perspectiva de mistura, de troca, de perda e acréscimo; logo, as práticas de trocas, a exemplo da feira popular, são guiados pela obrigação sem distinção de importância em dar a uns e receber de outros (VASQUES, 2016).

Noutras palavras, Araújo (2011, p. 90) explica também que “tais espaços vão além de simples pontos de compra e venda de mercadorias. São lugares privilegiados [sic] em que se desenvolve uma série de sociabilidades”.

Percebe-se, tanto em Vasques (2016) quanto em Araújo (2011), que a feira é um lugar valioso à interação social, a reciprocidade⁷ e a confiança, por exemplo. A esfera desse Lugar excede a relevância do dinamismo econômico local e regional e alcança um nível simbólico-cultural através das práticas sociais vivenciadas no Lugar.

Acerca de tal consideração, Vasques (2011, p. 21) reforça que a confiança funciona como uma mola propulsora de práticas sociais que, ao estabelecer suas normas, diminuem incertezas e fundamentam a possibilidade de estabelecer uma dinâmica de troca rotineira”. A confiança e reciprocidade são aspectos extremamente valiosos à tais práticas, pois são elas que regulam os vínculos presentes e existentes entre os feirantes e fregueses. Desse modo, a concepção de feira segundo uma estratégia socioeconômica de sobrevivência é justificada, pois, nos significados que são construídos ao longo do tempo neste Lugar.

A exemplo, no que se refere ao desenvolvimento regional, Chiarello et al. (2008) alude que:

o processo de desenvolvimento regional compreende a utilização de mecanismos que impulsionam os setores estratégicos de uma região na busca da melhoria das condições de vida de seus habitantes. Uma vez valorizadas as potencialidades locais, busca-se através da cooperação, da confiança e de uma maior integração da comunidade melhorar o capital social, impulsionando o desenvolvimento local e regional. (CHIARELLO et al. 2008, p. 474)

Com base no exposto por Chiarello et al (2008), verificamos que o desenvolvimento regional⁸ compreende especificidades que visam atividades que proporcionem uma melhor qualidade de vida para os habitantes de determinadas localidades. Mais do que isso, o desenvolvimento regional compreende ações que transcendem os aspectos de trocas e estratégias comerciais, ou seja, compreende enlaces de sociabilidade e confiança entre aqueles que fazem parte desse contexto.

Em face do que foi apresentado, é importante reforçar duas concepções valiosas ao entendimento de feira enquanto uma estratégia de sobrevivência socioeconômica e também cultural.

Neste trabalho, entendemos a feira segundo estratégia socioeconômica de sobrevivência considerando o universo de trocas sociais e econômicas que são vivenciadas no Lugar-feira

⁷ O princípio de reciprocidade não corresponde, portanto, à simples permuta de objetos, pois exige a reflexão dos atos que envolvem as práticas sociais entre os envolvidos. A interação que possibilita a construção social de trocas entre os agentes envolvidos remete [sic] a relação de reflexão e de reciprocidade. (VASQUES, 2011, p. 21).

⁸ O desenvolvimento advém de aumentos constantes de produtos e da renda (crescimento econômico) gerando uma maior satisfação das necessidades humanas e uma consequente melhora nos índices sociais. O desenvolvimento econômico é um processo de mudanças estruturais na economia, na política e principalmente nas relações sociais (MADUREIRA, 2015, p. 09).

com vista à participação no impulso da economia local, bem como na disseminação dos modos de ser dos sujeitos que fazem a feira popular.

Entendemos também, a feira segundo uma estratégia cultural de sobrevivência considerando as práticas culturais que são vivenciadas neste ambiente. A feira enquanto um berço de tradições, de costumes locais, de conhecimentos e saberes que são transmitidos e vivenciados entre feirantes e fregueses.

Diante de tais considerações, Machado (2014) esclarece que a feira cumpre um papel social em duas faces; traz o homem do espaço rural junto as suas tradições e culturas para a cidade, ao passo que convive com a história e culturas dos homens da cidade. A mesma autora completa que “mais importante que avaliar os produtos [...] é considerar os aspectos socioeconômicos, culturais, espaciais e ambientais envolvidos nessa produção” (MACHADO, 2014, p. 140).

Similar as considerações de Machado (2014), Sá (2019) explica que a feira é lócus de atividade econômica, de fato. Todavia, é também Lugar de práticas culturais e sociais com vista ao universo rural, desempregados, nordestinos que por ventura migraram e necessitaram retornar, pequenos e médios agricultores, núcleos familiares que trabalham no mesmo negócio etc.

Em face do que foi discorrido, percebe-se que os autores sinalizam reflexões concordantes. Ambos entendem a feira conforme um lócus que abrange dois horizontes extremamente relevantes na configuração da própria noção de feira popular através dos vieses socioeconômico e cultural.

A Vasques (2016) recorremos mais uma vez para que explicarmos o horizonte de sociabilidades da feira. Assim, para o autor, a feira quando construída socialmente com o agricultor de determinadas regiões têm como diferenças pontuais e fundamentais os laços de pertencimento e ligação entre o ambiente urbano e rural. Ainda segundo ele, os agricultores familiares possuem nela uma “estratégia de reprodução social, econômica e ambiental” (VASQUES, 2016, p. 32).

Tal consideração de Vasques (2016) vai de encontro com o que Machado (2014) destaca, num sentido de concordância, que se ressalte. Para a segunda, “a feira [...] possui uma função que vai além das questões econômicas. É o mercado estreitando entre os dois mundos, rural e urbano” (MACHADO 2014, p. 140). Portanto, a feira também é Lugar de interação entre o campo e cidade.

Em vista das considerações apresentadas, percebemos que a discussão acerca da feira popular segundo estratégia socioeconômica e cultural de sobrevivência, suscita reflexões relevantes do ponto de vista de resistência, de afirmação e reafirmação de atividades que sinalizam possibilidades de subsistência individual e coletiva dos sujeitos feirantes.

Em face do manifestado, verificamos que o universo da feira não se resume aos aspectos econômicos, embora se ressalte novamente, que tal ingrediente seja um fator extremamente importante na reflexão acerca da mesma e, também, um aspecto caro à proposta deste trabalho.

Portanto, percebe-se que a feira popular é Lugar favorável à configuração da identidade, a sociabilidade, as trocas comerciais através da especificidade de mercado regional e, por fim, Lugar de estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência.

Assim, pensar a feira requer reflexões que ultrapassem as delimitações tão somente materiais. As significações e significados recorrentes na configuração da identidade no Lugar-feira, por exemplo, são valiosas demonstrações desse horizonte simbólico da feira popular.

Nesse contexto, e considerando a feira segundo um Lugar, sugerimos para o próximo subcapítulo uma discussão mais apurada sobre tal concepção.

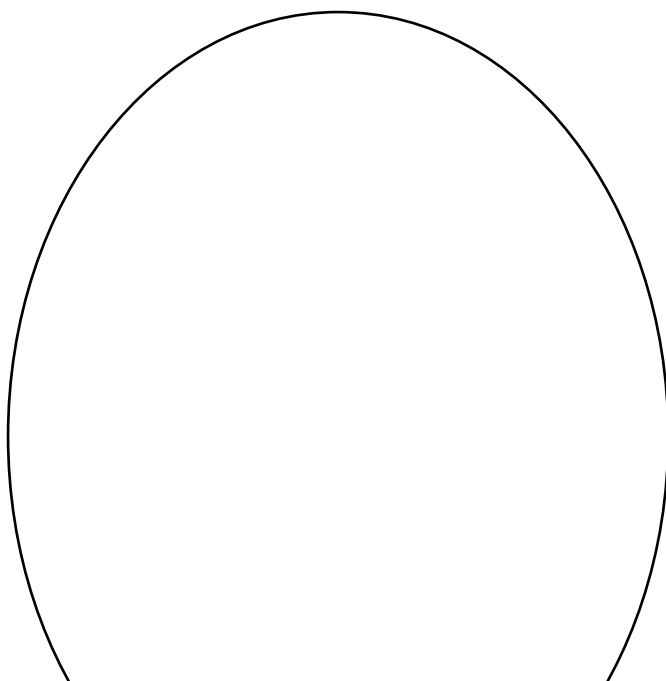
1.5. A DEFINIÇÃO DA NOÇÃO DE LUGAR-FEIRA

Neste subcapítulo pretendemos fazer uma brevíssima discussão acerca da noção de Lugar-feira. Propomos evidenciar a intersecção de elementos presentes nas concepções de Lugar, Identidade e Feira.

Ressaltamos, ainda, que o esforço para definição de tal noção é fruto de reflexões ainda iniciais, mas que propõem um olhar mais aguçado acerca da importância da noção para o estudo dos lugares e para a pesquisa em Geografia de modo geral.

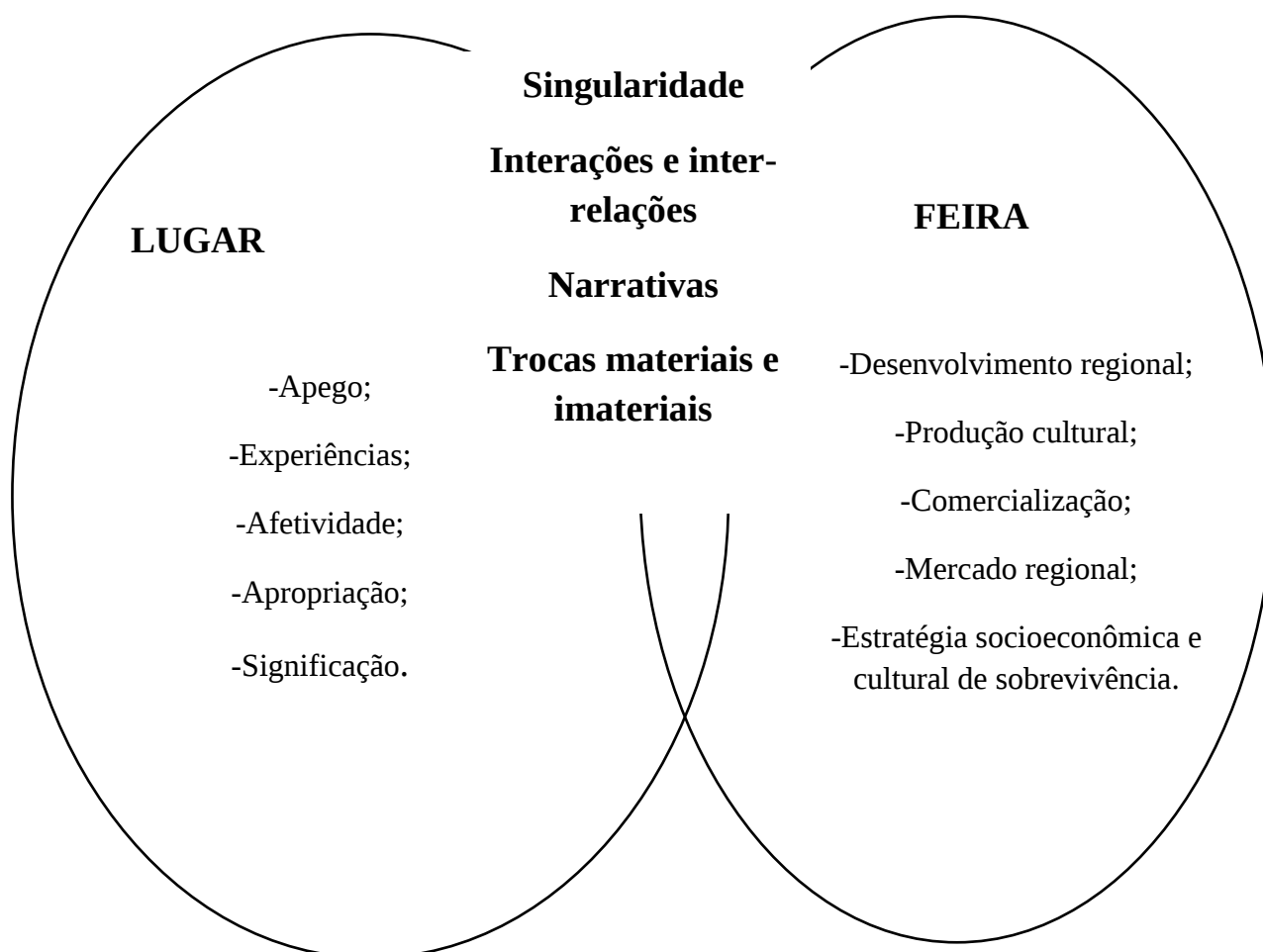
O Lugar-Feira é uma realidade que pressupõe considerarmos alguns aspectos que se entrelaçam. Esses aspectos, diga-se, dizem respeito à feira, ao Lugar e a Identidade. Considerando que tais aspectos se enlaçam, entendemos como relevante a elaboração de um diagrama que sugira uma leitura mais objetiva da noção de Lugar-feira proposta neste trabalho.

Diagrama 01: Definição da noção de Lugar-feira.



IDENTIDADE

- Referência particular;
- Exposição e vivência com outros sujeitos;
- Convivência social;
- Perda, acréscimo, troca, ausências e prevalências de atributos culturais.



Fonte: Autora, 2022.

Levando em consideração o diagrama acima, podemos verificar que em cada esfera contém um conceito central, esses conceitos são os de: Lugar, Feira e Identidade. Podemos verificar ainda, que há uma esfera menor que está ligada a cada uma das esferas maiores e, portanto, a cada conceito central do diagrama.

Para fins de exemplificação, consideremos a esfera menor como a síntese da noção de Lugar-feira. Essa esfera não diz respeito a nenhum dos conceitos separadamente, mas ao entrelaçamento de ambos. Lugar-feira seria, portanto, o resultado da intersecção entre os conceitos de Lugar, feira e identidade.

Para darmos início à reflexão e para podermos definir o lugar-feira precisaremos considerar alguns aspectos referentes ao conceito de Lugar.

Na esfera correspondente a Lugar, podemos observar pontos principais; esses pontos são, em síntese, o extrato do conceito que foi trabalhado ao longo deste trabalho. Que se ressalte, cada aspecto destacado no diagrama acima pode ser exemplificado em autores que também foram abordados no decorrer deste.

Para tanto, consideraremos, inicialmente, o aspecto da experiência e para isso iremos nos basear em Yu-fu Tuan (2018). Sendo assim, para ele o Lugar é resultante da experiência. Ou seja, Lugar não é conhecido apenas pelos atributos visíveis, mas também através das abstrações que são vivenciadas e, portanto, experimentadas pelos sujeitos.

Outro aspecto importante e valioso à noção de Lugar e a construção da noção de Lugar-feira, é o apego.

Sobre isso, Mourão et Cavalcante (2011) ressaltam que o apego é parte de um processo que envolve, necessariamente, tempo de exposição ao lugar e possibilidade de transformá-lo buscando satisfação e segurança, por exemplo. Os mesmos autores vão dizer que o apego também é importante para a construção da identidade de lugar, pois é a partir dessa exposição com o lugar que os laços e abstrações são e serão configurados.

Em face do que foi apresentado, consideramos que a experiência e o apego são elementos extremamente relevantes para o entendimento da noção de Lugar-feira. Pois, retratam características referentes à vivência, experiência e laços simbólicos com o lugar, aspectos entendidos como elementares à construção da proposta.

Desse modo, se o conceito de lugar é importante para a definição de Lugar-feira, os elementos basilares necessários ao entendimento do Lugar também devem ser considerados como caríssimos a conceituação geral, pois são esses elementos que nos possibilitam chegar a tal definição.

Outros pontos importantes para a proposta de definição de Lugar-feira neste subcapítulo são a apropriação e a afetividade. Sobre isso, Mourão et Cavalcante (2005) explicam que a

apropriação possibilita ao sujeito o desenvolvimento da afetividade com o ambiente. Essa apropriação diz respeito ao estabelecimento de laços configurados pelos sujeitos com o lugar com o qual ele sente algum tipo de afeto, ou se sente apegado.

De modo geral, Staniski et al (2014) dizem que Lugar se apresenta consoante um ambiente de várias experiências e teias de significações. Para os autores, essas características são indispensáveis para a construção de referências pessoais que ajudam o sujeito a entender e perceber o ambiente de modo singular e particular.

É importante salientar, que quando tratamos acerca do conceito de lugar muito devemos ao contexto das abstrações, dos símbolos e significações. Podemos notar que até então todos os elementos basilares para o conceito estiveram ligados direta ou indiretamente a aspectos subjetivos.

Para que possamos dar continuidade a reflexão referente à definição de Lugar-feira, consideraremos agora alguns aspectos referentes ao conceito de identidade, que também são extremamente valiosos para o esforço da definição da noção de Lugar-feira. Esses aspectos são: a referência particular; a exposição e vivência com outros sujeitos; a convivência social; a perda, acréscimo, troca, ausências e prevalências de atributos culturais.

A referência particular, elemento primeiro destacado no diagrama, é para Giddens (2002) a própria manifestação da identidade. Ou seja, a referência particular consiste na soberania das características individuais e dos modos de ser do sujeito, mesmo estando expostos a tantas outras características e modos de ser.

Um outro ponto caro à construção da definição do Lugar-feira, considerando os aspectos destacados na esfera correspondente à identidade, é a exposição e vivência com outros sujeitos.

Sobre isso, Castells (2018) sinaliza que a exposição e vivência com outros sujeitos pressupõem um processo de construção de significados com base em variados atributos culturais aos quais os sujeitos são expostos cotidianamente. Essa exposição e vivência com outros sujeitos possibilita, por exemplo, a perda, o acréscimo, a troca e a ausência de características, modos de ser e até mesmo experiências (CASTELLS, 2018). Nesse sentido, são essas interações que configurarão a identidade de cada sujeito conforme as suas escolhas, contextos e atributos culturais.

Diante do exposto, podemos observar que tanto a referência particular quanto a exposição e vivência com outros sujeitos são elementos valiosos para o entendimento da noção de identidade, pois vão de encontro com o processo de identificação e construção de significados.

Este, diretamente ligado à interação e, portanto, dependente da convivência social; aquele, diretamente ligado à soberania das particularidades individuais, manifestando-se como a própria noção de Identidade.

Não podendo deixar de mencionar a convivência social como aspecto valioso ao conceito de identidade, nos valem de Bauman (2005) para explicar tal elemento.

Para Bauman (2005) a noção de Identidade é inerente ao convívio social, ou seja, ela não pode ser entendida como algo estático, cristalizado. Desse modo, as trocas de experiências, a interatividade social, as narrativas, os diferentes modos de ser são, em síntese, um retrato fiel da convivência social e, portanto, da construção da identidade.

Um último conceito central necessário à organização da definição da noção de lugar-feira, é o de feira. Assim como todos os outros conceitos anteriores a esse, selecionamos alguns elementos que retratam e sinalizam definir a concepção de feira de modo bastante objetivo.

Seguindo essa lógica, um dos elementos que traduzem a ideia de feira é o desenvolvimento regional. Nesse sentido, Chiarello et (2008) explicam que o desenvolvimento regional diz respeito à manipulação de mecanismos que valorizem as potencialidades locais. Ou seja, através de estratégias comerciais e sociais busca-se através da cooperação, da confiança e de uma maior integração da comunidade, melhorar o capital social impulsionando o desenvolvimento local e regional.

Dando continuidade à reflexão acerca dos elementos fundamentais à concepção de feira, destacamos a produção cultural.

Sobre isso, Tavares (2017) menciona que a feira é mais que um espaço de comercialização; é também lugar de produção cultural. Com base no exposto, consideramos como relevante do ponto de vista de produção cultural, as vivências, as trocas sociais, a exaltação das características e saberes dos povos tradicionais e as trocas simbólicas de modo geral.

Dando ênfase a relevância de mais um ponto importante a definição de feira e a construção da definição do lugar-feira, sugerimos a comercialização.

Para que possamos expressar melhor tal escolha, tomamos como base Pereira (2017). Para o autor, a comercialização é um mecanismo inegavelmente relevante para o espaço da feira. Ressaltamos ainda, com base no mesmo autor, que a comercialização se apresenta como um elemento inerente a existência da mesma. Que se ressalte, a comercialização não é o único

horizonte reinante na gênese da feira, diga-se. Todavia, se apresenta como um horizonte extremamente caro à perpetuação dela.

Diante do que foi mencionado acerca dos elementos fundamentais a noção de feira, podemos observar que o desenvolvimento regional e a produção cultural estão diretamente ligados, tanto do ponto de vista escalar (geográfico) quanto do ponto de vista simbólico.

No que diz respeito ao ponto de vista escalar, podemos observar que a produção cultural existente na feira é também um mecanismo que beneficia a qualidade de vida dos habitantes no que diz respeito ao desenvolvimento regional, por exemplo. Assim, se considerarmos o desenvolvimento regional enquanto o resultado da implantação de mecanismos para a melhoria das condições de vida de cada sujeito, devemos considerar também a produção cultural – vivências, as trocas sociais, a exaltação das características e saberes dos povos tradicionais e as trocas simbólicas – como sendo sinalizadores diretos desses mecanismos de desenvolvimento regional.

Um outro relevante aspecto a ser evidenciado é o mercado regional. Sobre isso, Polanyi (2000) explica que consiste em um ponto específico para a compra e venda. Esse elemento é indispensável para discussão acerca da noção de feira, pois ele diz muito sobre a importância socioeconômica da mesma. O mercado regional não se resume apenas a um espaço de trocas econômicas, mas também de trocas sociais.

Ainda somado a essa questão, damos ênfase a uma noção de mercado regional que não diz respeito somente a um ambiente de permuta de mercadorias, mas também a um lugar de sobrevivência, de resistência. Seguindo esse caminho, Araújo (2011) explica que um dos lugares de sobrevivência e uma das estratégias de sobrevivência dos feirantes é justamente a feira que se apresenta consoante uma especificidade de mercado regional.

Com base no apresentado até então, vimos que o objetivo do subcapítulo não consistiu em definir o conceito de identidade, nem tampouco de lugar, menos ainda o de feira popular. Todas essas discussões já foram devidamente realizadas em subcapítulos anteriores. Nesse sentido, é importante salientar que a cada conceito – Lugar, Feira e Identidade – compete alguns elementos valiosos à definição geral e foi isso que buscamos demonstrar até então.

Em síntese, é possível verificar que há elementos únicos a construção da noção de lugar e, que, portanto, só podem ter o sentido fidedignamente demonstrado quando ligado à concepção de lugar. Da mesma forma que há elementos particulares à concepção de identidade, há elementos particulares ao conceito de feira e ao conceito de lugar.

Nesse contexto, cada conceito central contém os seus respectivos elementos fundamentais. Cada conceito central trabalhado neste capítulo, sinaliza pontos base que quando estruturados e organizados permitem o entendimento da definição de cada concepção. Em outras palavras, cada noção apresentada carrega consigo as suas singularidades. Entretanto, a partir da coexistência entre ambas as esferas do diagrama, pressupomos a existência de elementos que se apresentam em todas elas. Tais elementos são; as singularidades, as interações, as narrativas e as trocas materiais e imateriais.

O que queremos dizer é que cada conceito – Lugar, Feira e Identidade – contém as suas especificidades, e que há elementos que só podem ser demonstrados neles mesmos. Mas, que há também elementos que coexistem entre ambas as esferas e, que, portanto, permitem que entendamos que há uma nova noção que surge dessa intersecção; a esta noção chamamos de Lugar-feira.

Seguindo essa linha de raciocínio, pressupomos serem estes elementos – singularidades; interações; narrativas e trocas materiais e materiais – os responsáveis por vincular lugar, identidade e feira. Portanto, entendemos que é dessa ligação que surge a noção de Lugar-Feira. Uma noção que não diz respeito nem ao lugar, somente; nem a identidade e feira, somente. Mas a junção das três concepções.

Diante do exposto e com base no diagrama elaborado, podemos verificar que alguns aspectos como, por exemplo, as trocas materiais e imateriais coexistem em ambas as esferas, pois nos três conceitos encontramos vestígios de interrelações. Isso pode ser expresso tendo como exemplo as experiências, a produção cultural e a convivência social.

Observamos ainda que Lugar exige interação, exige trocas simbólicas com o ambiente. A imaterialidade é inerente à existência do lugar. Assim, Lugar necessita de singularidades, de abstrações, de vivências e tais aspectos vão sendo configurados, necessariamente, através das trocas, das narrativas.

É válido abordar, que não é só o lugar que necessita de trocas imateriais, a Feira também exige tal aspecto; não só a troca imaterial como a troca material. Sendo assim, Santos et al (2014) explicam, por exemplo, que além do aspecto material das trocas de objetos, há também singularidades referentes a cultura e as relações interpessoais que só podem ser vivenciadas de tal maneira quando na feira.

Nesse sentido, as trocas, a identificação com o lugar e os símbolos produzidos pelos sujeitos são proporcionais à formação de laços de afetividade com o Lugar e com a feira e, conseqüentemente, com o Lugar-feira.

Diante de tais esclarecimentos, a noção de Lugar-feira proposta, pois, diz respeito ao resultado do entrelaçamento entre Lugar, Identidade e Feira. Buscamos demonstrar que há elementos presentes em ambos os conceitos e essa aparição nos permite identificar que há uma coexistência.

Entendemos, portanto, que a Feira é lugar e é no Lugar que a feira está inserida. E nesse entremeio entre o lugar e a feira está a identidade, que é o caminho para a configuração de um lugar. Ou seja, só existe lugar porque existe afetividade, apego, apropriação, laços simbólicos, identificação, trocas, e a feira sinaliza ser esse ambiente de interações.

Desse modo, refletir acerca de Lugar-feira significa pensar sobre uma noção que agrega trocas materiais e imateriais, que agregam narrativas diversas, singularidades e interações. Trocas materiais e imateriais que são vivenciadas e configuradas na feira. Narrativas, que são construídas no lugar, na configuração da identidade e, também, na feira. Interações e singularidades que são vividas e experimentadas no lugar, na configuração da identidade e na feira.

Lugar, Identidade e Feira, nesse sentido, dialogam entre si, indubitavelmente. E a essa junção, ou melhor, ao resultado dessa junção, chamamos, neste trabalho, de Lugar-Feira.

CAPÍTULO 2 – O LUGAR-FEIRA DE DELMIRO GOUVEIA

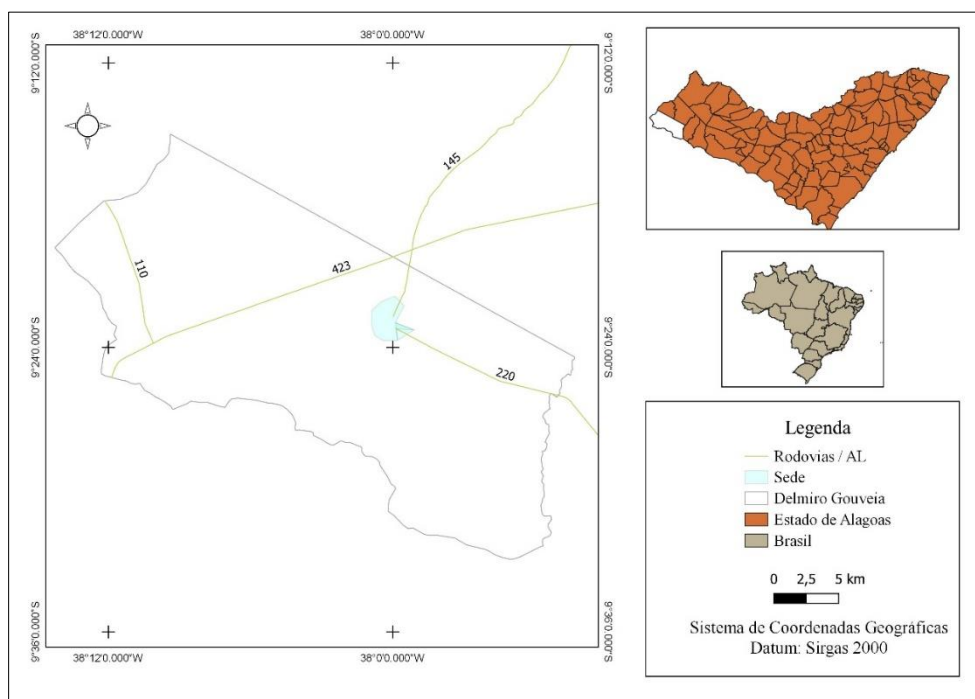
No capítulo anterior, tecemos breves reflexões no que diz respeito a alguns fundamentos teóricos-metodológicos, a saber: o conceito de Lugar na Geografia, Identidade e Lugar, Feiras Populares e Mercados Regionais, Estratégias Socioeconômicas e Culturais de Sobrevivência e, por último, a definição da noção de Lugar-Feira.

Neste capítulo, pretendemos apresentar algumas considerações acerca da constituição histórica do Lugar-Feira em Delmiro Gouveia – AL, junto aos atores e atuações sociais no Lugar-Feira Delmireense.

2.1. A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO LUGAR-FEIRA EM DELMIRO GOUVEIA

O Lugar-Feira, objeto de estudo deste trabalho, está localizado no município de Delmiro Gouveia, em Alagoas. O município faz divisa imediata com a cidade de Água Branca, Pariconha e Olho D'água do Casado. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município tem um total estimado de 52.502 habitantes. Para mais, possui uma extensão territorial considerável, visto os seus 628,545 km². Poderemos observar tal descrição geográfica na (figura 1) abaixo.

Figura 01 - Mapa de localização do município de Delmiro Gouveia, Alagoas.



Fonte: IBGE (2019). Organização: Lima, Juliana dos S. (2021).

Com base em Oliveira (2020, p. 28), a cidade de Delmiro Gouveia recebe tal nome em homenagem ao seu fundador, o industrial Delmiro Augusto da Cruz Gouveia⁹. O então fundador do município foi o responsável por “colocar o Sertão de Alagoas na rota das áreas mais promissoras do território brasileiro, sobretudo, pela disseminação comercial de mercadorias no Estado bem como no próprio Nordeste” (OLIVEIRA, 2020, p. 28).

Conforme dados históricos do IBGE, vale destacar que o primeiro nome dado à cidade de Delmiro Gouveia foi “Pedra” e o povoado se constituiu a partir de uma estação da estrada de ferro da então *Great-Western*. Sobre isso, Correia (2007, p. 6) explica que o povoado Pedra foi edificado ao longo de 14 anos. Assim, no ano de 1903, quando Delmiro chegou, Pedra era um pequeno povoado localizado às margens da Ferrovia Paulo Afonso, no Sertão de Alagoas. A partir da chegada do industrial no povoado, a autora explica que ele “comprou uma fazenda onde construiu currais, açude, uma residência, prédios para abrigar um curtume e, a partir de 1912, uma fábrica de linhas e um núcleo fabril para abrigar seus operários” (2007, p. 06).

⁹ “O comerciante e industrial Delmiro Gouveia foi um personagem ímpar no cenário brasileiro em fins do século XIX e início do XX. Protagonizou uma conturbada trajetória no mundo dos negócios e da política em Pernambuco e Alagoas, realizando empreendimentos inovadores, colecionando inimigos poderosos e construindo uma reputação individual insólita, onde atributos como destemor, ousadia e autoritarismo articulam-se delineando o perfil deste singular homem de negócios. Delmiro nasceu em 1863, em Ipú, no Ceará. Em 1868, após a morte de seu pai, transferiu-se com a família para Goiana, em Pernambuco, e em 1872, para o Recife, onde começou a trabalhar em 1878, após a morte de sua mãe. Simultaneamente, desde 1891, estabeleceu - inicialmente em sociedade com o inglês Clément Levy - um armazém de compra e exportação de couros (peles de cabra e bode)” (CORREIA, 2007, p. 01).

Podemos compreender diante do exposto, que o homem Delmiro Gouveia sinalizou desde o princípio de sua chegada ao povoado, uma mentalidade singular principalmente voltada ao empreendedorismo, ao desenvolvimento. A construção de residências e outros estabelecimentos foram as primeiras demonstrações do pensamento promissor do industrial, não só porque modificaram o cotidiano do pequeno povoado, mas porque deram início à instauração de um novo modo de vida a ser vivenciado a partir da edificação da fábrica que foi construída alguns anos após sua chegada.

Reforçando a consideração anterior, Oliveira (2020, p. 28) salienta que o coronel Delmiro Gouveia inicialmente fez do mercado de peles e couro a atividade primária mais relevante para o desenvolvimento local. Ainda conforme o autor, “posteriormente veio à produção de algodão, fundação da célebre Fábrica de tecidos e construção da linha ferroviária, responsáveis pela ascensão socioeconômica e territorial da cidade” (OLIVEIRA, 2020, p. 28).

No que se refere a constituição do Lugar-Feira em Delmiro Gouveia, Souza (2017, p. 77) explica que a feira livre é uma marca centenária, haja vista que sua existência está diretamente associada ao funcionamento da Fábrica de Linhas Companhias Agro Fabril Mercantil que foi inaugurada no ano de 1914. Na (figura 2) poderemos observar o núcleo Fabril.

Figura 02 - Núcleo Fabril da Pedra, 1920.



Fonte: Edvaldo Nascimento (2014) na obra intitulada “*Delmiro Gouveia e a educação na Pedra*”.

A gênese do Lugar-Feira em Delmiro Gouveia esteve concomitantemente ligada ao também surgimento e ascensão da Fábrica. Dessa maneira, podemos compreender que à medida em que a fábrica ia se consolidando no território delmirense, a configuração do Lugar-Feira também ia se moldando e se expressando concomitante ao crescimento e necessidades da população.

Um fato curioso e importante a ser destacado por Nascimento (2012, p. 160) é que

No início do funcionamento da fábrica não havia espaços ou equipamentos de serviços e de lazer para a grande quantidade de operários e moradores do núcleo fabril. Ainda em 1915, Delmiro Gouveia entraria em entendimento com a prefeitura de Água Branca, celebrando um contrato pelo prazo de dez anos para implantação de uma feira livre na vila, pagando antecipadamente os impostos. Ficava também autorizada a instalação de outros estabelecimentos comerciais na Pedra, tendo sido instalados lojas de fazendas, armarinhos, padaria, açougue e duas casas comerciais que vendiam produtos variados. A feira funcionava aos domingos, às 10 horas, após ser hasteada uma bandeira autorizando o comércio dos produtos (NASCIMENTO, 2012, p. 160).

Em face do que foi demonstrado por Nascimento (2012) e Souza (2017) podemos observar que o Lugar-Feira em Delmiro Gouveia passou por algumas transformações, e que sua consolidação nesse território também foi resultante de uma série de fatores, dentre eles, o próprio funcionamento da fábrica como poderemos notar na (figura 3).

Figura 03: Fábrica de Linhas da Pedra da Companhia Agro Fabril Mercantil.



Fonte: Edvaldo Nascimento (2014) na obra intitulada “*Delmiro Gouveia e a educação na Pedra*”

Que se ressalte, entendemos que o Lugar-Feira e a Fábrica representam um símbolo extremante caro tanto no processo de configuração urbana e econômica da cidade, quanto no processo de identificação com o lugar, pois ambos compõem e representam um segmento muito importante na história DelmireNSE, na história do município.

Portanto, consideramos que para mais que uma mera territorialidade a fábrica ainda representa uma memória cultural identitária muito forte na cidade, assim como o Lugar-Feira representa uma vivência bastante presente no cotidiano dos sujeitos que a fazem. No segundo caso, que se ressalte, damos ênfase ao Lugar-Feira que se configura e se reconfigura por

intermédio das singularidades, interações, narrativas, trocas materiais e imateriais. Na (figura 04) poderemos observar a antiga feira livre, no ano de 1948, em Delmiro.

Figura 04 - Antiga feira-livre de Delmiro Gouveia-AL, 1948, na rua Progresso.



Fonte: Silva (2016 apud Santos 2018, p. 32)

Diante do que foi exposto acerca da constituição do Lugar-Feira, Souza (2017, p. 77) ressalta que com o início das atividades fabris no município, a saber: a introdução da indústria têxtil no Sertão Alagoano e a abertura do comércio de alimentos, a cidade passou a receber pessoas de outras localidades. Isso, por sua vez, possibilitou um desenvolvimento considerável “promovendo empregos, modernizado o local e ocasionando a formação de população proletária local” (SOUZA, 2017, p. 77).

Similar à concepção anterior, Santos (2018, p. 65) explica, noutras palavras, que a feira popular foi um ingrediente extremamente valioso na centralidade do comércio regional de Delmiro Gouveia. Para ele, desde 1915 ela vem compondo fortes laços de inter-relação e interdependência entre o cenário rural e o cenário urbano. O mesmo autor destaca, que até meados dos anos de 1970 a feira livre esteve disposta no centro da cidade junto ao mercado público. Assim, Santos (2018, p. 33) explica que nesse período a forma comercial constituída na cidade era voltada principalmente à feira, “uma vez que era este o principal espaço para a venda de alimentos”.

Em face do que foi mencionado anteriormente, podemos compreender que o Lugar-Feira sinalizou e sinalizava ser um elemento pertinente à centralidade da cidade, pois representava

um importante ponto de vendas. Além disso, marcava a dinâmica entre campo e cidade como bem destaca Santos (2018).

Levando em consideração tais aspectos, acreditamos que nesse período o Lugar-feira já se apresentava consoante uma estratégia de sobrevivência muito recorrente e cara ao desenvolvimento local e regional, pois “com o crescimento do comércio em geral, a feira tornou-se também cada vez mais importante para a população” (SOUZA, 2017, p. 79).

Acerca disso, Santos (2018, p. 33) vai dizer que por volta dos anos de 1970 os municípios de Água Branca, Pariconha, Mata Grande e Piranhas abasteciam a feira popular de Delmiro trazendo os mais variados produtos que eram vendidos no Alto Sertão Alagoano. O mesmo autor vai dizer que essa feira era composta por feirantes advindos dessas localidades, principalmente.

Seguindo essa linha de raciocínio, é possível compreender que o crescimento do comércio e da população junto aos contextos de interações e inter-relações entre as áreas locais e adjacentes fizeram e fazem de Delmiro Gouveia um Centro comercial bastante efetivo ao decorrer dos anos.

Acerca do exposto, Oliveira (2020) afirma que

Delmiro Gouveia representa um importante e dinâmico centro polarizador de uma fração da região Sertaneja. Seu contexto socioespacial, permite alcança-as como área de recebimento, dispersão e trocas de mercadorias de diversas [sic] naturezas, onde os locais que concentram essas trocas são o centro da cidade, a feira livre e suas áreas adjacentes, ou seja, tem importante concentração das atividades econômicas na região. Isto, obviamente, não exclui outros pontos da cidade que foram se formando ao longo do seu processo de formação territorial (OLIVEIRA, 2020, p. 27).

Tal consideração, sinaliza mais uma vez, a importância imprescindível do Lugar-Feira na construção e configuração da cidade de Delmiro Gouveia. Notamos, que tal relevância perpassa por setores que variam desde os aspectos comerciais e econômicos, aos aspectos simbólicos-culturais marcados pelo encontro de diferentes sujeitos de diferentes pontos da região em um único lócus.

Para que possamos concluir a linha de raciocínio acerca da constituição histórica do Lugar-Feira no solo delmirenses, Silva (apud Santos, 2018, p. 32) explica que

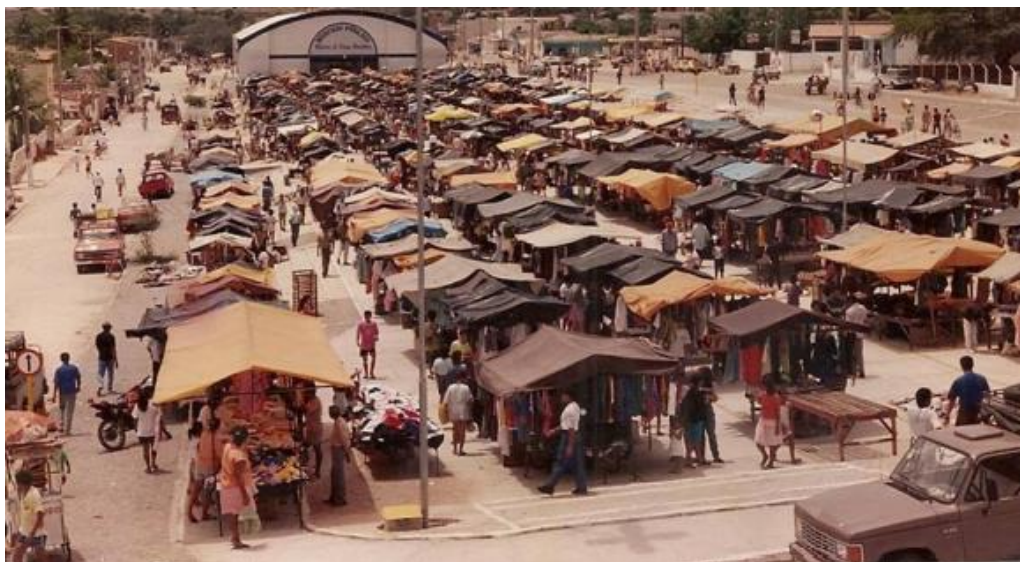
...a feira livre em Delmiro Gouveia passou por diversas localizações. Inicialmente em 1915 era disposta na vila operária, nos arredores da Fábrica da Pedra, sendo realizada apenas aos domingos. Contudo, em 1925, a direção da Fábrica resolveu transferi-la para um lugar mais alto, mais amplo, mais bonito, mais afastado do centro operário, no trecho da então florescente rua do progresso, onde atualmente é a Av. Castelo Branco. Por fim, entre 1990 e 2000, houve outra alteração da feira livre, desta vez para o [sic] bairro Eldorado, desde então não houveram [sic] modificações.

Acerca dessa questão, Souza (2017, p. 79) comenta que antes da feira ser transferida para o bairro Eldorado onde está localizada atualmente, ela chegou a sufocar o trânsito da cidade, pois as ruas eram estreitas o que dificultava tanto o fluxo das pessoas, quanto o fluxo dos meios de transporte utilizados.

É importante destacar, que para a autora não existem registros e documentos oficiais que expliquem o porquê da transferência do Lugar-Feira para o local onde ele se encontra atualmente. Entretanto, para Souza (2017, p. 83-84) há duas hipóteses para essa realocação. Uma primeira hipótese seria a construção da usina hidrelétrica de Xingó pela CHESF por volta de 1987 que teve interferência direta na ocupação do espaço da área central da cidade e, portanto, forçou os feirantes a desabitarem tal local. A segunda hipótese da transferência esteve relacionada à “questão da expansão da cidade e, com ela, o crescimento significativo do trânsito, no qual abririam as passagens centrais para a circulação de veículos e a feira precisaria sair daquele lugar” (SOUZA, 2017, p. 83).

Na (figura 5) abaixo poderemos contemplar o Lugar-Feira em Delmiro Gouveia após ser transferido para outro ponto, o bairro Eldorado.

Figura 05 - Feira livre no Bairro Eldorado, 1992, com o mercado público ao fundo.



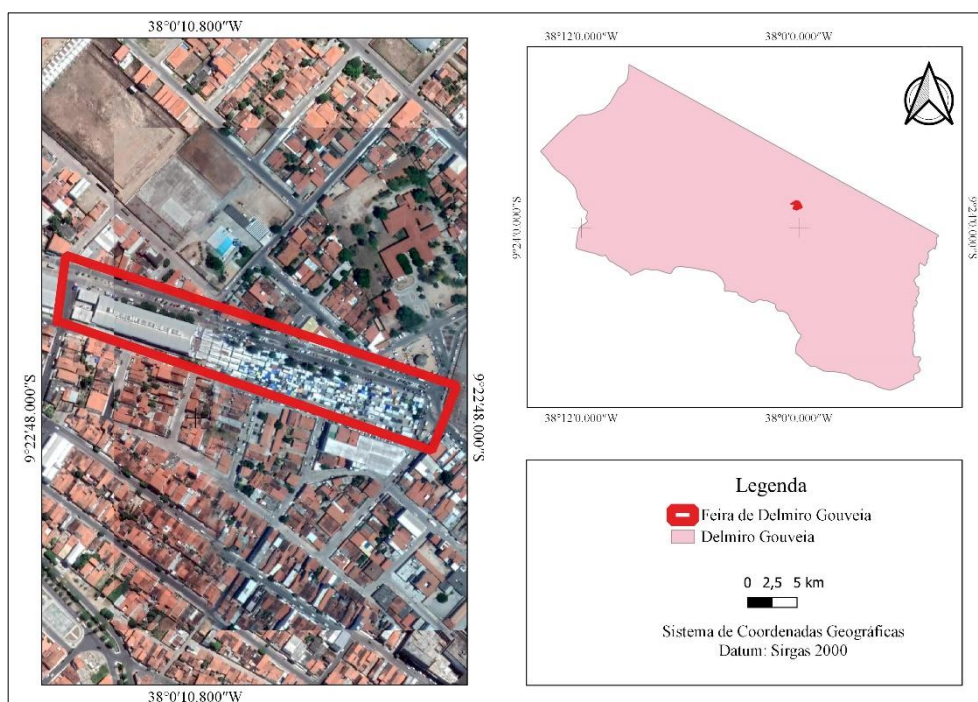
Fonte: Blog dos amigos de Delmiro Gouveia (apud Souza, 2017)

Vimos ao longo deste, que o Lugar-Feira se apresentou sempre como um elemento enfático e presente na constituição histórica do município. Podemos compreender que o Lugar-Feira acompanhou o desenvolvimento da cidade, bem como as suas dinâmicas urbanas e sociais ao longo do tempo.

Verificamos que a sua relevância não consistiu somente aos aspectos econômicos – embora devam e mereçam ser devidamente considerados – mas também aos aspectos simbólicos demonstrados a partir da afirmação de saberes culturais, da configuração da identidade e da troca de experiências locais e regionais.

Para que possamos dar continuidade às discussões, consideramos importante apresentar a atual localização do Lugar-Feira em Delmiro, como poderemos observar na (figura 6) abaixo.

Figura 06 - Mapa de localização da Feira, Bairro Eldorado, 2022.



Fonte: IBGE (2019); Google Satélite (2021). Organização: Lima, Juliana. S. (2022)

Dando seguimento às reflexões acerca da constituição histórica do Lugar-Feira em Delmiro Gouveia, nos valemos de Souza (2017) para melhor consideramos tais colocações. Desse modo, para Souza (2017, p. 66) a cidade de Delmiro Gouveia tem atualmente o setor terciário como principal propulsor da economia local. Como exemplo, a autora ressalta as atividades como a agricultura, as práticas de comercialização e os serviços, dentre os quais podemos mencionar a feira livre, supermercados, concessionárias, hospital regional, delegacia regional de polícia, escolas, instituições privadas, entre outras ações.

Complementando, a mesma autora cita que “na cidade de Delmiro Gouveia o comércio informal da feira livre que atende tanto a necessidades da população local como também das cidades circunvizinhas, acompanhada de outras atividades do terciário, são responsáveis pela geração de emprego e renda para os cidadãos” (SOUZA, 2017, p. 67). Um caro exemplo, pois,

pode ser demonstrado através da cidade de Água Branca¹⁰, que mantem uma recorrente busca de serviços na cidade de Delmiro Gouveia. Dessa forma, por ter como destaque o setor terciário, o município de Delmiro Gouveia se apresenta consoante uma cidade polo do Alto Sertão Alagoano no que se refere aos serviços prestados a sociedade (SOUZA, 2017, p. 71).

Seguindo essa linha de pensamento, iremos nos basear novamente nos escritos de Souza (2017) para que possamos destacar o universo do Lugar-Feira que não se limita somente à dimensão econômica. Nesse sentido, para Souza (2017, p.78) a feira representa não tão somente um lugar de relações comerciais, mas um lugar de sociabilidade, de trocas, aprendizagens, encontros com amigos, local de vivência e trocas de experiências.

Com base na autora e no que foi exposto até então, percebemos que o Lugar-Feira fez e ainda faz parte da história delmireNSE. Sua existência possibilitou e vem possibilitando à cidade uma dinâmica singular não só nas nuances referentes às relações comerciais e, portanto, ao desenvolvimento local, mas no que se refere às teias de convivência e aos laços de afetividades entre os sujeitos inseridos em tal contexto.

É importante ressaltar que o Lugar-Feira não se constituiu sozinho, assim como sua existência não seria possível sem a presença de atores sociais. Por volta de 1912, por exemplo, tivemos os trabalhadores da fábrica junto aos moradores do núcleo fabril como os principais atores dessa constituição, considerando que foram eles que sinalizaram ser a primeira e principal classe consumidora da época. Junto a esses atores, também consideramos importante destacar os feirantes advindos de municípios vizinhos décadas depois, o que acabou fortalecendo ainda mais o protagonismo do comércio delmireNSE.

Diante disso, consideramos importante tratar no subcapítulo seguinte de modo mais aprofundado quais são os atuais atores sociais que fazem o Lugar-Feira em Delmiro Gouveia atualmente.

2.2. ATORES E ATUAÇÕES SOCIAIS NO LUGAR-FEIRA DELMIRENSE

¹⁰ Entrevista realizada na Comunidade rural Serra do cavalo no município de Água Branca no ano de 2020. Os entrevistados foram questionados sobre quais comércios urbanos frequentavam, dentre as alternativas estavam os comércios das cidades de Água Branca, Delmiro Gouveia e Paulo Afonso. Do total de 30 entrevistados, 15 diziam frequentar o comércio de Delmiro Gouveia pelo menos uma vez no mês ou a cada 15 (quinze) dias.

Vimos no subcapítulo anterior, que o Lugar-Feira de Delmiro Gouveia sinalizou ter em seu seio diferentes atores sociais ao longo do tempo. Sendo assim, contou inicialmente com as atuações sociais dos operários da fábrica da pedra, moradores da vila operária e posteriormente contou com a atuação de comerciantes advindos de outras localidades.

Seguindo esse caminho e considerando o que já foi exposto neste trabalho, propomos para este subcapítulo a apresentação de alguns dos atores sociais que atuam no Lugar-Feira de Delmiro Gouveia, atualmente. Junto a isso, propomos também apresentar quais são as ações sociais vivenciadas nesse Lugar por esses atores.

Dando início as discussões acerca da noção de ator social, Gamalho (2016, p.08) explica que um ator “...é a menor unidade indivisível, que se socializa, comunica e estabelece interações com outros atores. Ator é aquele que age, construído no tempo, no espaço e no campo teórico”. Com base nisso, podemos dizer que um ator é aquele que interage, intervém e se relaciona através de diferentes interações sociais (econômicas, culturais, políticas, territoriais) visando um propósito, um objetivo, uma atuação em um dado recorte geográfico.

Gamalho (2016, p. 06) ressalta que o “ator, o agente e o actante¹¹ são centrais na compreensão geográfica a partir do lugar, do espaço vivido, das práticas territoriais”. Dessa maneira, ao agirem reflexivamente, potencializam o caráter de influenciar, transformar e significar o espaço e os demais atores, agentes e actantes (GAMALHO, 2016, p.06).

Seguindo, ainda no que se refere à discussão acerca de atores sociais, Gehlen et Mocelin (2018, p. 39) explicam que os atores sociais sinalizam manifestar diversos interesses, dentre eles: interesses sociais, econômicos, políticos, culturais, além de outros, de forma articulada, via de regra expressos por meio de formas perceptivas, legítimas e que geralmente são regidas por alguma legislação, norma, estatuto ou até mesmo regimentos.

Em face do que foi apresentado no parágrafo anterior, podemos observar que os atores manifestam interesses sociais variados e que seguem uma lógica articulada. Desse modo, podemos dizer que os atores sociais atuam de maneira consciente e com intencionalidades que objetivam o alcance de determinada necessidade ou a realização de determinado propósito.

Gehlen et Mocelin (2018) vão dizer ainda que:

¹¹ “O actante não é uma realidade permanente, mas algo que ocorre na existência social de contextos e situações específicas e/ou circunstanciais. Nessa perspectiva, o próprio o lugar pode configurar um actante, como nos momentos em que adquire sentidos que o personificam e através dos quais o espaço (actante não-humano) tem potencialidade de influenciar as ações de outros/a atores e agentes” (GAMALHO, 2016, p. 08).

Os atores sociais ocupam diferentes posições sociais (estratos), que expressam desigualdade social, e suas atitudes são regradas normativamente por valores éticos compartilhados; mas vivenciam, ao mesmo tempo, valores culturais específicos ou identidades que expressam as diferenças. (GEHLEN et MOCELIN, 2018, p. 40).

Assim, podemos compreender que além de seguirem lógicas articuladas e intencionalidades que visam um propósito, os atores sociais também são regrados por valores subjetivos como, por exemplo, a configuração da identidade, laços de afetividade e as trocas socioculturais. Nesse sentido, Crozier et Friedber (1977 apud DUBAR 2004, p. 59) explicam que “a subjetividade do ator é, portanto, mobilizada por suas estratégias de poder (não no sentido de denominação, mas de influência, incluindo a cooperação e a aliança)”.

Em resumo, podemos dizer que os atores indicam ser sujeitos das práticas e de ações espaciais. Tais práticas e ações podem ser materiais ou efêmeras, de dominação ou apropriação, condicionadas ou de resistências, como também podem ser sutis ou explícitas (GAMALHO, 2016, p. 03). Assim, com base no que foi apresentado, entendemos que um ator social é aquele que ocupa, se apropria, interage, reinventa e produz o espaço no qual está inserido e no qual pretende alcançar algum propósito seja ele econômico, político, religioso, cultural, territorial, social etc.

É importante ressaltar ainda, que as atuações dos atores sociais podem não ser homogêneos. Dessa maneira, um mesmo ator pode desempenhar diferentes papéis sociais em diferentes ambientes de socialização. Nesse contexto, Crozier et Friedber (1977 apud DUBAR, 2004, p. 59) entendem que um ator é um indivíduo autônomo e capaz de cálculo, é um indivíduo que não apenas se adapta, mas que tem capacidade de se reinventar em função das circunstâncias, da realidade que se apresenta e do movimento dos parceiros que os cercam.

Dando seguimento as discussões, no quadro a seguir poderemos observar alguns dos atores e algumas das atuações sociais que são vivenciadas no Lugar-Feira em Delmiro Gouveia.

Quadro 1 - Atores e ações sociais desenvolvidas no Lugar-Feira de Delmiro Gouveia.

	Artefatos de Couro	cintos, bolsas, chapéu
	Calçados	Sandálias, sapatos, botas
	Confecções	blusas, vestidos, casacos, calças, shorts, camisas etc.
	Frutas	Banana, manga, abacaxi, laranja, jaca, melancia, pinha, uva, acerola, seriguela, limão, graviola,

Vendedores		melão, Ouricuri, abacate, maçã, goiaba, pera, umbu, caju, mamão, carambola etc.
	Verduras e legumes	Tomate, cenoura, couve-flor, batata, pimentão, repolho, alface, coentro, salsa etc.
	Temperos	Cebola, alho, pimenta do reino, açafrão, colorau, orégano, cominho etc.
	Comidas	Pastel, bolo, coxinha, caldo de cana, rapadura, mel, tapioca, sucos, fubá, cocada, quebra-queixo, queijo, requeijão, mal-casado etc.
	Variedades	Pentes, espelhos, lençóis, panelas de pressão, coleira de cachorro, bacias, baldes, cordas, fogão, facas, mosquiteiro, fumo de corda, jarros de barro, artefatos de alumínio, pulseiras, brincos, colares, relógios, plantas etc.
	Eletrônicos	Celulares, carregadores de celular, controles remotos, aparelhos de som, pilhas, baterias, fones de ouvido etc.
Transportadores	Motociclistas	-
	Motoristas de carros baixos	-
	Motoristas de D20s	-
	Caminhoneiros	-
	Carroceiros	-
	Motoristas de Vans	-
Consumidores	Homens	-
	Mulheres	-

Fonte: Autora, 2022.

Com base no que apresentado no quadro, podemos verificar que na configuração da feira livre de Delmiro Gouveia, há diferentes atores e distintas atuações sociais. Dos vendedores aos consumidores há uma teia de relações e ações que sinalizam ser estabelecidas por meio de interações diretas e que são manifestadas no universo do Lugar-Feira DelmireNSE.

Ainda tomando o quadro como base, conseguimos observar que os vendedores são um tipo de ator social, mas desempenham diferentes atuações sociais no Lugar-Feira. A exemplo, temos vendedores de frutas, verduras e legumes, temperos, comidas, variedades, eletrônicos etc. Podemos notar que as atuações diferem, mas os propósitos e finalidades desses atores são semelhantes no que se refere à sobrevivência e as práticas sociais desenvolvidas no mesmo ambiente. Ou seja, eles dividem o mesmo Lugar e demonstram compartilhar das mesmas intencionalidades, sendo a estratégia socioeconômica uma dessas intencionalidades em comum.

De outra parte, temos os transportadores, que também são atores sociais e atuam no Lugar-Feira DelmireNSE. Sendo assim, consideramos os transportadores como relevantes, pois atuam de modo a viabilizar o encontro de diferentes sujeitos no ambiente da feira livre. Nesse sentido, são os motociclistas, motoristas de carros baixos, motoristas de D20s, caminhoneiros, carroceiros e motoristas de vans, por exemplo, que possibilitam a interação direta de diferentes sujeitos advindos tanto de outras localidades, como também da própria cidade. Dessa maneira, entendemos que os transportadores são a categoria de atores responsáveis por encurtar as distâncias e unir diversos outros atores nesse único lugar.

Por fim, temos os consumidores, que assim como os vendedores e os transportadores são também atores e desenvolvem atuações sociais no Lugar-Feira de Delmiro Gouveia. A propósito, é importante salientar que os consumidores atuam de diferentes formas. Tais atuações podem ser manifestadas, por exemplo, tanto através dos atos de compra de mercadorias quanto através de trocas simbólicas – culturais, afetivas e de confiança – que também indicam ser construídas e vivenciadas por esses sujeitos no ambiente da feira.

É relevante destacar ainda, que os consumidores representam um universo bastante enfático no que diz respeito à própria existência da feira livre. Nesse sentido, podemos dizer que sem essa categoria – somada às interações produzidas por ela – a totalidade e a essência do Lugar-Feira seriam arruinadas. Considerando que o Lugar-Feira é o resultado de inter-relações, de narrativas, de singularidades e de trocas materiais e imateriais, seria improvável que tais interações existissem na ausência desses sujeitos, pois entendemos que são eles que fazem com que essa teia seja construída, alimentada e vivenciada.

É importante destacar, a essa altura, que para fins de recorte metodológico de pesquisa e, portanto, da amostra de informações para interpretação, não utilizamos os fregueses (consumidores) e transportadores no universo amostral, embora consideremos tais agentes indispensáveis para a dinâmica e existência da feira-livre. A efeito de pesquisa amostral, eles não participaram das entrevistas e questionários. Isso explica o porquê de os quadros estarem

vazios quanto as suas atuações sociais. Consideramos somente os feirantes e as suas narrativas como o foco da pesquisa.

De uma maneira geral, vimos neste capítulo que a feira livre de Delmiro Gouveia remonta o surgimento da fábrica da pedra e a própria constituição histórica da cidade. Para mais, pudemos observar que a feira contou com diferentes atores e atuações sociais, tais atores e atuações foram manifestados inicialmente pelos operários da fábrica, moradores da vila operária e vendedores de outros locais.

Seguindo, pudemos observar que ao longo do tempo a feira livre sofreu alterações pontuais no que diz respeito à sua localização geográfica. Junto a isso, tivemos também atualizações no que se refere aos atores e atuações sociais na nova realidade da feira.

Diante do exposto, propomos agora verificar no capítulo seguinte algumas narrativas de feirantes acerca da identificação com o Lugar-Feira ligadas as estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência em Delmiro Gouveia.

CAPÍTULO 3 – NARRATIVAS DE FEIRANTES ACERCA DA IDENTIFICAÇÃO COM O LUGAR-FEIRA LIGADAS AS ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS E CULTURAIS DE SOBREVIVÊNCIA

As narrativas são elementos extremamente caros à interpretação e a pesquisa. Entendemos que as narrativas expressam de forma singular os mais variados sentidos, as mais variadas intenções, vivências, experiências e as mais diversas leituras de mundo.

Aqui, consideramos as narrativas como ingredientes indispensáveis na estruturação e desenvolvimento desta pesquisa e da pesquisa científica de modo geral, pois entendemos que é através dos dizeres das pessoas que conseguimos interpretar, refletir, entender e ter uma noção daquilo que cada sujeito projeta e (re) projeta no mundo.

Ressaltamos ainda que para além de um conjunto de ideias e de histórias de vida de sujeitos diversos, as narrativas representam a forma como esses mesmíssimos sujeitos entendem, observam, pensam, refletem e vivenciam o mundo e as pessoas deste mundo. As narrativas, nesse sentido, são o resultado de um coletivo de significados referentes à existência de cada pessoa.

Nesse contexto e considerando a importância de tal elemento para a realização deste trabalho, trataremos de apresentar neste capítulo algumas narrativas de feirantes de Delmiro Gouveia.

Como desenho metodológico tivemos, como já mencionado noutro momento, a aplicação de questionários e entrevistas, priorizando a pesquisa qualitativa e de campo. No que se refere aos questionários, aplicamos 16 e no que se refere as entrevistas, aplicamos 21. Ao todo, tivemos contato com 37 feirantes. Desses 37 atores sociais, tivemos a divisão que será apresentada no (Quadro 2) e (Quadro 3)

Quadro 2 – Quantitativo de feirantes participantes da pesquisa através da entrevista

Mulheres	12
Homens	9
Total de participantes	21

Fonte: Autora, 2022.

Quadro 3 – Quantitativo de feirantes participantes da pesquisa através do questionário

Mulheres	5
Homens	11
Total de participantes	16

Fonte: Autora, 2022.

A idade dos questionados foram diversificadas e variaram entre os 18 anos até os 64 anos. O perfil de escolaridade dos feirantes também era bastante diversificado, ou seja, de sujeitos que tinham o ensino superior incompleto a sujeitos que nunca tiveram a oportunidade de ir à escola.

Numa primeira visita foram aplicados 16 questionários aos feirantes e, posteriormente, foram realizadas mais 21 entrevistas, pois as informações dos questionários foram insuficientes. O questionário foi elaborado com 14 questões, sendo 4 perguntas abertas e 10 perguntas fechadas. Já na entrevista havia apenas 5 questões. Importante pontuar, que as entrevistas e os questionários não foram realizados com as mesmas pessoas.

O trabalho de campo teve uma duração média de 1 mês, aproximadamente, com visitas realizadas semanalmente. Antes da aplicação dos questionários e entrevistas foram realizadas visitas com o intuito de observar, vivenciar e realizar alguns registros fotográficos.

Dando continuidade, como já mencionado anteriormente, optamos pelo método fenomenológico como base de investigação, pois concordamos com Graças (2000) quando afirma que a fenomenologia tem o papel de buscar a experiência consciente do indivíduo que está contida no mundo subjetivo de cada ser humano e que só se pode ser conhecida através do que é revelado e interrogado por ele. Nesse contexto, a abordagem fenomenológica “trata-se, então, de um movimento em direção à compreensão e à interpretação do fenômeno descrito [...]” (GRAÇAS, 2000, p. 28).

Que se ressalte, também concordamos com Nascimento et Costa (2016) quando citam que o objetivo do método fenomenológico é “descrever a estrutura integral da experiência vivida, os significados que essa experiência tem para os indivíduos que a vivenciam” (NASCIMENTO et COSTA, 2016, p. 45).

Em vista de tais menções, entendemos que o método fenomenológico é muito pertinente para trabalhar a temática proposta, visto que vai de encontro com os critérios de investigação propostos neste trabalho, a interpretação de narrativas.

3.1 – ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS E CULTURAIS DE SOBREVIVÊNCIA NO LUGAR-FEIRA DE DELMIRO GOUVEIA

Como visto, a noção de Lugar perpassou por diferentes contextos, da perspectiva de localização na Geografia Clássica à noção de apego, significados e identificação na Geografia Moderna. Sobre Lugar do ponto de vista do apego, Silva (2021) vai dizer que

...quando se conduzem as leituras para uma escala e para um plano de apego e de identificação dos sujeitos participantes com o espaço, mormente expressadas por meio de percepção, de narrativas, de discursos e de símbolos, dá-se vez à construção da ideia de lugar geográfico (SILVA, 2021, p. 49).

Com base no apresentado por Silva (2021), podemos observar que Lugar não é algo dado, mas algo que é construído através de alguns elementos, dentre eles, as narrativas. Podemos verificar que mais uma vez as narrativas se apresentam como um ingrediente extremamente caro à construção do Lugar e, portanto, a “afirmação de presenças” (SILVA, p. 49).

Acerca da noção do Lugar enquanto construção simbólica, alguns feirantes responderam que a feira de Delmiro Gouveia representa sim um Lugar. Verificamos que para eles a feira não sinaliza ser uma mera localização, mas algo que transcende a barreira de delimitação. A feira nesse sentido, passa a ser entendida como Lugar de vivências e experiências, como podemos observar no (gráfico 01).

Gráfico 01 - A feira de Delmiro Gouveia enquanto Lugar



Fonte: Autora, 2022.

A afirmativa dos feirantes demonstra de modo bastante interessante aquilo que foi mencionado, outrora, por Silva (2021) ao explicar que o Lugar não é algo dado, mas algo que é construído, configurado, moldado. Na feira, as trocas e as vivências se apresentam como elementos caros a esse processo de construção de vínculos porque há uma interação direta com diferentes sujeitos, tanto entre os que vendem, quanto entre os que compram. Cada sujeito carrega consigo as suas narrativas individuais, suas concepções de vida, seus modos de ser. Na feira, esses mesmos sujeitos têm a possibilidade de se depararem com várias outros dizeres e modos de ser, nisso, é muito provável que haja trocas e interações.

Assim, se o lugar não é dado, mas é construído, entendemos que as experiências, as trocas subjetivas e as vivências se apresentam enquanto aspectos indispensáveis no que diz respeito a esse processo de construção. Mais do que elementos subjetivos, tais ingredientes são relevantes tanto do ponto de vista de configuração de laços afetivos com o espaço, tornando-o um lugar, como são importantes do ponto de vista da manutenção de vínculos com o mesmo. Nesse sentido, as experiências e as vivências que são frequentemente reforçadas na feira a partir do encontro e das trocas entre diversos sujeitos, sinalizam ser elementos relevantes no processo de configuração da feira livre em um lugar, justamente por se tratar de um ambiente que possibilita de modo bastante natural essa inter-relação.

Como pudemos observar no parágrafo anterior, a feira é lugar de vivências e experiências. Todavia, junto a esses dois elementos destacamos também o caráter econômico, que atua como um dos principais elementos no processo de construção de vínculos com a feira livre. Poderemos observar tal premissa no (gráfico 02) a seguir.

Gráfico 02 - Vínculos dos feirantes com a feira livre



Fonte: Autora, 2022.

Em face do que apresenta o gráfico, podemos observar que os aspectos econômicos e culturais se apresentaram enquanto elementos relevantes para a constituição de vínculos com a feira. Para alguns feirantes, boa parte da renda mensal é advinda daquilo que vendem na feira. Tal acontecimento, nesse sentido, reforça a ideia de que a feira é uma importante estratégia de sobrevivência socioeconômica e cultural para os sujeitos que dela dependem.

Por se encontrar em um contexto de informalidade, alguns feirantes veem na feira uma possibilidade de geração de renda imediata. E, em tais condições, como bem menciona Sá (2019) a feira se torna uma oportunidade de trabalho bastante acessível. Dessa maneira, é natural que os feirantes construam e mantenham vínculos espaciais voltados a esses aspectos econômicos e culturais, pois diante de tais parâmetros essas ligações sinalizam ser sinônimos de sobrevivência e existência.

Podemos reforçar a importância econômica e cultural que a feira tem para os feirantes a partir das narrativas a seguir:

“É minha sobrevivência e ajuda nas contas do fim do mês”¹²

“...na feira é minha forma de sustento e com ela pude ajudar minha família. Porém trabalho porque é preciso e ela me ajuda”¹³

“Significa...um meio de sobrevivência”¹⁴

“...é um patrimônio cultural e um trabalho digno”¹⁵

“um local de trabalho. Estou aqui porque tenho que trabalhar”¹⁶

“É fonte de renda, é meu trabalho”¹⁷

“É o meu ganha pão”¹⁸

Nas narrativas apresentadas, podemos observar novamente a aparição da feira consoante um meio de sobrevivência, de geração de renda. Para a entrevistada 2, por exemplo, mais do que uma estratégia de sobrevivência individual, a feira representa uma possibilidade imediata de ajuda para os seus entes queridos.

¹² Entrevistada 1, 64 anos, maio de (2022)

¹³ Entrevistada 2, 57 anos, maio de (2022)

¹⁴ Entrevistado 3, 45 anos, maio de (2022)

¹⁵ Entrevistado 4, 18 anos, maio de (2022)

¹⁶ Entrevistado 5, 22 anos, maio de (2022)

¹⁷ Entrevistado 6, 40 anos, maio de (2022)

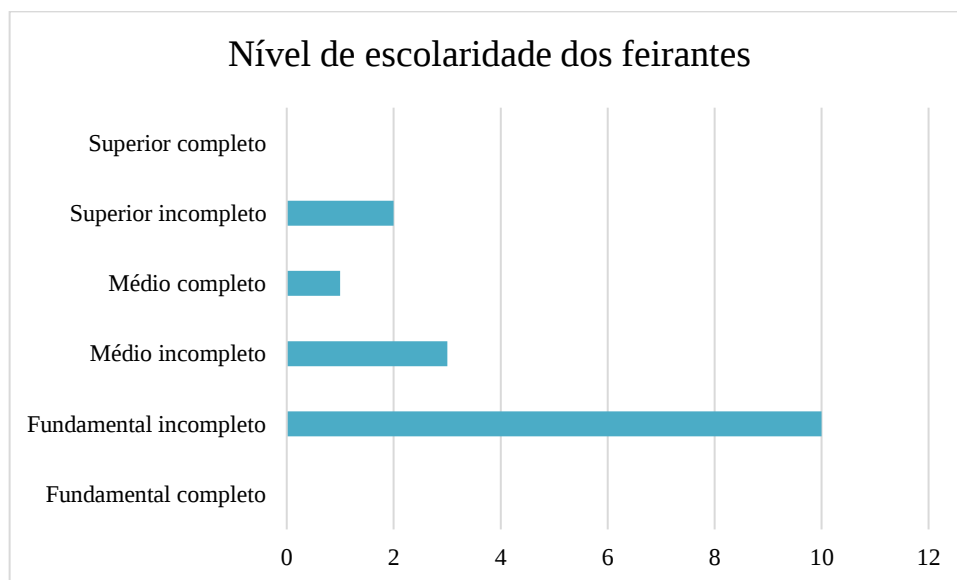
¹⁸ Entrevistada 7, 32 anos, maio de (2022)

Para o entrevistado 4, a feira representa um trabalho digno, que assim como tantos outros, também merece respeito e reconhecimento. É interessante salientar, que embora a feira seja um modelo de trabalho informal, não significa dizer que os feirantes são desprovidos de técnicas e saberes, pelo contrário, são sujeitos com uma capacidade de convencimento e “tino” para os negócios bastante expressiva. Nesse contexto, para ser feirante e se dar bem na feira o que mais importa é a experiência e não a formação profissional.

Seguindo essa perspectiva, Araújo (2011, p. 126) vai explicar que “...as feiras [...] são sobretudo, lugares de trabalho. Lugares que recebem aqueles que se encontram no desemprego formal”. Nesse sentido, alguns feirantes desenvolvem vínculos com o Lugar-Feira baseados nesses elementos, porque é nesse lugar que eles conseguem um trabalho e, conseqüentemente, uma renda para se manterem, mesmo em contexto de trabalho informal.

Dando continuidade, no (gráfico 3) a seguir, poderemos verificar o nível de escolaridade dos feirantes. Esse gráfico nos ajudará a compreender melhor o cenário de qualificação dos feirantes e a importância que a feira apresenta enquanto estratégia de sobrevivência visto o nível de formação deles.

Gráfico 03 - Nível de escolaridade dos feirantes de Delmiro Gouveia/AL



Fonte: Autora, 2022.

Como podemos visualizar no gráfico acima, muitos feirantes sinalizaram não ter finalizado sequer o ensino fundamental. Tal acontecimento faz da feira um Lugar de estratégia socioeconômica muito forte tal qual foi demonstrado anteriormente em outra situação. Nesse contexto, devido ao fato deles não terem um nível de formação acadêmica adequada, a feira

livre passa a ser uma importante estratégia de sobrevivência justamente por se tratar de um trabalho informal onde não é preciso ter muita formação profissional, por exemplo. Nessas circunstâncias, para o feirante importa “...ter tino para os negócios, jeito, vocação para a coisa” (SÁ, 2019, p. 57). Assim, entendemos que a escolaridade acaba se tornando um fator secundário, visto que o feirante não precisa ser necessariamente qualificado academicamente para poder trabalhar na feira.

É interessante destacar, que tendo o caráter econômico como um dos principais motivadores para a construção de vínculos com o Lugar-Feira, a maioria dos feirantes entrevistados sinalizaram que o aspecto mais importante vivenciado na feira é vender o produto e, paralelo a isso, ter um local para trabalhar. Quando foram questionados acerca do que mais importava na feira, eles responderam:

“o que mais importa é a venda”¹⁹

“ter o seu trabalho, o que mais importa é o trabalho”²⁰

“vender as minhas mercadorias”²¹

“...apurar dinheiro, se não apurar dinheiro não faço nada (risos)”²²

“a gente trabalhar, é muito importante”²³

“vender a mercadoria na feira”²⁴

“ter um local para vender”²⁵

“...importa as pessoas, as vendas [...] a gente é feirante e vem para vender, é isso que importa”²⁶

Por se tratar de uma estratégia de sobrevivência socioeconômica e cultural, é comum que as vendas dos produtos seja um aspecto relevante para os feirantes, visto que é daí que eles irão extrair boa parte da renda mensal produzida. Vender os produtos e vender bem é o que importa para eles, porque é através disso que terão a oportunidade de sustentar a si mesmos e a família. Como bem menciona a entrevistada, o “feirante vai para a feira vender”, portanto, é importante que ele consiga vender.

Para a entrevistada 16, o importante é vender, também. Entretanto, mais importante que vender as mercadorias, é ter um local para vendê-las. Podemos verificar, com base nisso, que vender na feira é também uma maneira de afirmar e reafirmar a autonomia do feirante no que

¹⁹ Entrevistada 8, 34 anos, maio de (2022)

²⁰ Entrevistada 9, 32 anos, maio de (2022)

²¹ Entrevistado 10, 47 anos, maio de (2022)

²² Entrevistado 11, 58 anos, maio de (2022)

²³ Entrevistado 12, 54 anos, maio de (2022)

²⁴ Entrevistada 13, 22 anos, maio de (2022)

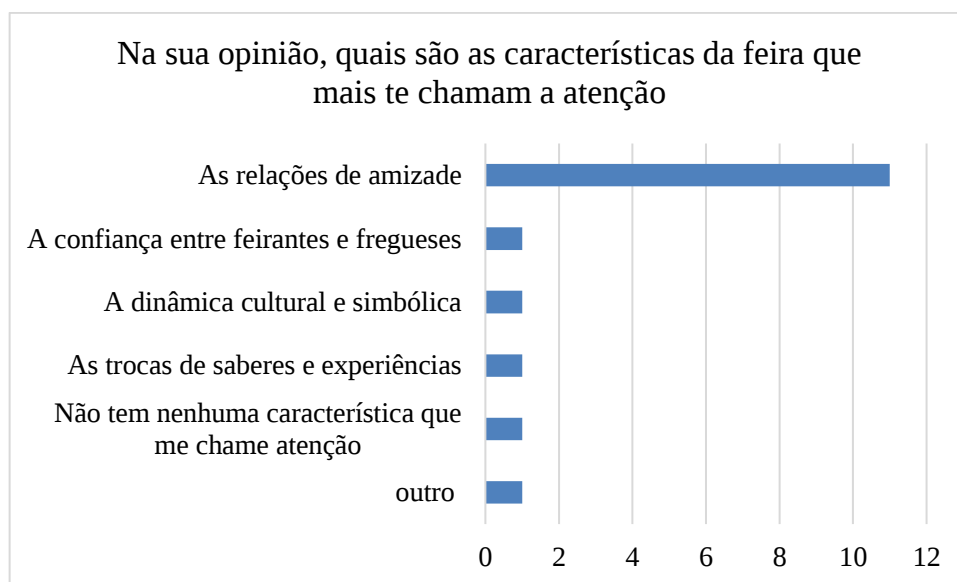
²⁵ Entrevistada 14, 57 anos, maio de (2022)

²⁶ Entrevistada 15, 44 anos, maio de (2022)

se refere a ter o seu próprio ambiente de trabalho e a ter o seu próprio negócio. Muito provavelmente, a entrevistada 16 tenha encontrado na feira a oportunidade que precisava para negociar os seus produtos e deve ser por isso que para ela o que importa é ter onde comercializá-los.

Interessante salientar, que embora a venda dos produtos atrelada à oportunidade de ter um local para trabalhar sinalizem ser as duas coisas mais importantes para os entrevistados, são as relações de amizade que mais chamam a atenção na feira, como poderemos observar no (gráfico 04).

Gráfico 04 - Características que mais chamam a atenção dos feirantes.



Fonte: Autora, 2022.

Como podemos notar, quase todos os entrevistados sinalizaram que as relações de amizade é a característica que mais chama a atenção na feira. Diferentemente dos outros tipos de mercado, a feira apresenta uma dinâmica muito peculiar que permite a construção constante de laços simbólicos e afetivos. Isso pode ser justificado, dentre outras possibilidades, pelo fato dela ser um ambiente em que não há a determinação de muitos pré-requisitos. Em um Supermercado convencional, por exemplo, o pré-requisito é ter dinheiro para poder comprar o produto.

Por outro lado, na feira algumas mercadorias são adquiridas com base na confiança, na amizade, na “palavra”. Ou seja, a moeda de troca acaba sendo nada mais que laços simbólicos. Nesse sentido, a convivência, as trocas e as vivências entre feirantes e fregueses em um ambiente que contribui com essa interação fazem da feira livre um Lugar valioso à configuração

de amizades e, conseqüentemente, a consolidação dessas relações de amizade entre esses sujeitos. Sobre isso, Araújo (2011, p. 90) explica que “tal sociabilidade é dotada de um caráter positivo, construtivo, afirmativo, para as pessoas que dela participam”.

Por entenderem que as relações de amizade é a característica que mais chama a atenção na feira, os feirantes demonstram tratar muito bem os seus clientes. Para eles, o que mais movimenta a feira são justamente os fregueses, pois eles “*vêm pra feira comprar as coisas, aí movimenta (risos)*”²⁷. De modo geral, podemos dizer com base nas narrativas que o que mais movimenta a feira é:

*“o povo que vem comprar e sempre procura a pessoa”*²⁸

*“o pessoal, sem o pessoal não tem feira, pois não teria quem comprasse”*²⁹

*“as pessoas que ficam aqui”*³⁰

*“as pessoas, os clientes que vêm comprar”*³¹

*“as necessidades das pessoas que precisam comprar”*³²

Como podemos verificar nos dizeres apresentados acima, os feirantes sinalizam que os fregueses são sujeitos muito importantes para a dinâmica da feira, pois são eles que fazem com que ela aconteça. Sem ter quem compre, não há a necessidade de ter quem venda. Noutras palavras, podemos dizer que os fregueses são essenciais à própria existência da feira, pois são eles que vão de encontro à mesma, são eles que estabelecem a linha de trocas materiais e imateriais junto as vivências e experiências. São os fregueses que adquirem os produtos, participam da geração da renda dos feirantes e, conseqüentemente, demonstram contribuir para a economia e a cultura local.

A entrevistada 9 acredita que são os fregueses que movimentam a feira de Delmiro Gouveia, principalmente aqueles que procuram a sua banca. Importante ressaltar, que geralmente os fregueses já são acostumados a comprar em determinadas bancas. Se são frutas, é uma banca; se são roupas, uma outra específica. Há, nesse sentido, uma construção afetiva que é reforçada a cada busca, a cada procura. Feirantes e fregueses se conhecem pelo nome, mas também se conhecem pelos laços de reciprocidade que são construídos e cultivados constantemente nesse Lugar.

²⁷ Entrevistada 16, 51 anos, maio de (2022)

²⁸ Entrevistada 9, 32 anos, maio de (2022)

²⁹ Entrevistada 17, 19 anos, maio de (2022)

³⁰ Entrevistado 12, 54 anos, maio de (2022)

³¹ Entrevistada 18, 23 anos, maio de (2022)

³² Entrevistada 19, 22 anos, maio de (2022)

Dando seguimento as discussões, vimos também ao longo deste trabalho algumas discussões voltadas à Identidade e Lugar. Nelas, pudemos verificar que a identidade pode ser configurada através da interação social e, portanto, por estímulos ofertados e vivenciados em sociedade. Importante salientar, ainda, que a identidade também sinaliza ser constituída através da capacidade que o indivíduo tem de manter a sua essência – modo de ser – mesmo diante de constantes trocas e interações com outros sujeitos. Nesse sentido, a identidade seria a capacidade que cada sujeito tem de manter uma narrativa, ou essência individual, apesar das várias outras narrativas e inter-relações sociais existentes.

Interessante destacar, que seja através da interação direta com outros sujeitos, seja através da capacidade de manter uma narrativa individual frente às diversas outras narrativas, a identidade sinaliza estar diretamente ligada às relações sociais, à sociabilidade. Seja para construí-la – através das trocas –, seja para preservá-la – através da capacidade de manter essa essência singular apesar das complexas teias de interação.

Continuando as discussões acerca da configuração da identidade, entendemos que existem alguns elementos que são fundamentais à existência da feira livre de Delmiro Gouveia e concordamos com a entrevistada 20, quando cita os aspectos abaixo como essenciais à existência da feira. Seguindo, ela cita a:

“Preservação e fortalecimento da cultura popular local; Preservação da identidade e sentimento de pertencimento dos delmirenses; local de trocas afetivas, de laços de amizade e familiar; Fonte de renda para pequenos produtores e/ou empreendedores de Delmiro e região; Desenvolvimento e fortalecimento da economia local e regional³³”.

Podemos observar na narrativa acima, que a feira livre tem alguns elementos que são extremamente relevantes e essenciais para a existência da mesma e, dentre esses elementos, temos a preservação da identidade. Entendemos, nesse sentido, que o Lugar-Feira se torna um ambiente valioso no que se refere à identidade, tanto do ponto de vista de configuração da identidade propriamente dita – através da exposição direta as várias interações sociais –, tanto na perspectiva de manter a narrativa individual mesmo estando em contato direto com esses vários outros contextos de vida singulares.

Desse modo, destacamos que se a identidade sinaliza ser constituída tanto em contato com outros sujeitos, quanto através da capacidade de manter uma narrativa individual, a feira se apresenta como Lugar ideal para tal ação.

³³ Entrevistada 20, 30 anos, maio de (2022)

Através das narrativas que veremos a seguir, poderemos identificar níveis de sensibilidades riquíssimos e, que conseqüentemente, nos fornecem ferramentas caras para o processo de construção da interpretação dos elementos que compõem feira livre.

Em tais discursos poderemos observar que a dimensão simbólica da feira se apresenta de modo bastante aguçado. Neles, percebemos que há muito a ser conhecido e a ser interpretado.

*“A feira é tudo [...] estava com depressão por conta do falecimento do meu filho. Aí eu me ocupei [...]conheci novas pessoas e isso ajudou a passar por esse momento difícil [...]a feira salvou minha vida”.*³⁴

*“...minha tudo. Se não fosse isso eu tinha morrido de fome [...]”*³⁵

*“...é tudo para mim. Acho muito bom aqui. Eu amo a feira”*³⁶

Diante do exposto, podemos observar que para além de um lugar propício à construção da identidade, de relações de amizade, oportunidade de trabalho e geração de renda imediata, a feira se apresenta também enquanto lugar de superação, de recomeço, de bem-estar.

Para a entrevistada 21, a feira é mais que um local de trabalho, é um lugar de forte teor simbólico porque foi ali que ela encontrou forças para seguir. É Lugar de afetividade, de apego, de significados. Nesse sentido, temos um lugar que diz respeito à “aspectos simbólicos e afetivos do sujeito para com o espaço vivido” (LIMA, 2021, p. 99). A entrevistada ainda conta que nunca teve a oportunidade de estudar e que o grande sonho da vida dela é aprender a ler e escrever, pois é analfabeta. Tal detalhe mencionado, faz com que a feira desempenhe um papel ainda mais relevante na vida dela, haja vista que mesmo sem ter estudado, sem saber ler e nem escrever ela consegue materializar a sua autonomia no trabalho, além da importância enquanto sujeito do mundo e ator social transformador do espaço.

Para o entrevistado 22, um senhor cego e analfabeto, a feira representou um destino, um caminho, uma direção a ser seguida, um lugar de inclusão. Ele conta ainda, que tivera noutro momento todos os seus benefícios cancelados e foi então que a feira o salvou. O entrevistado nunca foi à escola, mas mesmo assim consegue dar andamento ao seu negócio na feira. Muito deve às relações de confiança de seus clientes, visto que ele tem a visão prejudicada. Novamente, a feira se apresenta consoante um lugar que recepciona aqueles que dela necessitam.

³⁴ Entrevistada 21, 59 anos, maio de (2022)

³⁵ Entrevistado 22, maio de (2022)

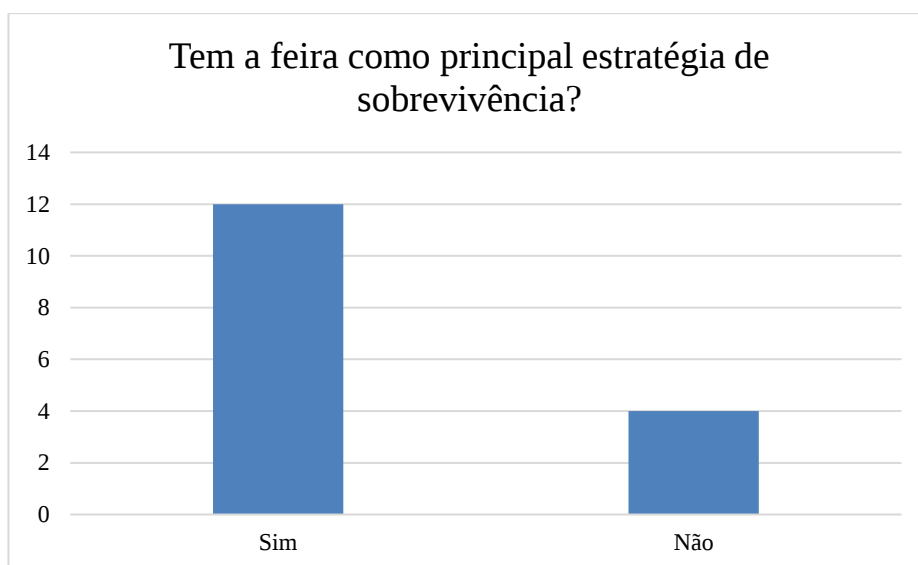
³⁶ Entrevistada 23, 57 anos, maio de (2022)

Já para a entrevistada 23, a feira representa um lugar de bem-estar, de vivência e de experiência, onde os laços de afetividades sinalizam estar muito bem fundados e definidos. Desse modo, estar na feira não é estar em qualquer lugar, mas em um lugar que ela ama estar. Acerca disso, Yu-fu Tuan (2018, p. 15) explica que “viver em um lugar é experienciá-lo, é estar ciente dele tanto nos ossos, como na cabeça. O lugar, em todas as escalas, da poltrona à nação, é um constructo da experiência”.

A partir do que foi apresentado, podemos adentrar em novas interpretações que também se mostram relevantes, agora tendo como foco a feira enquanto uma estratégia de sobrevivência. Tendo Araújo (2011) como base, verificamos que a feira acabou se tornando ao longo dos anos um elemento essencial à manutenção da sobrevivência, porque é dela que muitos sujeitos conseguem tirar sustento para sobreviver, ou pelo menos conseguem produzir uma renda mínima para sustentar a si mesmos ou o núcleo familiar a qual pertencem.

No (gráfico 05) poderemos visualizar que a maioria dos feirantes entrevistados têm a feira como principal estratégia de sobrevivência.

Gráfico 05: A feira livre de Delmiro Gouveia como principal estratégia de sobrevivência.

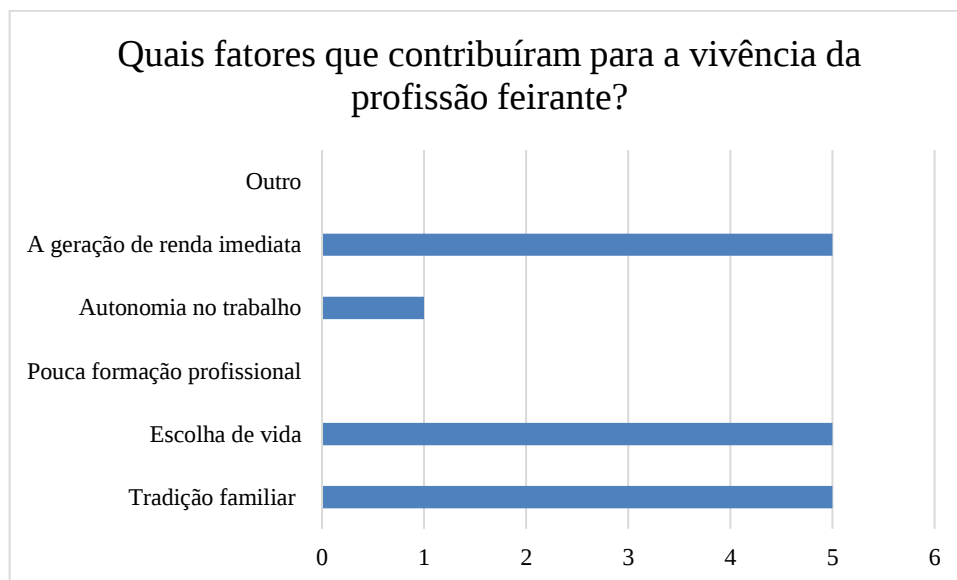


Fonte: Autora, 2022.

Como visto, dentre o quantitativo de dezesseis feirantes entrevistados, alguns responderam que exercem outras funções que auxiliam na renda junto à profissão feirante. Dentre as outras estratégias de sobrevivência, destacamos a de técnicos de limpeza e agricultores. De fato, algumas pessoas conseguem sobreviver somente daquilo que conseguem vender na feira, mas há pessoas que precisam exercer outra atividade além da profissão de feirante.

É interessante ressaltar ainda, que além de ser uma estratégia de sobrevivência bastante recorrente, a escolha pela feira e, conseqüentemente, pela vida de feirante divide espaço com quatro outros fatores importantes que serão mencionados no (gráfico 06).

Gráfico 06 - Fatores que contribuíram para a escolha da profissão de feirante.



Fonte: Autora, 2022.

No gráfico acima, notamos que além da questão da sobrevivência, a vivência da profissão feirante é motivada pela geração de renda imediata, ou seja, o feirante vende e recebe boa parte do lucro na hora, o que é um aspecto muito importante a ser salientado considerando a necessidade daqueles que vendem na feira. Por essa questão, é natural que a escolha surja baseada no caráter econômico.

Outro aspecto a ser destacado é a tradição familiar. Dos dezesseis entrevistados, cinco responderam que são feirantes porque é uma profissão que acabou sendo transmitida de geração para geração. Nesse sentido, para alguns a profissão de feirante é também a perpetuação de uma tradição familiar e, que, portanto, sinaliza não estar diretamente ligada à geração de renda, mas também a manifestação de um legado, de uma memória afetiva, de uma cultura.

O gráfico também demonstra que a autonomia no trabalho é um aspecto relevante para a escolha da profissão feirante. Dessa maneira, temos nessas circunstâncias, feirantes que são ao mesmo tempo patrões e empregados que acatam as suas próprias ordens e que trabalham a quantidade de horas que eles mesmos decidem com base em suas próprias necessidades, além de produzirem, em alguns casos, as suas próprias mercadorias.

Para concluir essa linha de raciocínio, temos o aspecto que está ligado à vivência da profissão feirante por escolha de vida. Nesse quesito, temos sujeitos que optaram pela profissão sem que aparentemente houvessem motivações secundárias. Dessa maneira, são feirantes porque escolheram ser. Para o entrevistado 24, por exemplo, a feira é uma extensão daquilo que ele já desempenha durante muito tempo, visto que ele é agricultor. Nesse sentido, ela relata que *“a feira, por eu ser da roça é um divertimento, pois eu fui criado na roça”*³⁷. Assim, para ele, ser feirante é uma escolha de vida, pois não foge do cotidiano que ele já vivencia.

Dando continuidade às discussões, vimos também noutro momento que as feiras livres constituem um modelo de mercado regional, tendo em vista a característica de trocas socioeconômicas. Entendemos por trocas socioeconômicas aquelas que não estão necessariamente ligadas somente à troca econômica – troca material – mas também troca simbólica.

Nessa linha de pensamento, quando questionados se a feira contribui para o desenvolvimento econômico e regional do alto Sertão, a maioria dos feirantes afirma que ela contribui sim, como poderemos observar nas narrativas a seguir:

*“Sim, porque gera dinheiro e gera renda para o feirante [...] e nossa renda é aqui”*³⁸.

*“Contribui, porque a gente circula o dinheiro da feira em Delmiro”*³⁹.

*“Sim, tem gente que vive da feira e tá todo dia negociando e isso gera dinheiro”*⁴⁰.

*“Contribui, porque é uma fonte de renda para muita gente [...] a feira é o ganha pão de muita gente porque nem todo mundo tem [...]”*⁴¹.

*“Contribui, porque eu compro tudo aqui em Delmiro”*⁴².

*“Sim, porque quando a feira é fraca o movimento das lojas cai muito. Eles compram a gente e a gente compra a eles”*⁴³.

*“Contribui, porque quanto mais gente tiver pra comprar é melhor”*⁴⁴.

*“Sim, porque movimenta as lojas e mercados locais”*⁴⁵.

*“Sim, os produtos são feitos na própria região e fica mais barato tanto para o consumidor quanto para o vendedor”*⁴⁶.

“Sim. A gente vive em uma localidade que tem muitos agricultores e pecuaristas como eu, além das demais formas de cultivo e atividade agrícola. A feira é quem me sustenta, eu e toda minha família, isso a mais de 30 anos que levo meus produtos pra lá. E, assim como eu, outros também vivem exclusivamente da feira e outras

³⁷ Entrevistado 24, 48 anos, maio de (2022)

³⁸ Entrevistada 18, 23 anos, maio de (2022)

³⁹ Entrevistado 12, 54 anos, maio de (2022)

⁴⁰ Entrevistado 11, 58 anos, maio de (2022)

⁴¹ Entrevistada 17, 19 anos, maio de (2022)

⁴² Entrevistado 10, 47 anos, maio de (2022)

⁴³ Entrevistada 9, 32 anos, maio de (2022)

⁴⁴ Entrevistado 25, 54 anos, maio de (2022)

⁴⁵ Entrevistada 26, 34 anos, maio de (2022)

⁴⁶ Entrevistada 27, 34 anos, maio de (2022)

atividades agrícolas. Se eu não vender, também não posso comprar o básico para me alimentar, higiene e tudo mais que é necessário. Se a gente não vende, não vamos fazer compras em mercados e lojas. Por isso, a feira é de suma importância”⁴⁷

“Sim. A feira livre de Delmiro Gouveia é de extrema importância para o desenvolvimento econômico, pois esta configura-se como uma das principais fontes de renda da cidade e de toda a região, principalmente depois do fechamento da fábrica da Pedra, uma importante indústria que movimentava a economia da cidade. Muitas famílias dependem exclusivamente dos trabalhos desenvolvidos na feira livre, principalmente pequenos agricultores e comerciantes”⁴⁸

Como pudemos observar, os entrevistados entendem que a feira contribui em termos de desenvolvimento econômico e regional do Alto Sertão Alagoano. Poderemos visualizar que para os feirantes a feira se torna um elemento importante não só para o fomento da economia do Alto Sertão, mas relevante de um modo especial para a economia e desenvolvimento do próprio município de Delmiro Gouveia.

Vários foram os fatores indicados pelos entrevistados acerca desse questionamento. Para uns, a feira contribui porque ela atua enquanto lugar de trocas, e isso faz com que diversas pessoas se desloquem até a feira de Delmiro Gouveia para comprar os seus produtos. Importante ressaltar, que motivados pela ida à feira, algumas pessoas acabam se dirigindo a outros mercados, a lojas, etc. Nesse contexto, é muito provável que haja um fomento da economia local e, conseqüentemente, regional, visto a importância que o município apresenta no contexto da região geográfica imediata do Alto Sertão.

Para o entrevistado 28, por exemplo, a feira contribui para o desenvolvimento regional, porque se ele não vender as mercadorias na feira não tem como comprar produtos essenciais para ele e para a família, visto que é da feira que ele consegue sustento há mais de trinta anos. Importante mencionar, com base na fala do entrevistado, que esse desenvolvimento regional se apresenta tal qual uma mão de via dupla e vai acontecendo à medida que os feirantes vendem, geram renda para si mesmos, mas depois devolvem ao próprio município, ou a municípios vizinhos. Tal devolução pode ser expressa, por exemplo, através da compra de roupas, calçados, confecções, comida, materiais em geral. E num ciclo contínuo, entretanto, não linear, o desenvolvimento regional que muito deve ao papel que a feira desempenha, vai se estabelecendo.

Continuando, na narrativa do entrevistado 29, verificamos que a feira contribui “*porque gera renda*”⁴⁹ e também porque em Delmiro não há muitas oportunidades de trabalho, nesse

⁴⁷ Entrevistado 28, 52 anos, maio de (2022)

⁴⁸ Entrevistada 20, 30 anos, maio de (2022)

⁴⁹ Entrevistado 29, 24 anos, maio de (2022)

sentido, ela também passa a desempenhar grande importância “*porque [...] não tem muito em que trabalhar*”⁵⁰. Dessa maneira, a feira acaba se tornando uma alternativa de emprego muito viável, visto que não exige qualificação acadêmica. Todavia, assim como qualquer outro trabalho digno, ela desempenha um valioso papel na geração de renda e, nesses parâmetros, se coloca como um relevante mercado de desenvolvimento regional.

A partir de conversas com a entrevistada 20, verificamos que feira contribui para o desenvolvimento econômico e regional do Alto Sertão, porque ela se apresenta consoante uma fonte de renda extremamente relevante, principalmente após o fechamento da Fábrica da Pedra que por muito tempo movimentou a Cidade e o Alto Sertão, de modo geral. Com o fechamento da Fábrica, muitas pessoas ficaram desempregadas. A feira, para muitos, foi uma alternativa de sobrevivência e geração de renda muito eficaz, tanto que ainda hoje ela ainda desempenha um importante papel.

Apesar dos anos e da crescente modernização do trabalho, a feira não perdeu e nem perde a sua relevância porque ela não diz respeito apenas a um horizonte, mas a múltiplos horizontes. De elementos simbólicos a elementos concretos. Importante dizer diante disso, que a feira, sobretudo, inclui ao invés de excluir. Reforçamos nossa afirmativa com base na fala de Carla Janine. Sobre isso, ela diz que:

...a feira livre é um espaço de significados diversos. É um local de práticas sociais, econômicas, culturais e espaciais. A feira livre é espaço também de resistência, haja visto principalmente o crescimento cada vez maior de redes de supermercados como atividade econômica concorrente, e o aceleração dos processos de urbanização, onde consequentemente, as minorias são prejudicadas. No caso da feira livre de Delmiro Gouveia, ela resiste mesmo com suas estruturas antigas (apesar de já estar em andamento o novo projeto que irá modernizá-la por completo)⁵¹.

Como pudemos observar no discurso acima, a feira é também resistência. Apesar da crescente modernização e crescimento exponencial de redes de supermercados, a feira livre ainda se apresenta resistente tanto quanto pode. Como bem menciona a entrevistada, está em curso a reforma do ambiente da feira, que já caminha a passos largos visto que os órgãos governamentais já desapropriaram os feirantes e os colocaram nas imediações da parte lateral do Mercado Público Municipal, especificamente no meio da avenida Juscelino Kubistchek, como veremos na (figura 7) abaixo.

Figura 7 – Desapropriação da feira livre e o novo projeto de modernização em andamento

⁵⁰ Entrevistada 30, 54 anos, maio de (2022)

⁵¹ Entrevistada 20, 30 anos, maio de (2022)



Fonte: Autora, 2022.

Na figura acima, podemos observar o espaço do antigo pátio em que a feira acontecia até meados do ano de 2022. O projeto de modernização em andamento visa construir estruturas padronizadas para todos os feirantes, agora eles irão vender os seus produtos em um espaço fechado. Como podemos visualizar, todas as bancas já foram retiradas e realocadas para as imediações próximas ao mercado público, para a parte superior da avenida Juscelino Kubistchek, como poderemos observar na (figura 8).

Figura 8 – Feira livre na avenida Juscelino Kubistchek, 2022.



Fonte: Autora, 2022.

Em diálogo com os feirantes, ficou perceptível que no que se refere às transformações vivenciadas a partir do projeto de modernização, o nível de insegurança e incerteza ainda é latente. Muitos vendedores foram desapropriados e tiveram que ir se adaptando a essa nova realidade como puderam. Alguns ainda se encontram sem perspectiva, pois perderam muitos fregueses que não sabem mais onde as bancas estão instaladas. Como mencionado noutro momento, alguns fregueses já construíram o hábito de comprar sempre na mesma banca, com a mesma pessoa. Entretanto, em decorrência da mudança, as bancas foram instaladas de modo aleatório e os clientes perderam a localização dos seus vendedores. Nisso, alguns feirantes perderam quase que metade das vendas.

No relato da entrevistada 26, por exemplo, poderemos compreender um pouco mais desse contexto. Para ela, *“está muito ruim, teve a perda dos clientes, é muito ruim...eles não sabem onde fica localizada a minha banca”*⁵². Similar ao discurso anterior, temos a narrativa da entrevistada 9 que explica: *“não gostei, porque perdi os fregueses, eles se perderam. A feira deveria ser aberta e vão fechar, porque a feira é livre...era para deixar a gente lá.”*⁵³ Como bem podemos observar no relato da entrevistada, a mudança da feira exclui a característica de liberdade que a feira exprime em seu sentido literal. Nesse contexto, a feira que era livre, aberta, sem limites tangíveis e bem definidos, vai se tornar uma feira fechada, limitada, presa em quatro paredes de concreto.

De outra parte, temos discursos positivos a respeito desse novo projeto. Sobre isso, a entrevistada 17 diz que: *“vai melhor a questão da venda, segurança, conforto, espaço melhor e mais organizado”*⁵⁴. De modo bastante peculiar, a entrevistada 15 relata que o projeto vai ser legal e ainda acrescenta que *“onde a feira for a gente tem que ir atrás, porque a gente é feirante”*⁵⁵. Essa última narrativa é de fato muito singular porque demonstra que há laços simbólicos com a feira que transcendem o aspecto locacional, pois o importante é estar na feira, independentemente de onde ela esteja.

De maneira geral, diante do que foi relatado, notamos que alguns dos feirantes sinalizaram resistirem, enfrentarem e se adaptarem à nova realidade da maneira que conseguem, mesmo em face de algumas dificuldades. Dentre elas, podemos destacar a própria falta de assistência por parte dos órgãos governamentais ligada à ausência de informações no que diz respeito a esse projeto. Quando questionados sobre isso, alguns feirantes demonstraram não ter o mínimo de

⁵² Entrevistada 26, 34 anos, maio de (2022)

⁵³ Entrevistada 9, 32 anos, maio de (2022)

⁵⁴ Entrevistada 17, 19 anos, maio de (2022)

⁵⁵ Entrevistada 15, 44 anos, maio de (2022)

informação, nem tampouco o mínimo de assistência. Ainda não há previsão de quanto tempo eles terão que permanecer nas imediações do mercado público e também não há previsão para que o projeto da modernização seja definitivamente concretizado e os feirantes possam se apropriar desse novo ambiente. De todo modo, até lá os feirantes terão que continuar nesse cenário repleto de incerteza.

A discussão acerca do projeto de modernização da feira é de fato muito pertinente, entretanto, a efeito de recorte metodológico não entraremos de modo aprofundado em tal problemática, embora a consideremos como relevante.

Em síntese, percebemos haver a presença de um discurso bastante dividido entre boa parte dos feirantes que foram entrevistados. Há quem acredite que vai melhorar, da mesma forma que há também quem acredite que esse projeto não será tão benéfico assim.

Em vista do que foi apresentado até então, podemos observar que a feira de Delmiro Gouveia é permeada por diversos elementos que variam desde aspectos simbólicos – identidade, apego, vivências, relações de amizade, significados, narrativas – a aspectos materiais – mercadorias, atores sociais, bancas, transportes, etc. Tais elementos são essenciais à existência da feira tal qual ela se apresenta.

Nesse contexto, dos significantes aos significados há uma complexa interação que permite que a feira aconteça, seja experimentada e vivenciada tal qual buscamos apresentar através das narrativas ao longo deste terceiro capítulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemos neste trabalho compreender as narrativas de identificação com o Lugar-Feira em Delmiro Gouveia ligada às estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência.

Tendo como base o método fenomenológico, buscamos interpretar narrativas dos feirantes na tentativa de compreender quais ingredientes são elementares para a construção de vínculos com a feira, transformando-a em lugar de estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência.

Em síntese, com base nas narrativas interpretadas, verificamos que para os feirantes a feira é Lugar de vivências e experiências. Assim, entendemos que esse lugar é construído a cada troca, a cada inter-relação. Percebemos que as vivências e experiências são reforçadas constantemente na feira através dos diálogos e interações, por exemplo. Tais interações contribuem para que esses elementos sejam nutridos, possibilitando, nesse sentido, a construção de vínculos com o lugar e, conseqüentemente, a configuração de uma identidade de lugar e de laços de pertencimento.

Também vimos ao longo do trabalho que os vínculos com a feira são motivados principalmente por questões econômicas. Diante disso, verificamos que esse é um elemento importante para os feirantes e pelo fato de a feira ser entendida enquanto um ambiente que facilita a geração de renda. Isso faz com que os feirantes se sintam ligado à feira porque é dela que eles conseguem extrair o seu sustento. É nela que eles exercitam a sua autonomia e a sua atuação social de modo direto.

Vimos que o nível de escolaridade dos feirantes é baixo, ou quase inexistente. Muitos que ali trabalham não conseguiram finalizar o ensino fundamental e outros nem sequer frequentaram a escola. Em tais circunstâncias, a feira novamente se apresenta consoante um Lugar que recebe aqueles que vivem em situação de trabalho informal, haja vista a pouca formação profissional. Dessa maneira, como bem cita Araújo (2011), a feira é sobretudo um Lugar de trabalho. E, enquanto Lugar de trabalho, muito vale a geração de renda, a possibilidade de sobrevivência.

Importante mencionar ainda que, embora seja o aspecto econômico o principal indicador de vínculos com a feira, para os feirantes o que mais chama atenção nela são as relações de amizade. Em um Lugar em que mais vale a confiança, os significados, o bem estar do cliente,

as vivências, experiências e trocas, é natural que os laços afetivos sejam elementos relevantes para eles, pois é algo que faz parte da dinâmica da feira. São elos que atuam tal qual uma ponte de ligação entre feirantes e fregueses sem a qual não seria possível estabelecer relações afetivas, reais e duradouras. Dessa forma, podemos observar que os aspectos simbólicos que compõem a feira são tão importantes quanto os elementos materiais que a formam. São dois horizontes que se complementam.

Interessante dar ênfase também à feira consoante uma importante estratégia de sobrevivência para os feirantes. Por se tratar de um trabalho que não exige tanta formação profissional – bastando apenas ter jeito para a coisa – a feira possibilita oportunidades para diversos sujeitos, tanto para quem não teve a chance de estudar quanto para quem teve, mas no momento está em situação de desemprego ou não conseguiu terminar os estudos. Assim sendo, os feirantes passam a observar na feira uma estratégia de sobrevivência válida e pertinente para a situação em que se encontram.

Importa destacar que há feirantes que não se apegam às questões econômicas e nem tampouco à formação profissional, necessariamente. Muitos estão ali porque estão vivenciando e dando prosseguimento a uma memória afetiva, a uma tradição familiar, por exemplo. Por terem vivenciado a feira junto a algum ente querido, alguns acabaram dando seguimento aos costumes da família.

Por outro lado, há feirantes que realmente escolheram a profissão e nela se sentem bem. Ser feirante, nesse sentido, não é uma obra do acaso, um amontado de circunstâncias, um resultado de acontecimentos contraditórios. Ser feirante, nesse sentido, é uma escolha, uma opção de vida, uma atuação social consentida. Há de fato um quantitativo de feirantes que trabalham na feira porque foi a oportunidade mais clara e viável para a geração de renda e, portanto, de sobrevivência. Entretanto, não é correto entrarmos em generalização e afirmarmos que todas as pessoas que trabalham na feira são reféns da falta de oportunidade de trabalho.

Em suma, diante do que foi apresentado ao longo dos capítulos, compreendemos que o Lugar-Feira é resultado de um conjunto de fatores que variam desde o universo material ao imaterial, mas que sobretudo é resultado da interação humana, da configuração e manutenção de vínculos. É um lugar que recebe, mas que também doa. Um lugar que sofre interação, mas que também interage, que influencia à medida que é influenciado e existe à medida que é construído. O Lugar-Feira, nesse sentido, é um lugar das trocas.

De maneira geral, este trabalho se mostrou como um primeiro passo rumo ao entendimento de questões que circundam a região do Alto Sertão Alagoano. E por tratar de temas que dizem respeito a questões tão próximas do cotidiano desse recorte geográfico, se torna ainda mais relevante não só do ponto de vista de produção acadêmica, mas também no que diz respeito à formação humana e cidadã enquanto habitante da região mencionada.

O trabalho contribuiu de modo especial para a construção do meu percurso acadêmico porque os estudos sobre identidade, apego, lugar e questões simbólicas de modo geral sempre despertaram curiosidade e interesse. Nesse sentido, estudar e pesquisar sobre temas tão significativos favoreceu a ampliação do meu universo de análise e abriu caminho para novas discussões, novas reflexões e novas indagações acerca da temática geral.

Importante citar que, durante a pesquisa e os estudos, muitos pré-conceitos acabaram sendo desconstruídos, naturalmente. Às vezes, enquanto acadêmicos, acreditamos ter o conhecimento absoluto sobre todas as coisas, e isso é uma inverdade. Aceitar que pouco ou nada sabemos é muito importante para a busca genuína do conhecimento e da verdade. Aceitar que pouco ou nada sabemos é também importante para aqueles que procuram aparar as arestas da ignorância, do ego, da vaidade. Dessa maneira, cada contato, cada troca, cada vivência e experiência foram essenciais para a construção deste trabalho e para a minha construção enquanto estudante de Geografia, não apenas pelos aprendizados técnicos e teóricos, mas também pelos aprendizados empíricos, face a face, ouvindo e falando, interpretando, observando e sendo observada.

Vivenciar a feira durante alguns dias foi muito relevante, porque antes disso não tinha o costume de ir com frequência à feira. A cada visita uma coisa diferente era observada, um ângulo novo era visto, um cheiro diferente era sentido, um novo recorte fotográfico era registrado e uma conversa com um feirante distinto era iniciada. E, doravante, certamente nenhuma ida à feira será a mesma, pois muitos significados foram construídos a cada contato.

Pesquisar, estudar e vivenciar a feira e poder me deparar com aspectos que havia criado em meu imaginário e perceber que quase tudo era irreal foi muito importante. Mais importante ainda foi observar face a face que às vezes o que pensamos não corresponde à realidade. Manter o foco, observar e deixar que as coisas se apresentem tais quais elas são sem dúvida é um dos maiores desafios do pesquisador.

A feira é um universo extremamente rico e que não poderia ser apresentado *ipsis litteris* em sua forma, conteúdo e essência. Há neste trabalho um esforço na tentativa de interpretar e

compreender um pouco acerca dessa temática, visto as lacunas naturais de um trabalho de iniciação à pesquisa científica.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. 2011. 700 f. Tese (Doutorado em História) Universidade do Minho (Portugal) – Universidade Federal da Bahia (Brasil), 2011.
- ARCARO, Rosevane.; GONÇALVES, Teresinha Maria. Identidade de lugar: um estudo sobre um grupo de moradores atingidos por barragens no município de timbé do sul, santa catarina. **RA'E GA**, Curitiba, p. 38-63. 2012.
- BARTOLY, F. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **GEographia**. Rio de Janeiro, vol.13, n.26, p. 66-91, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. **Estudo sobre o conceito de região**. 1986. 121 f. Dissertação (Mestrado em planejamento urbano e regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1986.
- CALISTO, C. S. **O ambiente como mundo vivido**: uma abordagem do espaço segundo a geografia humanística. 2006. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento sustentável) Universidade de Brasília, 2006.
- CASTELLO, L. **Repensando o lugar no projeto urbano**: variações na percepção de lugar na virada do milênio (1985-2004). Porto Alegre, 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 9ª. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- CHIARELLO, Marilucia; ORLOWSKI, Rosemari Fátima; WACKULICZ; Gilmar J. Feiras livres: uma alternativa de geração de renda aos agricultores familiares de Chapecó (SC). In: II ECONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE. **Anais...**2008, Chapecó, Santa Catarina, 2008.
- CORRÊA, R. L. Espaço e geografia humanista e cultural. In: CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CORREIA, Telma de Barros. **Delmiro Gouveia**: a trajetória de um industrial no início do século XX. Disponível no endereço eletrônico: https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=https%3A%2F%2Fwww.usp.br%2Fpioneiros%2Fn%2Farqs%2FtCorreia_dGouveia.doc&wdOrigin=BROWSELINK Acesso em 18/02/2022.
- DUBAR, Claude. Agente, ator, sujeito, autor: do semelhante ao mesmo. In: **Congresso da associação Francesa de Sociologia**, Versailles, 2004.
- FERREIRA, C. C; SIMÕES, N.N. **A evolução do pensamento geográfico**. 8. ed. Lisboa: Gradiva, 1993.

FORMAN, Shepard. **Camponeses**: sua participação no Brasil. Rio de Janeiro, 1979. Edição eletrônica. Disponível em: [Microsoft Word - FORMAN Camponeses FINAL.docx \(scielo.org\)](#) Acesso em 12 de agosto de 2021.

GAMALHO, Nola Patrícia. Reflexões a partir do ator/agente no pensamento geográfico. In: **XVIII Encontro Nacional de Geógrafos**, São Luís, Maranhão, 2016.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GONÇALVES, Luiz Antonio Araújo. **A metamorfose das feiras nordestinas com a inserção da confecção popular**: estudo geográfico das feiras de Caruaru-PE; Aprazível, Sobral-CE e Serrinha-BA. 2016. 329 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

GRAÇAS, Elizabeth Mendes das. Pesquisa qualitativa e a perspectiva fenomenológica: fundamentos que norteiam sua trajetória. Mendes das. Pesquisa qualitativa e a perspectiva fenomenológica: fundamentos que norteiam sua trajetória. **Revista Mineira de Enfermagem**. Belo Horizonte. p.28-33, jan./dez. 2000.

GRIMM, Isabel Jurema.; SAMPAIO, Carlos Cioce.; PROCOPICK, Mário. Encadeamento ecossocioeconômico e gestão urbana: um estudo das feiras livres na cidade de Curitiba (PR). **Novos Cadernos NAEA**. Curitiba. v. 21, n. 1, p. 35-56, jan./abr. 2018.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Tradução de Tomas Tadeu da Silva. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLZER, Werther. O conceito de Lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, vol.10, p. 113-126, 2003.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro, n.7, p. 67-78. jul./dez. 1999.

KOBASHI, N. Y; FRANCELIN. M. M. Conceitos, categorias e organização do conhecimento. **Inf. Inf.** Londrina, v. 16 n. 3, p. 1 – 24, jan./ jun. 2011.

LEITE, A. F. O Lugar: duas Acepções Geográficas. **Anuário do Instituto de Geociência**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 9-20. 1998.

LIMA, Juliana dos Santos.; SILVA, Kléber Costa da. A Comunidade Rural Serra do Cavalo, Água Branca-AL: relato de experiências de observação e interpretação sobre apego ao lugar. In: SILVA, Kléber Costa da. **Olhares geográficos sobre o sertão de Alagoas**. 1.ed. Delmiro Gouveia: Agbook; Clube de Autores, 2020.

LIMA, Juliana dos Santos; O conceito de Lugar, o método fenomenológico e a prática de ensino de geografia num povoado sertanejo em Alagoas. In: 7º ENCONTRO REGIONAL DE ENSINO DE GEOGRAFIA. **Anais...**2021, Campinas, São Paulo, 2021.

LISBOA. C. M. Introdução ao Existencialismo: Perspectivas Literárias. **R. Intern. Fil.** Minas Gerais, v. 7. n. 2, p. 254-267, 2016.

MACHADO, Vânia Lúcia. **Modernização agrícola no médio norte goiano: a feira como estratégias de sobrevivência do pequeno produtor rural**. 2014. 206 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2014.

MACULAN, B. C. M. S; LIMA, G. A. B. O. L. Buscando uma definição para o conceito de “conceito”. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v.22, n.2, p.54-87, abr./jun. 2017.

MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata. Desenvolvimento regional: principais teorias. **Thêma et Scientia**. vol. 5, nº 2, jul./dez, 2015.

MELLO, Samuel Pires. **Trajetórias de proximidade, redes de feiras: as práticas de agricultores familiares e feirantes em Água Branca e Delmiro Gouveia, Alagoas**. 2012. 253 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

MOCELIN, Daniel Gustavo; GEHLEN, Ivanildo (org). **Organização social e movimentos sociais rurais**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA, E, V; HESPAHOL, R. A. M. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, Rio de Janeiro, vol.2, n.14, p. 48-60, 2007.

MOURÃO, Ada Raquel.; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de Lugar. In: _____ **Temas básicos em psicologia ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 208-216, 2011.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. **Delmiro Gouveia e o processo educacional desenvolvido no núcleo fabril da pedra, no sertão de Alagoas: (1902-1926)**. 2012. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

_____. **Delmiro Gouveia e a educação na Pedra**. Brasília: Senado Federal, Conselho editorial, 2014.

NASCIMENTO, Taiane Flores do; COSTA, Benhur Pinós da. Fenomenologia e Geografia: teorias e reflexões. **Geografia, Ensino e Pesquisa**. Santa Maria, vol. 20, n.3, p.43-50, 2016.

OLEKSZECHEN, Nikolas. **Mover-se na cidade: produção da identidade de lugar em ciclistas**. 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2011.

OLIVEIRA, Dénison Alcântara de. **Território, globalização e circuitos da economia urbana: uma análise à luz de duas cidades do alto sertão alagoano – Delmiro Gouveia e Pariconha**. 2020. 86 f. Monografia – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2020.

PEREIRA, Viviane Guimarães.; BRITO, Tayrine Parreira.; PEREIRA, Samanta Borges. A feira-livre como importante mercado para a agricultura familiar em conceição do mato dentro (MG). **UNITAU**, São Paulo, nº1, v. 10, dezembro, 2017.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens da nossa época. Tradução de Fanny Wrabel. - 2. ed.- Rio de Janeiro: Compus, 2000.

ROCHA, S. A. Geografia humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **RA' EGA**, Curitiba, n. 13, p. 19-27, 2007.

SÁ, Marcio; **Feirantes**: quem são e como administram seus negócios. 3ª. ed. Editora da UFPE, Recife, 2019

SANTOS, José Erimar dos.; SILVA, Anelino Francisco da.; SOARES, Marília Medeiros.; BANDEIRA, Sâmia Érika Alves de Caldas. Feira Livre como Lugar Privilegiado para a (Re)produção e (Re)invenção de Práticas Espaciais e Socioculturais Populares: a Feira Livre de Ceará-Mirim (RN). **Sociedade e Território**, Natal, v. 26, nº 1, p. 58 - 75, jan./jun. 2014.

SANTOS, Luciano Rodrigues. **Ensinando sobre a rede de comércio varejista em Delmiro Gouveia – AL**: uma experiência de iniciação à docência em Geografia. 2018. 72 f. Monografia – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2018.

SASAKY, Karen. A contribuição da geografia humanística para a Compreensão do conceito de identidade de lugar. **RDE - revista de desenvolvimento econômico**. ano XIII, nº 22, Bahia, 2010.

SILVA, Hellen Mabel Santana.; MIRANDA, Eduardo Oliveira.; MONTEIRO, Ewerton de Santana. Identidade e território popular na feira livre: uma análise sobre a feira do Acari em Maragogipe-Bahia. In: X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO, 2013, Bahia. **Anais...** Vitória da Conquista, Bahia, 2013.

SILVA, Kléber Costa da. **Introdução à noção de descrição no ensino de geografia**. 2ª edição. Recife: Agbook; Clube de Autores, 2021.

SOUSA, Luís Gonzaga de. **Memórias de economia**: realidade brasileira. Edição eletrônica. Disponível em <www.eumed.net/cursecon/libreria> Acesso em 15 de agosto de 2021.

SOUZA, Carla Janine Vieira de. **Transferir para modernizar**: os feirantes e as relações capitalistas no alto sertão de Alagoas – Delmiro Gouveia (1980-1990). 2017. 106 f. Monografia – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA; Edilson Almeida de; ROMANCINI, Sônia. Mercado informal: estratégia de sobrevivência. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMERICA LATINA, **anais...**2005, São Paulo, 2005.

STANISKI, A; KUNDLATSCH, C. A; PIREHOWSKI, D. O conceito de lugar e suas diferentes abordagens. **Perspectiva geográfica**, Paraná, vol. 9, n. 11, p. 1-19, 2014.

SUESS, R. C. RIBEIRO, A. S. S. O lugar na geografia humanista: uma reflexão sobre o seu percurso e questões contemporâneas – escalas críticas e contemporâneas. **Equador**, Piauí, vol.6, n.2, p. 1-22, 2017.

TAVARES, Noaldo José Aires. **Feira livre de Boqueirão**: dinâmica regional, mercado e consumo no Cariri Paraibano. 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

TUAN, Y. F. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. Traduzido por Werther Holzer. **Geograficidade**. v. 1, n.1, p. 1-12, 2011.

TUAN, Y. F. Place: as experimental perspective. **Geograficidade**. V.8, n.1, p. 4-15, 2018.

TUAN, YU-FU.; **Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista**. Tradução de Werther Holzer. v.01, n.01, p. 1-12. 2011.

VASQUES, Samuel Tafernabéri. **Dinâmicas socioeconômicas na prática dos feirantes agricultores familiares de Chapecó – SC**. 2016. 93 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Santa Catarina, 2016.

VIEIRA, Rogéria de Souza. Reflexões sobre ações de preservação da paisagem cultural. In: SILVA, Kléber Costa da. **Olhares geográficos sobre o sertão de Alagoas**. 1.ed. Delmiro Gouveia: Agbook; Clube de Autores, 2020.

WIZNIEWSKY, C. R. F. et al. A evolução do pensamento geográfico. In:_____. **Geografia I**. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, p. 12-26, 2018.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência** – Juliana dos Santos Lima (estudante)

Sua participação é muito importante, feirante.

Nome do (da) questionado (a) Delmiro

Idade do (da) questionado (a) 22

1. Qual o local de morada? Delmiro
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve? Sua
3. Qual o seu nível de formação?
 - () ens. fundamental completo
 - () ens. fundamental incompleto
 - () ens. Médio completo
 - () ens. Médio incompleto
 - (x) ens. Superior incompleto
 - () ens. Superior completo
4. Qual a origem de suas mercadorias?
 - () Água Branca
 - () Delmiro Gouveia
 - () Paulo Afonso
 - () Piranhas
 - () outro local Pituaçu
5. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
 - () 1 hora
 - () 2 horas
 - () 3 horas
 - (x) mais mais
6. Comercializa em alguma outra feira da região? Se sim, qual? Só Delmiro
7. Vende os mesmos produtos nessas feiras? (somente para quem respondeu sim na questão anterior)
 - () sim
 - () não
8. É feirante há quanto tempo?
 - () 1 a 2 anos
 - () 2 a 5 anos

- () 5 a 10 anos
- (x) mais de 10 anos

9. Qual o significado da feira para você?

significa muito por que
está aqui há muito
tempo

10. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

- () espaciais
- (x) culturais
- () econômicos
- () sociais
- () Outros

11. Quais fatores contribuíram para a vivência da profissão feirante?

- (x) Tradição familiar
- () Escolha de vida
- () Pouca formação profissional
- () Autonomia no trabalho
- () A geração de renda imediata
- () outro

12. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

- () as relações de amizade
- (x) a confiança entre feirantes e fregueses
- () a dinâmica cultural e simbólica
- () as trocas de saberes e experiências
- () não tem nenhuma característica que me chame a atenção
- () outro

13. Na sua opinião, a feira livre de Delmiro Gouveia é um lugar de?

- () vivências e experiências
- () Trocas comerciais, somente
- (x) Encontro entre diversos sujeitos
- () Participação social
- () a feira de Delmiro Gouveia não é um lugar
- () outro

14. Na sua opinião, a feira livre contribui para a economia da cidade de Delmiro Gouveia?

- (x) sim
- () não

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura:

[Assinatura]



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, feirante.

Nome do (da) questionado (a) - _____

Idade do (da) questionado (a) - 32

1. Qual o local de morada? Água Branca
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve? Sim
3. Qual o seu nível de formação?
 - () ens. fundamental completo
 - (x) ens. fundamental incompleto
 - () ens. Médio completo
 - () ens. Médio incompleto
 - () ens. Superior incompleto
 - () ens. Superior completo
4. Qual a origem de suas mercadorias?
 - () Água Branca
 - () Delmiro Gouveia
 - (x) Paulo Afonso
 - () Piranhas
 - () outro local Pitipitãndia
5. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
 - () 1 hora
 - () 2 horas
 - () 3 horas
 - () mais 7 horas
6. Comercializa em alguma outra feira da região? Se sim, qual? Sim, um delmiro
7. Vende os mesmos produtos nessas feiras? (somente para quem respondeu sim na questão anterior)
 - () sim
 - () não
8. É feirante há quanto tempo?
 - () 1 a 2 anos
 - () 2 a 5 anos

() 5 a 10 anos

(x) mais de 10 anos

9. Qual o significado da feira para você?

É o meu ganha-pão. pouco mais.

10. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

() espaciais () sociais
() culturais () Outros
(x) econômicos

11. Quais fatores contribuíram para a vivência da profissão feirante?

(x) Tradição familiar () outro
() Escolha de vida
() Pouca formação profissional
() Autonomia no trabalho
() A geração de renda imediata

12. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

() as relações de amizade
() a confiança entre feirantes e fregueses
() a dinâmica cultural e simbólica
() as trocas de saberes e experiências
() não tem nenhuma característica que me chame a atenção
() outro mal organização mal administrativa

13. Na sua opinião, a feira livre de Delmiro Gouveia é um lugar de?

() vivências e experiências
() Trocas comerciais, somente
() Encontro entre diversos sujeitos
() Participação social
() a feira de Delmiro Gouveia não é um lugar
() outro se ele vender o imposto é muito caro

14. Na sua opinião, a feira livre contribui para a economia da cidade de Delmiro Gouveia?

(x) sim () não

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência** – Juliana dos Santos Lima (estudante)

Sua participação é muito importante, transportador (a).

Nome do (da) questionado (a) - Feirante

Idade do (da) questionado (a) - 22 anos

1. Qual o local de moradia?
Delmiro Gouveia

2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
Sim

3. Qual o seu nível de formação?

- () ens. fundamental completo
☒ ens. fundamental incompleto
 () ens. Médio completo
 () ens. Médio incompleto
 () ens. Superior incompleto
 () ens. Superior completo

4. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?

- () 1 hora
 () 2 horas
 () 3 horas
 () mais 12 horas

5. Qual o tempo de deslocamento de sua residência até a feira livre de Delmiro Gouveia?

- ☒ 5 a 10 minutos
 () 10 a 30 minutos
 () 30 minutos a 1 hora
 () mais de 1 hora

6. Atua somente na feira livre de Delmiro Gouveia? Caso não, quais são as outras feiras que você costuma atuar?

☒ sim () não

- () Água Branca
 () Delmiro Gouveia
 () Paulo Afonso
 () Piranhas
 () outras -----

7. Qual o significado da feira para você?

Um local de trabalho
 e tem aqui porque tenho
 que trabalhar

8. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

- () espaciais () sociais
 () culturais () Outros
☒ econômicos

9. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

- () as relações de amizade
 () a confiança entre feirantes e fregueses
 () a dinâmica cultural e simbólica
 () as trocas de saberes e experiências
 () não tem nenhuma característica que me chame atenção
☒ outro Muita confusão entre os feirantes

10. Na sua opinião, a feira livre contribui na economia da cidade de Delmiro Gouveia?

- ☒ sim () não

11. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista, qual destas funções desempenha na feira? a de:

- () Consumidor
 () Visitante
 () Comerciante
 () Transportador
 () outro -----

12. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista transportador (a), quais seriam as localidades em que o fluxo de pessoas transportadas é maior?

- () Água Branca
 () Delmiro Gouveia
 () Paulo Afonso
 () Piranhas
 () outras -----

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: Juliana dos Santos Lima



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, transportador (a).

Nome do (da) questionado (a), _____

Idade do (da) questionado (a) 57 anos

1. Qual o local de morada?
Bairro Bom Sossego - Delmiro
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
Sim
3. Qual o seu nível de formação?
 - ☐ ens. fundamental completo
 - ☒ ens. fundamental incompleto
 - ☐ ens. Médio completo
 - ☐ ens. Médio incompleto
 - ☐ ens. Superior incompleto
 - ☐ ens. Superior completo
4. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
 - ☐ 1 hora
 - ☐ 2 horas
 - ☐ 3 horas
 - ☒ mais 12 horas
5. Qual o tempo de deslocamento de sua residência até a feira livre de Delmiro Gouveia?
 - ☒ 5 a 10 minutos
 - ☐ 10 a 30 minutos
 - ☐ 30 minutos a 1 hora
 - ☐ mais de 1 hora
6. Atua somente na feira livre de Delmiro Gouveia? Caso não, quais são as outras feiras que você costuma atuar?
 - ☒ sim ☐ não
 - ☐ Água Branca
 - ☐ Delmiro Gouveia
 - ☐ Paulo Afonso
 - ☐ Piranhas
 - ☐ outras _____
7. Qual o significado da feira para você?

Muito importante, e ajuda para mim. Acho muito bom aqui. Eu amo a feira.

8. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?
 - ☐ espaciais
 - ☒ culturais
 - ☐ econômicos
 - ☐ sociais
 - ☐ Outros

9. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

- ☒ as relações de amizade
- ☒ a confiança entre feirantes e fregueses
- ☒ a dinâmica cultural e simbólica
- ☐ as trocas de saberes e experiências
- ☐ não tem nenhuma característica que me chame atenção
- ☐ outro _____

10. Na sua opinião, a feira livre contribui na economia da cidade de Delmiro Gouveia?

- ☒ sim ☐ não

11. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista, qual destas funções desempenha na feira? a de:

- ☐ Consumidor
- ☐ Visitante
- ☐ Comerciante
- ☐ Transportador
- ☐ outro _____

12. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista transportador (a), quais seriam as localidades em que o fluxo de pessoas transportadas é maior?

- ☐ Água Branca
- ☐ Delmiro Gouveia
- ☐ Paulo Afonso
- ☐ Piranhas
- ☐ outras _____

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____

01 02 03 04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, feirante.

Nome do (da) questionado (a) _____

Idade do (da) questionado (a) 38 anos

1. Qual o local de morada?
Delmiro Gouveia - AL

2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
Sim

3. Qual o seu nível de formação?

() ens. fundamental completo
() ens. fundamental incompleto
☒ ens. Médio completo
() ens. Médio incompleto
() ens. Superior incompleto
() ens. Superior completo

4. Qual a origem de suas mercadorias?

() Água Branca
() Delmiro Gouveia
() Paulo Afonso
() Piranhas
() outro local São Paulo

5. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?

() 1 hora
☒ 2 horas
() 3 horas
() mais _____

6. Comercializa em alguma outra feira da região?
Se sim, qual?
Não, só em Delmiro Gouveia - AL

7. Vende os mesmos produtos nessas feiras? (somente para quem respondeu sim na questão anterior)
() sim () não

8. É feirante há quanto tempo?

() 1 a 2 anos
☒ 2 a 5 anos

() 5 a 10 anos
() mais de 10 anos

9. Qual o significado da feira para você?

Sobrevivência

10. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

☒ espaciais ☒ sociais
☒ culturais () Outros
☒ econômicos

11. Quais fatores contribuíram para a vivência da profissão feirante?

() Tradição familiar () outro
() Escolha de vida
() Pouca formação profissional
() Autonomia no trabalho
☒ A geração de renda imediata

12. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

☒ as relações de amizade
() a confiança entre feirantes e fregueses
☒ a dinâmica cultural e simbólica
☒ as trocas de saberes e experiências
() não tem nenhuma característica que me chame a atenção
() outro _____

13. Na sua opinião, a feira livre de Delmiro Gouveia é um lugar de?

☒ vivências e experiências
() Trocas comerciais, somente
☒ Encontro entre diversos sujeitos
☒ Participação social
() a feira de Delmiro Gouveia não é um lugar
() outro _____

14. Na sua opinião, a feira livre contribui para a economia da cidade de Delmiro Gouveia?

☒ sim () não

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência** – Juliana dos Santos Lima (estudante)

Sua participação é muito importante, feirante.

Nome do (da) questionado (a) Stomoz

Idade do (da) questionado (a) 51 anos

1. Qual o local de morada?
Delmiro Gouveia - AL
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
Não, não tem apresentando que da um complemento
3. Qual o seu nível de formação?
☐ ens. fundamental completo
☒ ens. fundamental incompleto
☐ ens. Médio completo
☐ ens. Médio incompleto
☐ ens. Superior incompleto
☐ ens. Superior completo
4. Qual a origem de suas mercadorias?
☐ Água Branca
☐ Delmiro Gouveia
☐ Paulo Afonso
☐ Piranhas
☐ outro local Caruaru - Pernambuco
5. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
☐ 1 hora
☐ 2 horas
☐ 3 horas
☐ mais 8 hrs
6. Comercializa em alguma outra feira da região?
 Se sim, qual?
Não, só em Delmiro Gouveia
7. Vende os mesmos produtos nessas feiras? (somente para quem respondeu sim na questão anterior)
☐ sim ☐ não
8. É feirante há quanto tempo?
☐ 1 a 2 anos
☐ 2 a 5 anos

☐ 5 a 10 anos

☒ mais de 10 anos

9. Qual o significado da feira para você?

A feira é minha fonte de sustento e com ela eu ajudo minha família a fazer trabalho porque preciso e ela me ajuda

10. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

☒ espaciais ☐ sociais
☒ culturais ☐ Outros
☒ econômicos

11. Quais fatores contribuíram para a vivência da profissão feirante?

☐ Tradição familiar ☐ outro
☐ Escolha de vida
☐ Pouca formação profissional
☐ Autonomia no trabalho
☒ A geração de renda imediata

12. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

☒ as relações de amizade
☒ a confiança entre feirantes e fregueses
☒ a dinâmica cultural e simbólica
☒ as trocas de saberes e experiências
☐ não tem nenhuma característica que me chame a atenção
☐ outro

13. Na sua opinião, a feira livre de Delmiro Gouveia é um lugar de?

☒ vivências e experiências
☐ Trocas comerciais, somente
☒ Encontro entre diversos sujeitos
☒ Participação social
☐ a feira de Delmiro Gouveia não é um lugar
☐ outro

14. Na sua opinião, a feira livre contribui para a economia da cidade de Delmiro Gouveia?

☒ sim ☐ não

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: Juliana dos Santos Lima



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, feirante.

Nome do (da) questionado (a) João

Idade do (da) questionado (a) 45

1. Qual o local de morada?
Água Branca
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
Outras coisas, como agricultura
3. Qual o seu nível de formação?
☐ ens. fundamental completo
☒ ens. fundamental incompleto
☐ ens. Médio completo
☐ ens. Médio incompleto
☐ ens. Superior incompleto
☐ ens. Superior completo
4. Qual a origem de suas mercadorias?
☒ Água Branca
☐ Delmiro Gouveia
☐ Paulo Afonso
☐ Piranhas
☒ outro local Itaúna, Sergipe
5. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
☐ 1 hora
☐ 2 horas
☐ 3 horas
☒ mais o dia todo
6. Comercializa em alguma outra feira da região?
 Se sim, qual? Sim, só em Delmiro
7. Vende os mesmos produtos nessas feiras?
 (somente para quem respondeu sim na questão anterior)
☐ sim ☐ não
8. É feirante há quanto tempo?
☐ 1 a 2 anos
☐ 2 a 5 anos

☐ 5 a 10 anos

☒ mais de 10 anos

9. Qual o significado da feira para você?
Significa um meio de sobrevivência
10. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?
☒ espaciais ☐ sociais
☐ culturais ☐ Outros
☐ econômicos
11. Quais fatores contribuíram para a vivência da profissão feirante?
☐ Tradição familiar ☐ outro
☒ Escolha de vida
☐ Pouca formação profissional
☐ Autonomia no trabalho
☐ A geração de renda imediata
12. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?
☒ as relações de amizade
☐ a confiança entre feirantes e fregueses
☐ a dinâmica cultural e simbólica
☐ as trocas de saberes e experiências
☐ não tem nenhuma característica que me chame a atenção
☐ outro
13. Na sua opinião, a feira livre de Delmiro Gouveia é um lugar de?
☒ vivências e experiências
☐ Trocas comerciais, somente
☐ Encontro entre diversos sujeitos
☐ Participação social
☐ a feira de Delmiro Gouveia não é um lugar
☐ outro
14. Na sua opinião, a feira livre contribui para a economia da cidade de Delmiro Gouveia?
☒ sim ☐ não

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura:

[Assinatura]



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, feirante.

Nome do (da) questionado (a) _____

Idade do (da) questionado (a) 35

1. Qual o local de moradia? Delmiro
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve? Trabalho agrícola
3. Qual o seu nível de formação?
 - ☐ ens. fundamental completo
 - ☐ ens. fundamental incompleto
 - ☐ ens. Médio completo
 - ☐ ens. Médio incompleto
 - ☒ ens. Superior incompleto
 - ☐ ens. Superior completo
4. Qual a origem de suas mercadorias?
 - ☐ Água Branca
 - ☒ Delmiro Gouveia
 - ☒ Paulo Afonso
 - ☐ Piranhas
 - ☐ outro local Sergipe, Bahia
5. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
 - ☐ 1 hora
 - ☐ 2 horas
 - ☐ 3 horas
 - ☒ mais 1 hora e mais tarde
6. Comercializa em alguma outra feira da região? Se sim, qual? Sim, em Delmiro
7. Vende os mesmos produtos nessas feiras? (somente para quem respondeu sim na questão anterior)
 - ☐ sim
 - ☐ não
8. É feirante há quanto tempo?
 - ☐ 1 a 2 anos
 - ☐ 2 a 5 anos

- ☐ 5 a 10 anos
- ☒ mais de 10 anos

9. Qual o significado da feira para você?

É uma fonte de sobrevivência e renda para a comunidade

10. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

- ☐ espaciais
- ☐ culturais
- ☒ econômicos
- ☐ sociais
- ☐ Outros

11. Quais fatores contribuíram para a vivência da profissão feirante?

- ☐ Tradição familiar
- ☒ Escolha de vida
- ☐ Pouca formação profissional
- ☐ Autonomia no trabalho
- ☐ A geração de renda imediata
- ☐ outro

12. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

- ☒ as relações de amizade
- ☐ a confiança entre feirantes e fregueses
- ☐ a dinâmica cultural e simbólica
- ☐ as trocas de saberes e experiências
- ☐ não tem nenhuma característica que me chame a atenção
- ☐ outro

13. Na sua opinião, a feira livre de Delmiro Gouveia é um lugar de?

- ☒ vivências e experiências
- ☐ Trocas comerciais, somente
- ☐ Encontro entre diversos sujeitos
- ☐ Participação social
- ☐ a feira de Delmiro Gouveia não é um lugar
- ☐ outro

14. Na sua opinião, a feira livre contribui para a economia da cidade de Delmiro Gouveia?

- ☒ sim
- ☐ não

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, transportador (a).

Nome do (da) questionado (a) _____

Idade do (da) questionado (a) 42

1. Qual o local de morada? Delmiro
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve? naquela feira de Delmiro
3. Qual o seu nível de formação?
 - () ens. fundamental completo
 - ☒ ens. fundamental incompleto
 - () ens. Médio completo
 - () ens. Médio incompleto
 - () ens. Superior incompleto
 - () ens. Superior completo
4. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
 - () 1 hora
 - () 2 horas
 - () 3 horas
 - ☒ mais até meio dia
5. Qual o tempo de deslocamento de sua residência até a feira livre de Delmiro Gouveia?
 - () 5 a 10 minutos
 - ☒ 10 a 30 minutos
 - () 30 minutos a 1 hora
 - () mais de 1 hora
6. Atua somente na feira livre de Delmiro Gouveia? Caso não, quais são as outras feiras que você costuma atuar?
 - () sim
 - () não
 - () Água Branca
 - ☒ Delmiro Gouveia
 - () Paulo Afonso
 - () Piranhas
 - () outras _____
7. Qual o significado da feira para você?

minha primeira profissão aqui na feira, com a feira

8. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

() espaciais () sociais
() culturais () Outros
☒ econômicos

9. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

() as relações de amizade
☒ a confiança entre feirantes e fregueses
() a dinâmica cultural e simbólica
() as trocas de saberes e experiências
() não tem nenhuma característica que me chame atenção
() outro _____

10. Na sua opinião, a feira livre contribui na economia da cidade de Delmiro Gouveia?

☒ sim () não

11. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista, qual destas funções desempenha na feira? a de:

() Consumidor
() Visitante
() Comerciante
☒ Transportador
() outro carregador

12. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista transportador (a), quais seriam as localidades em que o fluxo de pessoas transportadas é maior?

() Água Branca
☒ Delmiro Gouveia
() Paulo Afonso
() Piranhas
() outras olho d'água, mata grande, bairro abelardo, feira alta

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, transportador (a).

Nome do (da) questionado (a) _____

Idade do (da) questionado (a) 43

1. Qual o local de morada? Delmiro

2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
Não sobrevive

3. Qual o seu nível de formação?

- () ens. fundamental completo
(x) ens. fundamental incompleto
() ens. Médio completo
() ens. Médio incompleto
() ens. Superior incompleto
() ens. Superior completo

4. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?

- () 1 hora
() 2 horas
(x) 3 horas
() mais

5. Qual o tempo de deslocamento de sua residência até a feira livre de Delmiro Gouveia?

- (x) 5 a 10 minutos
() 10 a 30 minutos
() 30 minutos a 1 hora
() mais de 1 hora

6. Atua somente na feira livre de Delmiro Gouveia? Caso não, quais são as outras feiras que você costuma atuar?

() sim (x) não

- () Água Branca
() Delmiro Gouveia
() Paulo Afonso
() Piranhas
() outras

7. Qual o significado da feira para você?

Não tem nenhum tipo de relação

8. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

- () espaciais () sociais
() culturais () Outros
(x) econômicos

9. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

- () as relações de amizade
() a confiança entre feirantes e fregueses
() a dinâmica cultural e simbólica
() as trocas de saberes e experiências
() não tem nenhuma característica que me chame atenção
(x) outro Não existe nada que

10. Na sua opinião, a feira livre contribui na economia da cidade de Delmiro Gouveia?

(x) sim () não

11. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista, qual destas funções desempenha na feira? a de:

- () Consumidor quando mais em
() Visitante Delmiro e outras locais
() Comerciante
(x) Transportador comum
() outro

12. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista transportador (a), quais seriam as localidades em que o fluxo de pessoas transportadas é maior?

- () Água Branca
(x) Delmiro Gouveia
() Paulo Afonso
() Piranhas
() outras

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura:

[Assinatura]



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, transportador (a).

Nome do (da) questionado (a) Delmiro

Idade do (da) questionado (a) 30

1. Qual o local de morada? Delmiro
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve? Se a feira
3. Qual o seu nível de formação?
 - () ens. fundamental completo
 - ☒ ens. fundamental incompleto
 - () ens. Médio completo
 - () ens. Médio incompleto
 - () ens. Superior incompleto
 - () ens. Superior completo
4. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
 - () 1 hora
 - () 2 horas
 - () 3 horas
 - () mais até 4 horas
5. Qual o tempo de deslocamento de sua residência até a feira livre de Delmiro Gouveia?
 - () 5 a 10 minutos
 - ☒ 10 a 30 minutos
 - () 30 minutos a 1 hora
 - () mais de 1 hora
6. Atua somente na feira livre de Delmiro Gouveia? Caso não, quais são as outras feiras que você costuma atuar?
 - ☒ sim
 - () não
 - ☒ Água Branca
 - () Delmiro Gouveia
 - () Paulo Afonso
 - ☒ Piranhas
 - () outras
7. Qual o significado da feira para você?

Itabocara e Bahia

Significação

8. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

☒ espaciais () sociais
☐ culturais () Outros
☒ econômicos

9. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

☒ as relações de amizade
☒ a confiança entre feirantes e fregueses
☐ a dinâmica cultural e simbólica
☐ as trocas de saberes e experiências
☐ não tem nenhuma característica que me chame atenção
☐ outro

10. Na sua opinião, a feira livre contribui na economia da cidade de Delmiro Gouveia?

☒ sim () não
o povo é mais unido

11. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista, qual destas funções desempenha na feira? a de:

() Consumidor
☐ Visitante
☒ Comerciante
☐ Transportador
☐ outro

12. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista transportador (a), quais seriam as localidades em que o fluxo de pessoas transportadas é maior?

() Água Branca
☒ Delmiro Gouveia
☐ Paulo Afonso
☐ Piranhas
☐ outras

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura:

+



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, transportador (a).

Nome do (da) questionado (a) _____

Idade do (da) questionado (a) _____

1. Qual o local de morada?

Delmiro Gouveia AL

2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?

Sim

3. Qual o seu nível de formação?

- () ens. fundamental completo
☒ ens. fundamental incompleto
 () ens. Médio completo
 () ens. Médio incompleto
 () ens. Superior incompleto
 () ens. Superior completo

4. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?

- () 1 hora
 () 2 horas
 () 3 horas
 () mais 4 hrs

5. Qual o tempo de deslocamento de sua residência até a feira livre de Delmiro Gouveia?

- () 5 a 10 minutos
☒ 10 a 30 minutos
 () 30 minutos a 1 hora
 () mais de 1 hora

6. Atua somente na feira livre de Delmiro Gouveia? Caso não, quais são as outras feiras que você costuma atuar?

() sim ☒ não

- () Água Branca
 () Delmiro Gouveia
 () Paulo Afonso
 () Piranhas

☒ outras Per-mambuco - molhada
Foz de Iguazu

7. Qual o significado da feira para você?

Se do pra arrumar o
que comer e' meu meio
de sobrevivência

8. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

- () espaciais ☒ sociais
☒ culturais () Outros
☒ econômicos

9. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

- ☒ as relações de amizade
☒ a confiança entre feirantes e fregueses
 () a dinâmica cultural e simbólica
☒ as trocas de saberes e experiências
 () não tem nenhuma característica que me chame atenção
 () outro _____

10. Na sua opinião, a feira livre contribui na economia da cidade de Delmiro Gouveia?

- ☒ sim () não

11. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista, qual destas funções desempenha na feira? a de:

- () Consumidor
 () Visitante
☒ Comerciante
 () Transportador
 () outro _____

12. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista transportador (a), quais seriam as localidades em que o fluxo de pessoas transportadas é maior?

- () Água Branca
☒ Delmiro Gouveia
 () Paulo Afonso
 () Piranhas
 () outras _____

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência** – Juliana dos Santos Lima (estudante)

Sua participação é muito importante, transportador (a).

Nome do (da) questionado (a) _____

Idade do (da) questionado (a) 50

1. Qual o local de morada? Delmiro
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
Sim
3. Qual o seu nível de formação?
 - ☐ ens. fundamental completo
 - ☒ ens. fundamental incompleto
 - ☐ ens. Médio completo
 - ☐ ens. Médio incompleto
 - ☐ ens. Superior incompleto
 - ☐ ens. Superior completo
4. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
 - ☐ 1 hora
 - ☐ 2 horas
 - ☐ 3 horas
 - ☒ mais _____
5. Qual o tempo de deslocamento de sua residência até a feira livre de Delmiro Gouveia?
 - ☒ 5 a 10 minutos
 - ☐ 10 a 30 minutos
 - ☐ 30 minutos a 1 hora
 - ☐ mais de 1 hora
6. Atua somente na feira livre de Delmiro Gouveia? Caso não, quais são as outras feiras que você costuma atuar?
 - ☒ sim ☐ não
 - ☐ Água Branca
 - ☒ Delmiro Gouveia
 - ☐ Paulo Afonso
 - ☐ Piranhas
 - ☐ outras _____
7. Qual o significado da feira para você?

Sim, porque eu sou feirante

8. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

☐ espaciais ☐ sociais
☐ culturais ☐ Outros
☒ econômicos

9. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

☐ as relações de amizade
☐ a confiança entre feirantes e fregueses
☐ a dinâmica cultural e simbólica
☐ as trocas de saberes e experiências
☒ não tem nenhuma característica que me chame atenção
☐ outro _____

10. Na sua opinião, a feira livre contribui na economia da cidade de Delmiro Gouveia?

Não
☐ sim ☐ não

11. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista, qual destas funções desempenha na feira? a de:

☐ Consumidor
☐ Visitante
☐ Comerciante
☒ Transportador
☐ outro _____

12. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista transportador (a), quais seriam as localidades em que o fluxo de pessoas transportadas é maior?

☐ Água Branca
☒ Delmiro Gouveia
☐ Paulo Afonso
☐ Piranhas
☐ outras _____

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, feirante.

Nome do (da) questionado (a) _____

Idade do (da) questionado (a) 48 anos

1. Qual o local de morada?
Bairro Litorâneo - Delmiro
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
Não, Técnico de Limpeza
3. Qual o seu nível de formação?
 - () ens. fundamental completo
 - () ens. fundamental incompleto
 - () ens. Médio completo
 - ☒ ens. Médio incompleto
 - () ens. Superior incompleto
 - () ens. Superior completo
4. Qual a origem de suas mercadorias?
 - () Água Branca
 - () Delmiro Gouveia
 - () Paulo Afonso
 - () Piranhas
 - ☒ outro local Recife
5. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
 - () 1 hora
 - () 2 horas
 - () 3 horas
 - ☒ mais 6 horas
6. Comercializa em alguma outra feira da região?
Se sim, qual? Não
7. Vende os mesmos produtos nessas feiras? (somente para quem respondeu sim na questão anterior)
 - () sim
 - () não
8. É feirante há quanto tempo?
 - () 1 a 2 anos
 - () 2 a 5 anos

- ☒ 5 a 10 anos
- () mais de 10 anos

9. Qual o significado da feira para você?

É patrimônio cultural e um trabalho digno

10. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

- () espaciais
- ☒ culturais
- () econômicos
- () sociais
- () Outros

11. Quais fatores contribuíram para a vivência da profissão feirante?

- ☒ Tradição familiar
- () Escolha de vida
- () Pouca formação profissional
- () Autonomia no trabalho
- () A geração de renda imediata
- () outro

12. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

- () as relações de amizade
- () a confiança entre feirantes e fregueses
- () a dinâmica cultural e simbólica
- ☒ as trocas de saberes e experiências
- () não tem nenhuma característica que me chame a atenção
- () outro

13. Na sua opinião, a feira livre de Delmiro Gouveia é um lugar de?

- ☒ vivências e experiências
- () Trocas comerciais, somente
- () Encontro entre diversos sujeitos
- () Participação social
- () a feira de Delmiro Gouveia não é um lugar
- () outro

14. Na sua opinião, a feira livre contribui para a economia da cidade de Delmiro Gouveia?

- ☒ sim
- () não

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência** – Juliana dos Santos Lima (estudante)

Sua participação é muito importante, transportador (a).

Nome do (da) questionado (a) Delmiro

Idade do (da) questionado (a) 48 anos

1. Qual o local de morada?

Delmiro Gouveia

2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?

nas feiras culturais

3. Qual o seu nível de formação?

- () ens. fundamental completo
☒ ens. fundamental incompleto
 () ens. Médio completo
 () ens. Médio incompleto
 () ens. Superior incompleto
 () ens. Superior completo

4. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?

- () 1 hora
 () 2 horas
 () 3 horas
 () mais 3 hrs

5. Qual o tempo de deslocamento de sua residência até a feira livre de Delmiro Gouveia?

- () 5 a 10 minutos
☒ 10 a 30 minutos
 () 30 minutos a 1 hora
 () mais de 1 hora

6. Atua somente na feira livre de Delmiro Gouveia? Caso não, quais são as outras feiras que você costuma atuar?

☒ sim () não

- () Água Branca
 () Delmiro Gouveia
 () Paulo Afonso
 () Piranhas
 () outras -----

7. Qual o significado da feira para você?

A feira pra eu ser da terra
 e um divertimento
 pra eu ficar curado de
 dor

8. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

- ☒ espaciais () sociais
☒ culturais () Outros
☒ econômicos

9. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

- ☒ as relações de amizade
 () a confiança entre feirantes e fregueses
☒ a dinâmica cultural e simbólica
☒ as trocas de saberes e experiências
 () não tem nenhuma característica que me chame atenção
 () outro -----

10. Na sua opinião, a feira livre contribui na economia da cidade de Delmiro Gouveia?

☒ sim () não

11. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista, qual destas funções desempenha na feira? a de:

- () Consumidor
 () Visitante
☒ Comerciante
 () Transportador
 () outro -----

12. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista transportador (a), quais seriam as localidades em que o fluxo de pessoas transportadas é maior?

- () Água Branca
☒ Delmiro Gouveia
 () Paulo Afonso
 () Piranhas
 () outras -----

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura:

[Assinatura]





UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, feirante.

Nome do (da) questionado (a) Delmiro Gouveia

Idade do (da) questionado (a) 49 anos

1. Qual o local de morada?
Barra Nova - Delmiro Gouveia
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
Sim
3. Qual o seu nível de formação?
☐ ens. fundamental completo
☒ ens. fundamental incompleto
☐ ens. Médio completo
☐ ens. Médio incompleto
☐ ens. Superior incompleto
☐ ens. Superior completo
4. Qual a origem de suas mercadorias?
☐ Água Branca
☐ Delmiro Gouveia
☐ Paulo Afonso
☐ Piranhas
☒ outro local Parauapeçu, Arapiraca
5. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
☐ 1 hora
☐ 2 horas
☐ 3 horas
☒ mais 9 horas
6. Comercializa em alguma outra feira da região?
Se sim, qual?
Não
7. Vende os mesmos produtos nessas feiras? (somente para quem respondeu sim na questão anterior)
☐ sim ☐ não
8. É feirante há quanto tempo?
☐ 1 a 2 anos
☐ 2 a 5 anos

- ☐ 5 a 10 anos
☒ mais de 10 anos

9. Qual o significado da feira para você?

Uma Pausa boa

10. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

- ☐ espaciais ☐ sociais
☐ culturais ☐ Outros
☒ econômicos

11. Quais fatores contribuíram para a vivência da profissão feirante?

- ☐ Tradição familiar ☐ outro
☒ Escolha de vida
☐ Pouca formação profissional
☐ Autonomia no trabalho
☐ A geração de renda imediata

12. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

- ☒ as relações de amizade
☒ a confiança entre feirantes e fregueses
☐ a dinâmica cultural e simbólica
☐ as trocas de saberes e experiências
☐ não tem nenhuma característica que me chame a atenção
☐ outro

13. Na sua opinião, a feira livre de Delmiro Gouveia é um lugar de?

- ☐ vivências e experiências
☐ Trocas comerciais, somente
☒ Encontro entre diversos sujeitos
☐ Participação social
☐ a feira de Delmiro Gouveia não é um lugar
☐ outro

14. Na sua opinião, a feira livre contribui para a economia da cidade de Delmiro Gouveia?

- ☒ sim ☐ não

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia - AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência** - Juliana dos Santos Lima (estudante)

Sua participação é muito importante, feirante.

Nome do (da) questionado (a) Delmiro

Idade do (da) questionado (a) _____

1. Qual o local de morada?
Água Branca - AL
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
Não. Agricultor
3. Qual o seu nível de formação?
☐ ens. fundamental completo
☒ ens. fundamental incompleto
☐ ens. Médio completo
☐ ens. Médio incompleto
☐ ens. Superior incompleto
☐ ens. Superior completo
4. Qual a origem de suas mercadorias?
☐ Água Branca
☐ Delmiro Gouveia
☐ Paulo Afonso
☐ Piranhas
☒ outro local Macieira, Pão de Açúcar
5. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
☐ 1 hora
☐ 2 horas
☐ 3 horas
☒ mais cerca de 5 horas
6. Comercializa em alguma outra feira da região?
 Se sim, qual? Se sim Delmiro Gouveia
7. Vende os mesmos produtos nessas feiras? (somente para quem respondeu sim na questão anterior)
☐ sim ☐ não
8. É feirante há quanto tempo?
☐ 1 a 2 anos
☐ 2 a 5 anos

- ☐ 5 a 10 anos
☒ mais de 10 anos

9. Qual o significado da feira para você?

Porque Preciso do dinheiro.
Fonte de renda

10. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

- ☐ espaciais ☐ sociais
☒ culturais ☐ Outros
☒ econômicos

11. Quais fatores contribuíram para a vivência da profissão feirante?

- ☐ Tradição familiar ☐ outro
☐ Escolha de vida
☐ Pouca formação profissional
☐ Autonomia no trabalho
☒ A geração de renda imediata

12. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

- ☐ as relações de amizade
☐ a confiança entre feirantes e fregueses
☐ a dinâmica cultural e simbólica
☐ as trocas de saberes e experiências
☒ não tem nenhuma característica que me chame a atenção
☐ outro _____

13. Na sua opinião, a feira livre de Delmiro Gouveia é um lugar de?

- ☒ vivências e experiências
☐ Trocas comerciais, somente
☐ Encontro entre diversos sujeitos
☐ Participação social
☐ a feira de Delmiro Gouveia não é um lugar
☐ outro _____

14. Na sua opinião, a feira livre contribui para a economia da cidade de Delmiro Gouveia?

- ☒ sim ☐ não

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: Juliana dos Santos Lima



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia - AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência** - Juliana dos Santos Lima (estudante)

Sua participação é muito importante, feirante.

Nome do (da) questionado (a): marcelo

Idade do (da) questionado (a): 40 anos

1. Qual o local de morada?
Delmiro Gouveia - AL
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
sim
3. Qual o seu nível de formação?
☐ ens. fundamental completo
☐ ens. fundamental incompleto
☒ ens. Médio completo
☐ ens. Médio incompleto
☐ ens. Superior incompleto
☐ ens. Superior completo
4. Qual a origem de suas mercadorias?
☐ Água Branca
☐ Delmiro Gouveia
☐ Paulo Afonso
☐ Piranhas
☐ outro local Caruaru
5. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
☐ 1 hora
☒ 2 horas
☐ 3 horas
☐ mais 8hs às 10hs
6. Comercializa em alguma outra feira da região?
 Se sim, qual? Não, só em Delmiro
7. Vende os mesmos produtos nessas feiras? (somente para quem respondeu sim na questão anterior)
☐ sim ☐ não
8. É feirante há quanto tempo?
☐ 1 a 2 anos
☐ 2 a 5 anos

- ☐ 5 a 10 anos
☒ mais de 10 anos

9. Qual o significado da feira para você?

é fonte de renda e meu trabalho

10. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

- ☒ espaciais ☒ sociais
☒ culturais ☐ Outros
☒ econômicos

11. Quais fatores contribuíram para a vivência da profissão feirante?

- ☒ Tradição familiar ☐ outro
☐ Escolha de vida
☐ Pouca formação profissional
☐ Autonomia no trabalho
☐ A geração de renda imediata

12. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

- ☐ as relações de amizade
☐ a confiança entre feirantes e fregueses
☒ a dinâmica cultural e simbólica
☒ as trocas de saberes e experiências
☐ não tem nenhuma característica que me chame a atenção
☐ outro -----

13. Na sua opinião, a feira livre de Delmiro Gouveia é um lugar de?

- ☐ vivências e experiências
☐ Trocas comerciais, somente
☒ Encontro entre diversos sujeitos
☐ Participação social
☐ a feira de Delmiro Gouveia não é um lugar
☐ outro -----

14. Na sua opinião, a feira livre contribui para a economia da cidade de Delmiro Gouveia?

- ☒ sim ☐ não

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: Juliana dos Santos Lima



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, feirante.

Nome do (da) questionado (a) Juliana dos Santos Lima

Idade do (da) questionado (a) 58 anos

1. Qual o local de morada?
Delmiro Gouveia - AL
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
Sim
3. Qual o seu nível de formação?
☐ ens. fundamental completo
☒ ens. fundamental incompleto
☐ ens. Médio completo
☐ ens. Médio incompleto
☐ ens. Superior incompleto
☐ ens. Superior completo
4. Qual a origem de suas mercadorias?
☐ Água Branca
☐ Delmiro Gouveia
☐ Paulo Afonso
☐ Piranhas
☐ outro local Caruaru
5. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
☐ 1 hora
☐ 2 horas
☐ 3 horas
☐ mais 08 hrs
6. Comercializa em alguma outra feira da região?
Se sim, qual?
Não, só em Delmiro
7. Vende os mesmos produtos nessas feiras? (somente para quem respondeu sim na questão anterior)
☐ sim ☐ não
8. É feirante há quanto tempo?
☐ 1 a 2 anos
☐ 2 a 5 anos

☐ 5 a 10 anos

☒ mais de 10 anos

9. Qual o significado da feira para você?
Tudo, por sobreviver ok
10. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?
☐ espaciais ☐ sociais
☐ culturais ☐ Outros
☒ econômicos
11. Quais fatores contribuíram para a vivência da profissão feirante?
☐ Tradição familiar ☐ outro
☐ Escolha de vida
☐ Pouca formação profissional
☒ Autonomia no trabalho
☐ A geração de renda imediata
12. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?
☒ as relações de amizade
☐ a confiança entre feirantes e fregueses
☐ a dinâmica cultural e simbólica
☒ as trocas de saberes e experiências
☐ não tem nenhuma característica que me chame a atenção
☐ outro
13. Na sua opinião, a feira livre de Delmiro Gouveia é um lugar de?
☐ vivências e experiências
☒ Trocas comerciais, somente
☒ Encontro entre diversos sujeitos
☐ Participação social
☐ a feira de Delmiro Gouveia não é um lugar
☐ outro
14. Na sua opinião, a feira livre contribui para a economia da cidade de Delmiro Gouveia?
☒ sim ☐ não

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura:

Juliana dos Santos Lima



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, transportador (a).

Nome do (da) questionado (a) _____

Idade do (da) questionado (a) 41 anos

1. Qual o local de morada? Delmiro Gouveia
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
sim, agricultura
3. Qual o seu nível de formação?
☒ ens. fundamental completo
☐ ens. fundamental incompleto
☐ ens. Médio completo
☐ ens. Médio incompleto
☐ ens. Superior incompleto
☐ ens. Superior completo
4. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
☐ 1 hora
☐ 2 horas
☐ 3 horas
☒ mais meses
5. Qual o tempo de deslocamento de sua residência até a feira livre de Delmiro Gouveia?
☒ 5 a 10 minutos
☐ 10 a 30 minutos
☐ 30 minutos a 1 hora
☐ mais de 1 hora
6. Atua somente na feira livre de Delmiro Gouveia? Caso não, quais são as outras feiras que você costuma atuar?
☒ sim ☐ não
☐ Água Branca
☐ Delmiro Gouveia
☐ Paulo Afonso
☐ Piranhas
☐ outras _____
7. Qual o significado da feira para você?

é o ponto de venda, é o grande meio de sobrevivência da empresa, pois garante o trabalho. É parte essencial da vida.

8. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

☒ espaciais ☐ sociais
☐ culturais ☐ Outros
☐ econômicos

9. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

porque vende tudo
☐ as relações de amizade
☐ a confiança entre feirantes e fregueses
☐ a dinâmica cultural e simbólica
☐ as trocas de saberes e experiências
☐ não tem nenhuma característica que me chame atenção
☐ outro o fluxo de movimento

10. Na sua opinião, a feira livre contribui na economia da cidade de Delmiro Gouveia?

☒ sim ☐ não

11. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista, qual destas funções desempenha na feira? a de: →

☐ Consumidor
☐ Visitante
☒ Comerciante
☒ Transportador
☐ outro _____

12. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista transportador (a), quais seriam as localidades em que o fluxo de pessoas transportadas é maior?

☐ Água Branca
☒ Delmiro Gouveia
☐ Paulo Afonso
☐ Piranhas
☐ outras _____

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, transportador (a).

Nome do (da) questionado (a) _____

Idade do (da) questionado (a) 36 _____

1. Qual o local de morada? Delmiro
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
se der para, moto, Taxis
3. Qual o seu nível de formação?
 - () ens. fundamental completo
 - ☒ ens. fundamental incompleto
 - () ens. Médio completo
 - () ens. Médio incompleto
 - () ens. Superior incompleto
 - () ens. Superior completo
4. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
 - () 1 hora
 - () 2 horas
 - () 3 horas
 - ☒ mais o dia todo
5. Qual o tempo de deslocamento de sua residência até a feira livre de Delmiro Gouveia?
 - ☒ 5 a 10 minutos
 - () 10 a 30 minutos
 - () 30 minutos a 1 hora
 - () mais de 1 hora
6. Atua somente na feira livre de Delmiro Gouveia? Caso não, quais são as outras feiras que você costuma atuar?
 - () sim
 - () não
 - () Água Branca
 - ☒ Delmiro Gouveia
 - () Paulo Afonso
 - () Piranhas
 - () outras _____
7. Qual o significado da feira para você?

significa, para mim, a praça
onde encontro o povo da cidade
dele

8. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

- ☒ espaciais
- () culturais
- ☒ econômicos
- () sociais
- () Outros

9. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

- ☒ as relações de amizade
- () a confiança entre feirantes e fregueses
- () a dinâmica cultural e simbólica
- () as trocas de saberes e experiências
- () não tem nenhuma característica que me chame atenção
- () outro _____

10. Na sua opinião, a feira livre contribui na economia da cidade de Delmiro Gouveia?

- ☒ sim
- () não

11. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista, qual destas funções desempenha na feira? a de:

- () Consumidor
- () Visitante
- () Comerciante
- ☒ Transportador
- () outro _____

12. Considerando que o (a) questionado (a) é um (a) motorista transportador (a), quais seriam as localidades em que o fluxo de pessoas transportadas é maior?

- () Água Branca
- ☒ Delmiro Gouveia
- () Paulo Afonso
- () Piranhas
- () outras Salgado

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: Paulo Afonso



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante)**

Sua participação é muito importante, feirante.

Nome do (da) questionado (a) _____

Idade do (da) questionado (a) 48 anos

1. Qual o local de morada?
Amatombento, Gemilado, Nave
2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?
Sim
3. Qual o seu nível de formação?
 - ☐ ens. fundamental completo
 - ☐ ens. fundamental incompleto
 - ☐ ens. Médio completo
 - ☒ ens. Médio incompleto
 - ☐ ens. Superior incompleto
 - ☐ ens. Superior completo
4. Qual a origem de suas mercadorias?
 - ☐ Água Branca
 - ☐ Delmiro Gouveia
 - ☐ Paulo Afonso
 - ☐ Piranhas
 - ☒ outro local 7hrs
5. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?
 - ☐ 1 hora
 - ☐ 2 horas
 - ☐ 3 horas
 - ☒ mais 7hrs
6. Comercializa em alguma outra feira da região? Se sim, qual?
Não em Delmiro Gouveia
7. Vende os mesmos produtos nessas feiras? (somente para quem respondeu sim na questão anterior)
 - ☐ sim
 - ☐ não
8. É feirante há quanto tempo?
 - ☒ 1 a 2 anos
 - ☐ 2 a 5 anos

- ☐ 5 a 10 anos
- ☐ mais de 10 anos

9. Qual o significado da feira para você?

Otimo

10. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

- ☐ espaciais
- ☒ sociais
- ☐ culturais
- ☒ Outros
- ☒ econômicos

11. Quais fatores contribuíram para a vivência da profissão feirante?

- ☐ Tradição familiar
- ☒ Escolha de vida
- ☐ Pouca formação profissional
- ☐ Autonomia no trabalho
- ☐ A geração de renda imediata
- ☐ outro

12. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

- ☒ as relações de amizade
- ☐ a confiança entre feirantes e fregueses
- ☒ a dinâmica cultural e simbólica
- ☐ as trocas de saberes e experiências
- ☐ não tem nenhuma característica que me chame a atenção
- ☐ outro

13. Na sua opinião, a feira livre de Delmiro Gouveia é um lugar de?

- ☒ vivências e experiências
- ☐ Trocas comerciais, somente
- ☒ Encontro entre diversos sujeitos
- ☐ Participação social
- ☐ a feira de Delmiro Gouveia não é um lugar
- ☐ outro

14. Na sua opinião, a feira livre contribui para a economia da cidade de Delmiro Gouveia?

- ☒ sim
- ☐ não

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura:

Juliana dos Santos Lima



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Este questionário é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: **Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência** – Juliana dos Santos Lima (estudante)

Sua participação é muito importante, feirante.

Nome do (da) questionado (a) Delmiro Gouveia

Idade do (da) questionado (a) 64 anos

1. Qual o local de morada?

Delmiro Gouveia - AL

2. Tem a feira como principal estratégia de sobrevivência? Caso não, que outras estratégias de sobrevivência você desenvolve?

na aposentadoria

3. Qual o seu nível de formação?

- () ens. fundamental completo
☒ ens. fundamental incompleto
 () ens. Médio completo
 () ens. Médio incompleto
 () ens. Superior incompleto
 () ens. Superior completo

4. Qual a origem de suas mercadorias?

- () Água Branca
 () Delmiro Gouveia
 () Paulo Afonso
 () Piranhas
 () outro local Coruripe

5. Quanto tempo costuma permanecer na feira livre de Delmiro Gouveia?

- () 1 hora
 () 2 horas
 () 3 horas
☒ mais 4 hrs

6. Comercializa em alguma outra feira da região? Se sim, qual?

na feira Delmiro Gouveia - AL

7. Vende os mesmos produtos nessas feiras? (somente para quem respondeu sim na questão anterior)

- () sim () não

8. É feirante há quanto tempo?

- () 1 a 2 anos
 () 2 a 5 anos

() 5 a 10 anos

☒ mais de 10 anos

9. Qual o significado da feira para você?

É minha sobrevivência e ajuda de e ajuda não conta do fim de mês

10. Você se sente vinculado com a feira de Delmiro Gouveia? Se sim, quais seriam esses vínculos?

- ☒ espaciais ☒ sociais
☒ culturais () Outros
☒ econômicos

11. Quais fatores contribuíram para a vivência da profissão feirante?

- () Tradição familiar () outro
 () Escolha de vida
 () Pouca formação profissional
☒ Autonomia no trabalho
☒ A geração de renda imediata

12. Na sua opinião, quais são as características da feira que mais te chamam a atenção?

- ☒ as relações de amizade
☒ a confiança entre feirantes e fregueses
☒ a dinâmica cultural e simbólica
☒ as trocas de saberes e experiências
 () não tem nenhuma característica que me chame a atenção
 () outro

13. Na sua opinião, a feira livre de Delmiro Gouveia é um lugar de?

- () vivências e experiências
☒ Trocas comerciais, somente
☒ Encontro entre diversos sujeitos
 () Participação social
 () a feira de Delmiro Gouveia não é um lugar
 () outro

14. Na sua opinião, a feira livre contribui para a economia da cidade de Delmiro Gouveia?

- ☒ sim () não

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura:

Juliana dos Santos Lima



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) -- Juliana dos Santos Lima

Idade do (a) entrevistado (a) 58 anos

1. Na feira, o que mais importa para você?

Apurar dinheiro, a mãe apurou dinheiro não faz nada
(vendas)

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

A procura de emprego, porque sem emprego não tem renda
e não trabalha para

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

Sim, tem gente que vive da feira e tá todo dia
negociando e isso gera dinheiro

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

Tá a mesma coisa, agora está melhor que antes lá
está melhor

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

Pro mim tá bom, por enquanto tá bom

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: el



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) --

Idade do (a) entrevistado (a) --

54

1. Na feira, o que mais importa para você?

A gente trabalha, é muito importante

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

As pessoas, que ficam aqui

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

Contribui, porque a gente recebe o dinheiro da feira em Delmiro

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

Por ora está a mesma coisa, ainda não está nada

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

Já a mesma coisa, se mudar eu não sei
Dá na fé daqui pra frente, porque está a mesma

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinat



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) _____

Idade do (a) entrevistado (a) 56

1. Na feira, o que mais importa para você?

A venda e os amigos perto na feira

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

A questão da diversidade de gente e produtos

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

Sim, porque aqui não tem muito comércio trabalho

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

Vai ser melhor e mais organizado

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

Estou lidando bem, não mudou quase nada

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) _____

Idade do (a) entrevistado (a) 23 _____

1. Na feira, o que mais importa para você?

Tudo é importante, o que é mais importante é o cliente.

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

As pessoas, os clientes que vêm comprar.

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

Sim, porque gera dinheiro e gera renda para o feirante e para a renda é aqui.

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

Faz bem, vai ser bom.

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

Bom, mudou mais o movimento de pessoas na feira, um questionário de pessoas andando.

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: x _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) _____

Idade do (a) entrevistado (a) 38

1. Na feira, o que mais importa para você?
O trabalho
2. O que você acha que mais movimenta a feira?
As vendas de tapetes, frutas e maracujá
3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?
Não, porque as vendas não são de fato
4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?
A limpeza vai ajudar, as bancas vão ficar melhores
5. Como você tem lidado com tais mudanças?
Estou bem, pois ganho mais clientes, porque minha banca fica de frente para o mercado

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: Assinatura do entrevistado



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) _____

Idade do (a) entrevistado (a) 57

1. Na feira, o que mais importa para você?

fn o local pra vender

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

A venda da banana

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

Sim, mas não o pagão

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

Os mulhões

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

na fase de adaptação

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) --

Idade do (a) entrevistado (a) --

1. Na feira, o que mais importa para você?

O importante são os produtos, as vendas... a gente é feirante e tem que vender, é isso que importa.

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

Os produtos.

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

Não, porque a economia tá baixa, os limites do bairro são baixos, ninguém tem mais.

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

Fica legal... onde a feira foi a gente tem que ir atrás porque a gente é feirante.

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

Tem trabalho, né.

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: 



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) _____

Idade do (a) entrevistado (a) _____

1. Na feira, o que mais importa para você?

vender as minhas mercadorias

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

O emprego, porque com emprego tem renda pra comprar

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

contribui, porque eu compro tudo aqui em Delmiro

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

Taxa muito, caiu 40% de venda, caiu muito

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

Depois da mudança tá pior. Uns clientes robam outros não robam da banda.

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) _____

Idade do (a) entrevistado (a) 32 _____

1. Na feira, o que mais importa para você?

Eu é minha vida e o trabalho, o que mais importa é o trabalho.

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

O povo que vem comprar e vender procura a pessoa

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

Sim, porque quando a feira é feita o movimento das coisas cai muito. Eles compram a gente e a gente compra a eles.

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

Não gostei, porque perdi os frequentes e perdemos a diversidade das coisas e vai ficar, porque a feira é livre. Era pra colocar a gente lá.

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

Logo no início foi difícil e angustiante, porque a gente não tem relação com o lugar que a gente ficou.

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: Juliana dos Santos Lima



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) 1. 11

Idade do (a) entrevistado (a) 54

1. Na feira, o que mais importa para você?

Só trabalhar, não tem nada... O governo tá cortando tudo aí só o trabalho mesmo.

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

Os preços, o dinheiro, porque precisam comprar mais mercadorias.

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

contribui, porque quanto mais gente tiver pra comprar e vender.

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

Mudou muita coisa, ficou mais na frente e outras coisas, mas está ficando, mudou muito.

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

Tá bom, pelo menos estamos vendendo... mas começaram umas coisas e não terminaram.

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: [assinatura]



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) _____

Idade do (a) entrevistado (a) 24 _____

1. Na feira, o que mais importa para você?

É de tudo, um de tudo com tudo.

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

Os vendedores, os vendedores de tudo e comida.

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

Sim, porque gira tudo.

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

Mudou tudo, a maioria das pessoas trouxe mais mercadorias e agora não trazem porque não vende.

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

Mudou porque faz pouco tempo, mas depois acostuma. Para mim tá bom, onde tinham coisas aqui não tá mais assim não.

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante). Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) _____

Idade do (a) entrevistado (a) 34

1. Na feira, o que mais importa para você?

os clientes

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

as vendas

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

Sim, porque movimenta as lojas e mercados locais

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

Eu não sei, vai ser coberto

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

Eu não sei, mas a perda dos clientes é muita quem
já não vem mais, fica deixando a minha banca

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) _____

Idade do (a) entrevistado (a) 60 _____

1. Na feira, o que mais importa para você?

Não dá nada muito importante

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

A questão de preço dos produtos, ajuda na motivação e melhora vendas

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

Sim, não dá o porque

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

A questão dos barracos

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

Estou ficando mais feliz, por causa da mudança

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) _____

Idade do (a) entrevistado (a) 63 _____

1. Na feira, o que mais importa para você?

A gente tá olhando importante a questão de qual a feira é um tipo de entretenimento onde tá mais na feira tem coisa

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

Desde todos os produtos tem vendados e tem muito movimento

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

Sim, mais não sabe a porque

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

Vai ser melhor, por causa das instalações das bancas

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

Estou achando bom, os vendados estão ganhando mais

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) Juliana

Idade do (a) entrevistado (a) 59

1. Na feira, o que mais importa para você?
A feira é tipo uma diversão
2. O que você acha que mais movimenta a feira?
A movimentação e um preço
3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?
Sim, por causa que a maioria dos produtos são de fora da cidade
4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?
A venda de melancias e abacates
5. Como você tem lidado com tais mudanças?
Estou lidando bem porque está tudo a mesma coisa

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: [Assinatura]



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) ----

Idade do (a) entrevistado (a) 22

1. Na feira, o que mais importa para você?

Não importa nada, só tenho mesmo pra não ficar em casa

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

As necessidades das pessoas que precisam comprar

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

Sim,

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

vai ficar melhor, porque agora cada parte vai ficar melhor, por exemplo, roupas em um canto, vai ficar mais organizado, antes estava muito bagunçado.

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

Tô achando ruim um pouco os cliente que estão perdendo ainda, ainda tem questão de não saber a banca, ainda tá a banca.

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: + (



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia - AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência - Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) ----

Idade do (a) entrevistado (a) 51

1. Na feira, o que mais importa para você?

Um vender, e um comprar, só isso.

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

As pessoas, porque eles vêm pra feira comprar as coisas
e movimenta.

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

Contribui, porque quanto mais movimento tem na feira
mais gente tem pra comprar, e quando a feira é pequena
nunka dá um nada.

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

Mudou, mas foi melhor porque antes eu vendia na
calçada e agora estão numa banca.

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

Então achando bom, não vou bater mais muitas coisas
no chão, quando chovia molhava tudo, do jeito que batia
mais coisa porque não tinha cama, agora tenho uma banca.

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL

Esta entrevista é um componente da minha pesquisa para realização do TCC no curso de Licenciatura em Geografia. O trabalho tem como título: Feirantes e narrativas de identificação com o lugar-feira em Delmiro Gouveia – AL: estratégias socioeconômicas e culturais de sobrevivência – Juliana dos Santos Lima (estudante) Sua participação é muito importante.

Nome do (a) entrevistado (a) _____

Idade do (a) entrevistado (a) _____

1. Na feira, o que mais importa para você?

Umidar, no mesmo.

2. O que você acha que mais movimenta a feira?

Percebal, não o pessoal não tem para, pois não teria quem comprar.

3. A feira contribui para o desenvolvimento econômico e Regional do Alto Sertão? Por quê?

contribui, porque é uma fonte de renda e muito gente a fora. O ganha por de muito gente. Porque um todo mundo tem.

4. O que você acha que vai mudar na feira a partir das mudanças realizadas recentemente pela prefeitura?

vai melhorar a questão da venda, segurança, conforto, espaço melhor e mais organizado.

5. Como você tem lidado com tais mudanças?

no início é difícil, porque perdemos alguns frequentes, aí mudou tudo. mas agora tá normal.

Eu, abaixo assinado, concordo com a publicação das respostas desta entrevista junto ao Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Juliana dos Santos Lima, para fins acadêmicos e de produção de conhecimentos.

Assinatura: _____